

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

SERGIO RICARDO TOLEDO

**O CONTRASTE ENTRE A MULHER ENVOLVIDA DE SOL E A GRANDE
PROSTITUTA**

MESTRADO EM TEOLOGIA BÍBLICA

SÃO PAULO

2022



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SERGIO RICARDO TOLEDO

O CONTRASTE ENTRE A MULHER ENVOLVIDA DE SOL E A GRANDE
PROSTITUTA

MESTRADO EM TEOLOGIA BÍBLICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia Bíblica, com concentração bíblica, sob orientação do Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo.

SÃO PAULO

2022

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: 15/01/2022

E-mail: teologoricardotoledo@gmail.com

Toledo, Sergio Ricardo

O CONTRASTE ENTRE A MULHER ENVOLVIDA DE SOL E A
GRANDE PROSTITUTA / SergioRicardo Toledo. -- São
Paulo: [s.n.], 2022.

178p ; 21 X 29,7 cm.

Orientador: Gilvan Leite Araújo.

Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Teologia.

1. Apocalipse de João. 2. Literatura Joanina. 3.
Grande Prostituta/Idolatria. 4. Mulher Envolvida de
Sol. I. Araújo, Gilvan Leite . II. Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Programa de
Estudos Pós-Graduados em Teologia. III. Título.

CDD

O CONTRASTE ENTRE A MULHER ENVOLVIDA DE SOL E A GRANDE PROSTITUTA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia Bíblica, com concentração bíblica, sob orientação do Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo.

Aprovado em 22 de março de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo / PUCSP - Orientador

Prof. Dr. Matthias Grenzer / PUCSP

Prof. Dr. Pe. Antônio Carlos Frizzo / ITESP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a José Carlos (in memorian) e Clara Toledo; meus pais, meus mestres por excelência, que me instruíram na escolha de um caminho e alertaram para todo o esforço necessário.

A Fabio, Cauan, Mariah (meu anjinho apressado) e Sofia, meus filhos e minha inspiração.

A Janaina Toledo, minha esposa; pela presença, apoio e incentivo.

A Rogério, Sandra e Tatiana, meus irmãos e parceiros de uma vida inteira.

A Sandy, Enrico, Caio (outro anjinho apressado), Aaron, meus sobrinhos. A Giovana, Fernando, Rodrigo e Bruna, parte de tudo.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – 88887.473758/2020-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – 88887.473758/2020-00.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo chamado e pela oportunidade de viver esta experiência.

À profa. Letícia Macedo, pelas indispensáveis aulas de grego. À profa. Danielly Macêdo, pela revisão gramatical e normativa.

A todos os alunos com quem tive oportunidade de conviver durante o período deste curso e aos amigos conquistados; em especial, Frei Fábio, Hugo e Vamberto – que a vida nos permita caminhar juntos.

Ao meu orientador Dr. Pe. Gilvan Leite Araújo, pela fundamental contribuição acadêmica e pelo estímulo no decorrer desta pesquisa.

Aos membros da banca de qualificação, Prof. Dr. Pe. Jose Aguiar Nobre e Prof. Dr. Matthias Grenzer, por aceitarem o convite, pela gentileza da leitura desse trabalho e pelas valiosas observações.

Ao grupo de estudos, LIJO, pelos muitos momentos trabalho, partilha e aprendizado.

A todos os professores do PEPGT, por toda instrução e ensinamentos, dentro e fora de sala de aula.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Campus Ipiranga – e todos os funcionários, pela disponibilidade.

E a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que este caminho pudesse ser completado.

“...os apocalipses tipicamente exortam e consolam. Eles não assumem a postura de um observador neutro, mas assumem e impingem um ponto de vista bem definido.”

John J. Collins

TOLEDO, Sergio Ricardo. **O contraste entre a mulher envolvida de sol e a grande prostituta**. 2022.178f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

RESUMO

A Mulher Envolvida de Sol e a Grande Prostituta são apresentadas como antitéticas, são portadoras de atributos sobrenaturais e possuem características compatíveis às humanas. Este estudo busca entender cada uma dessas personagens em seu próprio contexto, bem como identificar suas particularidades e determinar sua importância naquele momento específico da história. Para tanto, contemplaram-se como ancoragens teóricas a influência do judaísmo e do AT, bem como apontamentos acerca da Mulher Envolvida de Sol, no que se refere aos seguintes tópicos: como se deu o seu surgimento no céu, a estadia na terra, as perseguições que o Dragão impôs e o salvamento vindo de Deus. Da mesma forma, a Grande Prostituta foi analisada a partir de vários tópicos, os quais compreendem desde a sua introdução até a sua destruição. O método histórico-crítico perpassou as análises exegéticas. Quanto às etapas de análise, destacam-se: a delimitação a perícopes de trabalho, o estudo das variantes textuais e a segmentação. Adotou-se, ainda, a tradução formal e a análise linguística. Através deste estudo, observou-se que duas das personagens apresentadas por João têm a capacidade de sintetizar a mensagem contida em seu livro do Apocalipse. A Mulher Envolvida de Sol, surgida no céu, é enfeitada com dons divinos, representa a fidelidade a Deus e a confiança em seus planos. A outra, a Grande Prostituta, tem características exatamente opostas, fascinada pelo luxo, poder e opressão contra aqueles que se recusam a também participar do seu estilo de vida. Esta simboliza os comportamentos mais repugnantes aos olhos de Deus. Cada uma delas serve a seu senhor da melhor maneira que pode e recebe em troca o justo salário por suas ações. A primeira gesta o(s) Filho(s) de Deus e, não obstante toda dificuldade no seu caminho, está prestes a alcançar a plenitude junto a seu Criador. Já a segunda é uma taça de pecados e abominações, buscando a cada dia levar homens e mulheres à idolatria e corrupção moral. Tantas diferenças fazem prever o destino que as aguarda; uma será cuidada, protegida e salva, a outra será destruída. Todavia, acima de tudo isso, estas duas figuras representam a mulher e o homem, em sua caminhada por este mundo, através dos tempos. Num momento, são santos; no seguinte, pecadores capazes de se perder no amor de Deus com a mesma força que podem aderir à imoralidade e a prostituição. Nesse sentido, ressalta-se que cada pessoa defina sua trincheira, pois a sentença de Deus, já proclamada, rapidamente será cumprida.

Palavras-chave: Apocalipse; Idolatria; Literatura joanina; Mulher; Prostituta.

TOLEDO, Sergio Ricardo. **Contrast between the Woman Clothed with the Sun and the Great Prostitute**. 2022.178f. Thesis (Master of Theology) - Program of Postgraduate Studies in Theology, Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2022.

ABSTRACT

The Woman Envolved in the Sun and the Great Prostitute are presented as antithetical, bear supernatural attributes and have characteristics compatible with humans. This study seeks to understand each of these characters in their own context, as well as to identify their particularities and determine their importance at that specific moment in history. In order to do so, the influence of Judaism and the OT were considered as theoretical anchors, as well as notes about the Woman Envolved in the Sun, with regard to the following topics: how did her emergence in heaven, her stay on earth, the persecutions that the Dragon imposed and the rescue coming from God. Likewise, the Great Whore was analyzed from several topics, which range from its introduction to its destruction. The historical-critical method permeated the exegetical analyses. As for the stages of analysis, the following stand out: the delimitation of the work pericope, the study of textual variants and segmentation. Formal translation and linguistic analysis were also adopted. Through this study, it was observed that two of the characters presented by John have the ability to synthesize the message contained in his book of Revelation. Woman Envolved in the Sun, appeared in the sky, is adorned with divine gifts, represents faithfulness to God and trust in her plans. The other, the Great Whore, has exactly the opposite characteristics, fascinated by luxury, power and oppression against those who refuse to also participate in her way of life. This symbolizes the most disgusting behaviors in the eyes of God. Each of them serves his lord to the best of his ability and receives a fair wage in return for his actions. The first gestation is the Son(s) of God and, despite all the difficulties on his way, he is about to reach fullness with his Creator. The second is a cup of sins and abominations, seeking every day to lead men and women to idolatry and moral corruption. So many differences predict the fate that awaits them; one will be cared for, protected and saved, the other will be destroyed. However, above all this, these two figures represent the woman and the man, in their walk through this world, through the ages. One moment they are saints; in the next, sinners capable of losing themselves in the love of God with the same force that can adhere to immorality and prostitution. In this sense, it is noteworthy that each person defines his or her trench, because the sentence of God, already proclaimed, will quickly be fulfilled.

Keywords: Revelation; Idolatry; Johannine Literature; Woman Prostitute

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Elementos de delimitação da perícopes capítulo 12	35
Quadro 2 – Delimitação e divisão da perícopes	37
Quadro 3 – Variantes e Lições Ap 12 (1-6 e 13-17)	44
Quadro 4 – Elementos de delimitação da perícopes Ap 18	82
Quadro 5 – Delimitação e divisão da perícopes	84
Quadro 6 – Variantes e Lições Ap 18, 1-3 e 21-24.....	85

LISTA DE ABREVIATURAS

Abreviaturas bíblicas

Antigo Testamento

Gn	Genesis
Ex	Êxodo
Lv	Levítico
Nu	Números
Rs	Reis
Dt	Deuteronômio
Sl	Salmo
Ecl	Eclesiastes
Is	Isaias
Jr	Jeremias
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Na	Naun
Zc	Zacarias
Tb	Tobias
Os	Oséias
Hab	Habacuc
Sof	Sofonias

Novo Testamento

Mt	Mateus
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Romanos
Cor	Coríntios
Gl	Gálatas
Pd	Pedro
Ap	Apocalipse

Abreviaturas diversas

a.C.	Antes de Cristo
AT	Antigo testamento
d.C.	Depois de Cristo
Ed.	Editora
NA ²⁸	28ª Edição crítica da Novum Testamentum Graece de Nestle-Aland.
NT	Novo testamento
p.	Página
séc.	Século
s	Seguinte
v.	Versículo
vv.	Versículos

LISTA DE DOCUMENTOS DA IGREJA

DV Constituição Dogmática Dei Verbum.

A Interpretação da Bíblia na Igreja.

LISTA DE MANUSCRITOS

Identificação	Nome	Datação
ℵ	Códice Sinaiticus / Aleph	IV
ℵ ²	Códice Sinaiticus / Aleph	VII
ⲡ ⁴⁷	Papiro 47	III
sy ^h	Códice Siriaco Harklensis	VII
sy ^{ph}	Códice Siriaco Philoxeniana	VI
sy ^{hmg}	Leitura marginal do Códice Siriaco Harklensis	
gig	Códice Gigas	XIII
A	Códice Alexandrinus	VIII
C	Códice Ephraemi Rescriptus	V
P	Códice Porphyrianus	IX
Bea	Beatus of Liébana	VIII
Tyc	Tyconius	† 390
Prim	Primasius	†ca. 567
ℳ	Texto majoritário – apoiado pela maioria dos manuscritos	
ℳ ^A	Texto majoritário – apoiado pela tradição Andreas de Cesareia	
ℳ ^K	Texto majoritário – apoiado pela tradição Koiné	
latt	Tradição latina que apoia a leitura grega	
bo	Versão copta – tradição do norte (Bohairic)	a partir séc. III
sa	Versão copta – tradição do sul (Sahidic)	a partir séc. III
ar	Códice Latino 61	IX
co	Versões copta que apoia a leitura grega	
Hipp	Hippolytus	† 235
vg	Vulgata (concordância entre as mais importantes edições)	
vg ^{cl}	Vulgata – Edição clementina	1592
vg st	Vulgata – Edição de Stuttgart	2007
046	Uncial 46 / Vaticanus 2066	X
051	Uncial 51 / Ath. Pantokratoros	X
1006	-----	XI
1611	-----	X
1841	-----	IX/X
1854	-----	XI
2030	-----	XII
2053	-----	XIII

2062	-----	XIII
2329	-----	X
2344	-----	XI
2351	-----	X

A datação acima apontada é referente ao período cristão (d.C.).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1. A MULHER ENVOLVIDA DE SOL	24
1.1 Sobre texto e metodologia adotada	24
1.1.1 Sobre o texto e suas características	24
1.1.2 Método histórico-crítico	26
1.2 Apocalipse	27
1.2.1 Gênero e literatura apocalíptica	27
1.2.2 Apocalipse de São João	29
1.3 Delimitação da perícope de estudo	33
1.3.1 A Mulher Envolvida de Sol	34
1.3.2 Contexto literário remoto	37
1.3.3 Contexto literário próximo	40
1.4 Variantes textuais	42
1.4.1 Estudo das variantes e lições	43
1.4.1.1 Análise das variantes e lições no Ap 12 (1-6; 13-17)	44
1.5 Segmentação e tradução	58
1.6 Análise linguística	63
1.6.1 Análise Morfológica	63
1.6.2 Análise Lexicográfica	65
1.6.2.1 Partes e formas da perícope	69
1.6.3 Análise Sintática	73
1.6.4 Análise Estilística	76
2. A GRANDE PROSTITUTA	80
2.1 Delimitação da perícope de estudo	80
2.1.1 A Grande Prostituta	80
2.2 Variantes textuais	84
2.2.1 Estudo das variantes e lições	85
2.2.2 Análise das variantes e lições no Ap 18, 1-3 e 21-24	85
2.3 Segmentação e tradução	98
2.4.1 Análise morfológica	100
2.4.2 Análise lexicográfica	102
2.4.2.1 Partes e formas da perícope	105
2.4.3 Análise sintática	108
2.4.4 Análise estilística	110

3. APONTAMENTOS SOBRE DA MULHER ENVOLVIDA DE SOL E DA GRANDE PROSTITUTA	113
3.1 Considerações acerca das perícopes de trabalho	114
3.1.1 As contribuições do judaísmo e do AT no Apocalipse de João	114
3.1.2 Um texto atemporal e universal.....	116
3.1.3 O contorno histórico das comunidades cristãs do final do primeiro século	117
3.2 A Mulher Envolvida de Sol	119
3.2.1 Os eventos ocorridos no céu.....	119
3.2.1.1 A Mulher, um Grande sinal	120
3.2.1.2 O Dragão, um outro sinal	122
3.2.1.3 Início das hostilidades	124
3.2.1.4 A Mulher e o menino sob a proteção de Deus	125
3.2.1.4.1 O Dragão ataca a Mulher e o Menino.....	126
3.2.2 Os eventos ocorridos na terra	128
3.2.2.1 A perseguição da Mulher	128
3.2.2.2. O deserto.....	131
3.2.2.3 A proteção de Deus	132
3.2.2.3.1 A derrota do Dragão	135
3.2.2.4 Perseguição da humanidade.....	136
3.3 A Grande Prostituta	138
3.3.1 Prostituta, conceito e ocorrência social e bíblica.....	138
3.3.1.1 Sentido Secular	140
3.3.1.2 O sentido cultual.....	141
3.3.1.3 A prostituta no Apocalipse de João.....	142
3.3.2 A destruição da Grande Prostituta.....	143
3.3.2.1 A identificação da Grande Prostituta.....	143
3.3.2.2 O anúncio da destruição da grande cidade	148
3.3.2.2.1 Um anjo com grande autoridade	149
3.3.2.2.2 O anúncio do anjo.....	150
3.3.2.2.3 A decadência anunciada	151
3.3.2.2.4 As razões do juízo divino.....	152
3.3.2.3 A destruição da Babilônia	156
3.3.2.3.1 Um anjo forte	157
3.3.2.3.2 Nem tudo é condenável na grande cidade	158
3.3.2.3.3 Não Não mais em ti	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164

REFERÊNCIAS	170
APÊNDICE – ANÁLISE MORFOLÓGICA.....	174

INTRODUÇÃO

Passados quase dois mil anos da sua composição, o livro do Apocalipse atravessou os séculos povoando o imaginário de todos os segmentos da sociedade. Esse grande mosaico de imagens criado por João serve frequentemente como inspiração para artistas em suas pinturas, sejam eles famosos ou não; é tema comum nas telas do cinema e televisão; intelectuais e acadêmicos reviram o livro em busca do menor detalhe que pode reformatar os conceitos estabelecidos nos diversos séculos de estudo; e mesmo as pessoas comuns, centradas em suas ocupações cotidianas, tem muitas das suas crenças e temores influenciados pela obra. A lista que segue é bastante longa e faz justiça a obra joanina que aborda questões inerentes a existência humana, o assédio maligno e a pronta providência divina.

A linguagem, as imagens, as referências históricas e tudo mais que o autor utilizou eram comuns as pessoas daquele tempo, especialmente para os cristãos das sete comunidades da Asia Menor, em sua maioria, habituados a leitura dos textos do AT. Isso implica dizer que sua leitura nos dias atuais não pode ser literal. Ainda que os flagelos e a destruição, a priori, possam impor receio e desolação, o desenvolvimento da obra não pretende apontar para um evento iminente em que a humanidade seria destruída, ao contrário, os exemplos impactantes foram idealizados a partir de fatos já ocorridos e descritos. Nesse sentido o Apocalipse não é um livro do fim, mas sim de finalidade.

João conhece de perto a realidade que permeia os cristãos, que sofrem na pele as inúmeras tentações e facilidades oferecidas pelo sistema imperial; convivem diariamente com o risco do martírio por se negarem a adorar o imperador como deus e se manterem fiéis aos ensinamentos de Jesus; sua opção por privilegiar tudo aquilo que a mulher e o homem são, independente do que possuem, os colocam em rota de colisão com os poderes estabelecidos do seu tempo. O anúncio profético fala de salvação e liberdade da realidade opressora que circunda o ser humano, naquele e em todos os tempos, com uma convicção de fé fundamentada na experiência da morte e ressurreição do Cristo. O apóstolo amado, que esteve presente nos momentos mais importantes da

paixão, sabe que Deus continua agindo na história em favor dos seus filhos e encara as dificuldades que assolam os fiéis como transitórias.

É esta interpretação do Apocalipse que norteia este estudo, pessoas importunadas por um sistema maléfico que encontram abrigo no cuidado de Deus.

Não são poucos os personagens retratados pelo autor em sua composição, são homens, mulheres, animais, seres celestiais, seres fantásticos e muitos outros. João também descreve diversos locais e cada um deles tem importância contextual, céu, terra, deserto, etc. Os recursos retóricos incluem ainda símbolos, metáforas, analogias, além de uma extensa lista de figuras de linguagem e de estilo que imprimem mistério e ao mesmo tempo fluência a mensagem joanina.

A utilização destes variados instrumentos, aponta para duas importantes imagens que se destacam pela representatividade plural que exercem e a capacidade de se conectar com qualquer momento da história. A Mulher Envolvida de Sol e Grande Prostituta são apresentadas como antitéticas, são portadoras de atributos sobrenaturais e possuem características compatíveis às humanas. O comportamento narrado indica a dimensão devocional praticada, mas também indicam o desfecho de sua história em um limiar cada vez mais próximo.

A análise do tema O contraste entre a Mulher Envolvida do Sol e a Grande Prostituta, busca entender cada uma das personagens em seu próprio contexto, identificar suas particularidades, determinar o que elas representam e sua importância naquele momento específico da história, enfim, trazer à tona toda riqueza que elas conservam. Somente a partir destas informações será possível desvelar a mensagem que elas tem a oferecer para a mulher e o homem contemporâneos.

O trabalho desenvolvido utilizou o método histórico-crítico para as análises exegéticas e requereu a divisão do estudo em três diferentes capítulos. Contudo, vale ressaltar que capítulos 1 e 2 possuem a mesma estrutura analítica, pois replicam a metodologia cada qual para a sua personagem. A definição do

método, ainda que considerado ultrapassado por alguns estudiosos, está ligado a sua capacidade de buscar de forma crítica os elementos históricos que contribuíram para reflexão do autor e redação do texto, colocando o leitor o mais próximo possível de cada personagem.

O capítulo 1 é dedicado a estudar a Mulher Envolvida do Sol. Ela é apresentada no céu com enfeites celestes e atributos de rainha. Porém, reconhece seu lugar e seu tamanho, sempre apontando para algo maior. O Deus para quem ela aponta é seu guia e protetor nos sucessivos momentos de dificuldade providenciando abrigo, alimento e proteção no caminho ainda em curso. Sua história, apesar de todas as investidas do seu perseguidor, é de vitória. As etapas de análise compreenderam: delimitação a perícope de trabalho, que determinou os motivos que levaram a escolha do trecho em detrimento de todo capítulo; logo depois, foi realizado o estudo das variantes textuais, identificadas em diferentes manuscritos através dos séculos, estas mudanças têm a capacidade de provocar alterações importantes no texto original.

Determinados os limites do texto e a versão a ser utilizada, o passo seguinte consistiu em dividir cada frase na menor unidade frasal possível preservando o sentido individual, este processo é chamado de segmentação. A tradução, realizada em seguida, é uma das etapas mais importantes do trabalho, ela é que vai oferecer um termo equivalente capaz refletir o pensamento do autor em sua língua. Para este trabalho foi adotada a tradução formal, mais fiel ao texto e menos propensa a ajustes. Finalmente, um dos estudos mais importantes neste processo, a análise linguística é responsável por entender as palavras individualmente, a forma como elas interagem entre si e participam na formação das frases. E ainda, a estrutura de cada frase e a maneira como elas se articulam em um texto.

O capítulo dois, como já informado, seguiu o mesmo roteiro do primeiro para estudar a Grande Prostituta. Uma personagem oposta, marcada por um estilo de vida luxuoso, com roupas caras e muitas joias. Capaz de submeter povos e nações a sua vontade, sua capacidade de sedução transforma todos os que se aproximam em amantes dispostos a tudo para agradá-la. Sua devoção

se resume em luxo desenfreado e corrupção moral. A história da rainha idolatra, assentada em seu pretense trono e todos aqueles que participam dos seus pecados está prestes a encontrar um desfecho trágico diante de Deus.

Por fim, no terceiro e último capítulo, é momento de buscar junto a história, aos costumes e a cultura os elementos que podem ter inspirado o autor na redação do texto. Feito através de levantamento bibliográfico, esta parte do estudo tratou num primeiro momento da influência do judaísmo e do AT na composição da obra, destacou a universalidade e o caráter atemporal marcado pela linguagem simbólica e as flexões verbais utilizadas. Em seguida, a pesquisa se debruçou sobre a Mulher Envolvida de Sol, analisada sob diversos ângulos: surgimento no céu e estadia na terra, as seguidas perseguições que o Dragão impôs e o salvamento vindo da parte de Deus. Da mesma forma, a Grande Prostituta e sua contribuição foi analisada em várias perspectivas que partiram da sua introdução à destruição pelos seus iguais. Entre ambas existem muitos contrastes insuperáveis, mesmo porque sua busca terrena as coloca em direções opostas. Resta refletir sobre o que cada uma delas tem a oferecer e definir qual caminho cada mulher e cada homem prefere escolher.

Decerto João não fez previsões cataclísmicas a respeito do final dos tempos, ele não precisava disso, para aqueles cristãos o tempo de Deus se cumpriria naquela geração. Mas era sim, muito importante, definir um modelo que agradasse os olhos de Deus e a quem os anjos viriam socorrer, que servisse de exemplo para toda mulher e todo homem atribulados com a opressão imposta pelo sistema. Em contrapartida, para alicerçar definitivamente o caminho proposto, ele apresenta outro modelo, abominável e digno de destruição. Uma mulher cujo deus dá repetidos sinais sobre o que realmente é de seu interesse e do ódio que o move. O resultado não podia ser outro.

1. A MULHER ENVOLVIDA DE SOL

Este capítulo tem o objetivo de analisar a personagem da Mulher Envolvida de Sol apresentada no capítulo 12. Para tanto, este foi dividido em 2 etapas. Inicialmente, visando a ambientação do estudo, será realizada uma breve descrição sobre a metodologia adotada, sobre texto e suas teorias e, em seguida, serão tecidas considerações acerca do próprio livro do Apocalipse e seu estilo literário. Na fase seguinte, buscando extrair os principais elementos e significados preservados no interior de cada versículo, o estudo exegético irá se debruçar sobre o texto, seu contexto e narrativa, também irá realizar a análise gramatical, linguística e morfossintática.

1.1 Sobre texto e metodologia adotada

Não é razoável que a leitura dos textos bíblicos seja realizada da mesma forma que são lidos um romance ou mesmo uma poesia contemporânea. Essa negativa ocorre por dois motivos de base. Em primeiro lugar, índole, formação e intenção muito bem definidos e típicos presentes na literatura bíblica; e, em segundo lugar, pela distância histórica, cultural e temporal existente entre os autores e a mulher e o homem atuais. Entretanto, mediante a adoção de princípios modernos que versam sobre a teoria do texto e a utilização de metodologias de análise, em especial o método histórico-crítico, é possível que haja tanto uma aproximação adequada quanto ao entendimento acerca dos processos de comunicação a partir dos quais os textos foram criados. Essas ferramentas apresentam, ainda, uma outra possibilidade, a realização de uma leitura científica dos textos sagrados.

1.1.1 Sobre o texto e suas características

O conceito de texto implica um conjunto de expressões linguísticas entrançadas¹ entre si, as quais oferecem algum significado, seja individualmente

¹ O vocábulo texto é conceituado a partir do termo em latim *textus* = entrançadura ou ainda tecido. EGGER, Wilhelm. *Metodologia do novo Testamento. Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. 3ª Edição. São Paulo: Edições Loyolas, 2015. p 25.

ou no contexto em que se inserem. Para atingir o objetivo de transmitir significado, o evento comunicativo decorrente deixa implícita a estrutura e a coerência textual. Caso contrário, seriam somente um amontoado de expressões².

Por estrutura de um texto se concebe a relação existente entre os vários elementos (palavras, frases, grupos semânticos, entre outros) que o compõem, regidos por regras gramaticais, lógicas, semânticas, etc. Não é necessário que cada um dos componentes dos textos mantenha uma ligação direta entre si, entretanto devem sempre estar vinculados ao sistema formado pelo todo, assim como numa rede ou um tecido. Além disso, cada uma das partes deve oferecer sua contribuição para que o todo possa ser compreendido³.

Além da estrutura que agrega, o texto deve também apresentar coerência entre seus elementos e assim evitar o acúmulo de termos e expressões desconexos que apontam para as mais variadas direções. Egger afirma que:

No nível da sintaxe e do estilo encontramos sobretudo os seguintes fatores de coerência: referência pronominal (quando se refere ao que precede ou segue mediante pronome ou proforma), conjunções, determinadas repetições (como estribilhos etc.) ... No plano da semântica (teoria do significado) a coerência deriva do tema, da repetição de termos-chaves etc. ... No plano da pragmática (ou da intenção transformativa), a unidade e a coerência do texto e dos seus diversos elementos resultam do fim que se quer obter. ⁴

Ainda que a coerência ocorra nos diversos níveis, sua intensidade pode variar conforme o estilo ou pode ser interno à própria evolução do texto. Isso pode ser evidenciado pela recorrência de termos ou expressões-chave que evidenciam um determinado campo semântico, ou ainda, pelo destaque que recebe o campo sintático quando ocorre a repetição de conjunções que coordenam as frases⁵.

² EGGER, Wilhelm. Metodologia do novo Testamento. Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. p 25.; LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. Exegese Bíblica. Teoria e Prática. São Paulo: Paulinas, 2017. p 86.

³ EGGER, Wilhelm. Metodologia do novo Testamento. Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. p 25-26.

⁴ IBIDEM, p 27.

⁵ IBIDEM, p 28.

1.1.2 Método histórico-crítico

Ciente de todas as críticas⁶ recebidas nas últimas décadas, a adoção do Método Histórico-Crítico para elaboração deste estudo se deve a princípios próprios a esse método, os quais oferecem a possibilidade de analisar um texto antigo a partir de um viés científico. Os textos sagrados, uma vez que foram elaborados por diversos autores, nas mais diferentes épocas e contextos histórico-sociais e retratam variadas situações vividas, pedem este tipo de abordagem⁷.

A própria nomenclatura do método apresenta os princípios que o regem. Uma vez que ele estuda os elementos históricos envolvidos e procura “elucidar os processos históricos de produção dos textos bíblicos, processos diacrônicos complicados e algumas vezes de longa duração”⁸, pode ser chamado de método histórico. E, por adotar a objetividade e rigor dos critérios científicos em todas as etapas de sua busca pelo sentido efetivo presente em textos bíblicos, pode ser considerado um método crítico⁹.

Ao longo dos séculos a mensagem do livro do Apocalipse, foi interpretada com as mais diversas finalidades, chegando finalmente a uma moldura fantástica e fantasiosa que promoveu o distanciamento e temor de grande parte dos leitores. Assim, a adoção do Método Histórico-Crítico para analisar as perícopes extraídas dos capítulos 12 e 18 do Apocalipse joanino objetiva trazer à luz a

⁶ Dentre os vários argumentos utilizados para censura do método, alguns merecem atenção, a começar pela acusação imputada pela igreja católica americana que define o método de modernista ou neomodernista, enfatizando excessivamente o elemento humano em detrimento da bíblia como palavra de Deus. Sheehan, professor de filosofia da Loyola University de Chicago, alegou que a utilização do método estaria levando ao fim do catolicismo. Apontou ainda que utilização das técnicas de estudiosos protestantes levaria a conclusões incompatíveis com a doutrina e provocaria a destruição da teologia católica romana tradicional. Outra crítica destacava que o cuidado excessivo com a pré-história do texto levaria à negligência dos aspectos literários, da canonicidade e o sentido teológico/religiosos do texto. Outro argumento é a crítica dirigida pelos fundamentalistas, os quais defendem que a autoridade da Palavra de Deus deve ser acompanhada por uma leitura literalista que garanta os fundamentos da fé cristã. FITZMYER, J. A. A interpretação das Escrituras. Em defesa do método histórico-crítico. São Paulo: Edições Loyolas, 2011. p 73–75.

⁷ Considerando que o Método Histórico-Crítico pode ser utilizado para o estudo dos mais diversos textos da antiguidade, o surgimento do método é localizado por volta do século 2 ou 3 a.C., creditando ao trabalho que os escoliastas de Alexandria dedicaram aos manuscritos de Homero. No período patrístico, inúmeros autores desenvolveram métodos críticos. Orígenes, através de sua Hexapla é um exemplo disto. FITZMYER, J. A. A interpretação das Escrituras. Em defesa do método histórico-crítico p 75-76,

⁸ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. A Interpretação da Bíblia na Igreja. Roma, 1993. p 4.

⁹ IBIDEM. p 4-5.

mensagem dirigida pelo autor às comunidades dos seus seguidores e verificar o seu alcance atual.

Os elementos introdutórios das diversas etapas do método serão apresentados adiante, junto ao seu desenvolvimento da perícopia de trabalho de cada capítulo.

1.2 Apocalipse

O Apocalipse escrito por João se apresenta como o ponto alto da revelação divina¹⁰, os traços iniciais deste conjunto de textos remonta ao período da diáspora judaica da Palestina ou mesmo antes disso. Por volta do século XIX da nossa era, um conjunto de livros com características muito parecidas seria batizado com o nome de o *corpus apocalíptico*. O nome é uma homenagem ao principal escrito deste estilo literário. Tão distante quanto sua aurora é a complexidade de interpretação desse livro, tendo em vista a presença de elementos como a associação a diversos gêneros literários, a rica presença de números, uso abundante de símbolos e passagens do AT, entre outros. Esses elementos tornam o escrito em questão o mais enigmático de toda sagrada escritura.

1.2.1 Gênero e literatura apocalíptica

A literatura apocalíptica tem seu surgimento estimado por muitos autores entre os séculos II e IV a.C., tendo sua produção literária durado até o final do século II d.C. Esse complexo de escritos e ideias, recebido da tradição judaica¹¹, busca alargar o tempo para que os oráculos proféticos possam se realizar¹².

¹⁰ VANNI, Ugo. Apocalipsis. Culmen de la revelación. Bilbao: Ediciones Mensajero, 2011

¹¹ Pode ser verificada grande afinidade entre este grupo de escritos com um corpo literário bastante amplo que inclui escritos, gnósticos, persas, greco-romano e cristãos. COLLINS, John J. A imaginação apocalíptica. Uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 2010. p 22

¹² ARAÚJO, Gilvan Leite de. Apocalipse de João como chave de leitura da realidade. In: GRENZER, Matthias e IWASHITA, Pedro K. (Org.). Teologia e Cultura. A fé cristã no mundo. São Paulo: Paulinas, 2012. p 99.

A estrutura com que a narrativa descreve a revelação apresenta algumas características distintivas que compõem um núcleo comum à maioria dos escritos e os distingue dos demais estilos¹³. A constante presença de elementos como as visões e jornadas sobrenaturais, bem como a presença de um anjo com a função de guiar e interpretar os eventos indicam que o significado imediato está distante da capacidade humana, é um mistério. Essa afirmação ganha ênfase quando se observa que o visionário é sempre uma figura importante para um grupo e, na maioria de vezes, é um pseudônimo, ou mesmo quando se observa a farta quantidade de símbolos utilizados pelo autor.

Outras duas características a serem destacadas são, o caráter compilatório e o emotivo. O primeiro pode ser observado pela maneira como a revelação é apresentada de modo sincrético por lendas populares, mitos, alegorias, etc., se relacionando com outras obras, gêneros, culturas e tradições¹⁴. Já o segundo ocorre mediante cenário criado a partir da descrição das catástrofes e sofrimentos, bem como a oferta de uma nova realidade, um novo mundo, apenas ao final.

A apocalíptica cristã, desenvolvida a partir do século I, preserva em seu bojo grande parte das características da apocalíptica judaica. Entretanto, a partir do evento histórico Jesus Cristo, que incrementa dois pontos fundamentais, a saber: os conceitos acerca da vinda do Messias e a concepção do Reinado Messiânico, surgem divergências insuperáveis.

A maioria dos escritos judaicos não eram designados como apocalipses na antiguidade. Ainda que destacadas e preservadas as diferenças entre os estilos, aparentemente eles eram lidos como os demais livros proféticos. A formação de um corpus literário que pode reunir diversos textos, produzidos ao longo dos séculos, com características similares e que pudessem ser postos sob uma mesma estrutura literária, diversa da literatura profética, ocorreu somente no século XIX¹⁵.

¹³ A definição de um núcleo comum aos escritos apocalípticos não implica a exigência de que todos os textos observem a totalidade das características. COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica. Uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. p 23

¹⁴ IBDEM, p 28-29.

¹⁵ IBDEM, p 20-25.

1.2.2 Apocalipse de São João

A existência de um corpus apocalítico tem no escrito joanino seu grande percursor. Sua essência está centrada nos eventos escatológicos e na premissa acontecerá em breve¹⁶. Ainda que a afinidade com os escritos judaicos seja sobremaneira marcante, é impossível determinar se, a partir da utilização da expressão Apocalipse logo no versículo inicial, o autor pretendia lançar as bases e rotular o estilo literário.

Em especial, dois importantes aspectos do Apocalipse de João destoam da maneira com que a revelação é apresentada pela apocalíptica em geral e ainda hoje provocam controvérsias. O primeiro é o fato de o livro não ser pseudônimo. Este recurso ganhou importância durante o pós-exílio, momento em que a profecia e o respeito requerido por ela entraram em declínio. Com isso, creditar a autoria a uma figura emblemática tinha o objetivo de conferir autoridade ao texto. Entretanto, sendo a pseudonímia uma entre várias particularidades do gênero, não pode receber demasiada importância¹⁷. O outro aspecto está relacionado ao tema “vitória final”, a qual, para a apocalíptica, ocorre sempre mediante a intervenção de Deus na história futura, ao passo que na composição joanina ela é centrada em um evento já consumado, a crucificação e ressurreição de Cristo, representado pelo Cordeiro Imolado em pé (cf. Ap. 5,6).

O livro do Apocalipse de João, não é um escrito homogêneo, mas sim um harmônico alinhamento de três gêneros distintos, a epístola, a profecia e a apocalíptica, já caracterizada no item anterior. Juntos, eles compõem uma obra singular e a mais completa de todo corpus apocalítico.

João concebeu seu livro no formato epistolar, dirigido a cada uma das sete igrejas de forma específica relatando as dificuldades correntes. Ao apresentar às comunidades inúmeros componentes teológicos através de profecias

¹⁶ Barr entende que o tema central do livro é a adequada adoração a Deus. BARR, David L. *The Apocalypse of John as Oral Enactment. Interpretation*. 1986;40(3):243-256. doi:10.1177/002096438604000303. Acessado em 13/03/2021. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002096438604000303>. p 243-256.

¹⁷ COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica. Uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. p 384-386.

envolvendo o futuro, o autor procura identificar de forma coletiva a igreja do presente com a igreja do futuro. Esta, segundo o autor, irá superar as tribulações no final dos tempos¹⁸. A opção pelas epístolas encontra eco em antigas cartas proféticas, muito utilizadas para apresentação da revelação divina e para a proclamação de juízos. Em termos práticos, ela confere ao texto a dinâmica necessária para que possa ser lido em voz alta durante o culto litúrgico, possivelmente como parte do culto eucarístico¹⁹ celebrado no seio do cristianismo primitivo.

A profecia é parte integrante do Apocalipse. O próprio autor classifica seu texto como profético (cf. Ap 1,3; 22,7; entre outras passagens). Ainda que existam algumas características que possam sinalizar dois estilos literários, não é nítida a separação existente entre a profecia e a literatura apocalíptica²⁰. A apocalíptica adota sempre um tom pessimista e apresenta a esperança como uma realidade a se concretizar em algum momento futuro. Ela também é revelada através de um visionário que, ao receber as visões ou participar de uma viagem sobrenatural, conta sempre com a presença de um guia angelical, ao passo que, na profecia, os oráculos divinos são transmitidos ao povo por um profeta que avisa sempre sobre a imediata necessidade de arrependimento e conversão para que Deus não julgue seu povo. Inclusive, o julgamento com a salvação para o fiel e a perdição para o infiel é tema transversal às duas tradições. Por fim, concretizado na Asia Menor, em meio a um grupo profético comandado por João, o Apocalipse é a consumação da profecia cristã primitiva à mesma medida que materializa as expectativas das primeiras tradições apocalípticas do cristianismo nascente²¹.

1.2.3 Estrutura do Apocalipse de João

¹⁸ OSBORNE, Grant R. Apocalipse: Comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014. p 13-14.

¹⁹ BARR, David L. The Apocalypse of John as Oral Enactment. p 243-256.

²⁰ Não obstante, Collins explica que classificar o Apocalipse de João como uma profecia não está de todo errado, afinal o próprio texto assim se coloca (1, 3; 22, 6-7). Influenciada pelo mundo grego e romano, a profecia judaica incorporou diversas formas de apresentar a revelação, sendo o estilo apocalíptico uma delas. Com isso, a literatura apocalíptica pode ser considerada uma forma de profecia, desde que atentamente observadas as distinções. COLLINS, John J. A imaginação apocalíptica. Uma introdução à literatura apocalíptica judaica. p 382-383.

²¹ OSBORNE, Grant R. Apocalipse: Comentário exegético. p 15.

Alvo de grandes debates ao longo da história, determinar uma estrutura definitiva para o livro da Revelação é tarefa quase impossível. São inúmeros os motivos que impedem a concordância com as propostas já estabelecidas. Alguns deles são elementares, como a justificada opção do estudioso por oferecer um novo tratamento a uma temática tão debatida quanto antiga. Outro motivo, bastante específico, como a variedade de estilos literários presentes numa única obra, levam os especialistas a um verdadeiro impasse. Sequer uma pergunta, que poderia nortear e alinhar todos os modelos propostos, alcança consenso: o livro deve ser organizado de acordo com uma cronológica ou por temática?

Dentre os diversos esboços possíveis, Araújo²² propõe uma estrutura bastante simplificada composta de: Introdução (cf. 1,1-3); bloco das cartas (cf. 1,4-3,22); bloco dos septenários (cf. 4,1-22,5); e, conclusão (cf. 22,6-21).

Os esboços mais comuns são divididos em: aqueles que entendem a estrutura do livro em formato de quiasmos; aqueles que tratam o livro como uma peça teatral contendo três ou sete atos (ao estilo do teatro grego); os que organizam em conjuntos ou séries de sete; e, por fim, os que entendem o livro como uma liturgia nos padrões antigos ou até uma festividade²³.

A utilização de quiasmos é recorrente para determinar as estruturas do livro. Estas estruturas podem ser complexas e formadas por diversas camadas que se alinham aos eventos ocorridos na história. Por sua vez, estas podem ser seguidas por outras camadas dispostas num contexto que é possível vislumbrar o futuro escatológico²⁴. Em contrapartida, as estruturas em questão podem, ainda, ser entendidas a partir de um formato mais modesto, mas que não perde a capacidade de apresentar um esboço da organização interna do livro, como é o caso exposto a seguir, elaborado a partir de Charlier²⁵:

A - Prólogo e Endereço (1, 1-8)

²² ARAÚJO, Gilvan Leite de. Apocalipse de João como chave de leitura da realidade. In: GRENZER, Matthias e IWASHITA, Pedro K. (Org.). *Teologia e Cultura. A fé cristã no mundo*. p 101-102.

²³ OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: Comentário exegético*. p 33.

²⁴ STEFANOVIC, R. *Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation*. Berrien Springs: Andrews University Press, 2002. p 339.

²⁵ CHARLIER, Jean-Pierre. *Compreender el Apocalipsis*. V. I e II. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 1993. p 24-32.

B - Septenário das Cartas – viver em igreja (1, 9 a 4, 11)

C - Septenário dos Selos – viver no mundo (5, 1 a 8, 1)

D - Septenário das Trombetas – natal e páscoa: marcos referenciais (8, 2 a 14, 5)

C₁ - Septenário das Taças – o mundo em desarmonia com Deus (14, 6 a 19, 8)

B₁ - Septenário das Visões – a manifestação da igreja como mundo novo (19, 9 a 22, 5)

A₁ - Conclusão e Epílogo (22, 6-21)

Atento ao risco oferecido pelas seções que transitam e se relacionam com dois ou mais níveis do texto e podem colocar uma proposta de esboço em xeque, se torna viável a concepção seguinte que “contempla somente um nível de um livro cuja estrutura é muito complexa e intrincada”²⁶:

I. Prólogo (1. 1-8)

II. Mensagens às igrejas (1. 9 - 3. 22)

A. A primeira visão (1. 9-20)

B. Cartas às sete igrejas (2. 1 - 3. 22)

III. Deus em majestade e em juízo (4.1 - 16. 21)

A. A soberania de Deus no juízo (4. 1 - 11. 19)

1. A visão da sala do trono – Deus e o cordeiro no céu (4. 1 - 5. 14)

2. Os selos são abertos (6. 1 - 8. 1)

3. As sete trombetas (8. 2 – 11. 19)

B. O grande conflito entre Deus e as forças do mal (12. 1 – 16. 21)

1. Interlúdio: descrição do grande conflito (12. 1 – 14 .20)

2. O auge do grande conflito (15. 1 - 16.21)

IV. O juízo final na chegada do escaton (17. 1 - 20. 15)

A. A destruição da grande Babilônia (17. 1 - 19. 5)

1. A grande prostituta montada sobre a besta vermelha (17. 1-18)

2. A queda da grande Babilônia (18. 1-24)

3. O cântico de aleluias – alegria pelo justo juízo de Deus (19. 1-5)

²⁶ OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: Comentário exegético*. p 33.

- B. A vitória final: o fim do império do mal na parúsia (19. 6-21)
- C. O reinado do Cristo por mil anos e a destruição de Satanás (20. 1-10)
- D. O julgamento do grande trono branco (20. 11-15)
- V. O novo céu e a nova terra (21. 1 - 22. 5)
 - A. O advento do novo céu e da nova terra (21. 1-8)
 - B. A Nova Jerusalém como o Lugar Santíssimo (21. 9-27)
 - C. A Nova Jerusalém como o último Éden (22. 1-5)
- VI. Epílogo (22. 6-21).

1.3 Delimitação da perícopes de estudo

Delimitar o texto de trabalho é o primeiro passo para a realização de uma exegese, tarefa que demanda atenção para que o ponto em que o estudo terá seu começo seja bem determinado, bem como, as etapas de seu desenvolvimento e identificação do seu final, sejam bastantes claros não permitindo que a unidade textual seja interrompida. Nas palavras de Silva, a delimitação de uma perícopes deve “estabelecer os limites para cima e para baixo, ou seja, onde ele começa e onde ele termina”²⁷. Decerto cada uma das várias edições da bíblia tem sua própria divisão, mas este trabalho não foi realizado pelos autores originais, apenas muitos séculos mais tarde tal trabalho foi desenvolvido. Mesmo entre os comentadores dos textos bíblicos as delimitações ocorrem de formas diferentes. Disso depreende a necessidade de uma delimitação própria para avançar no processo exegético.

Elementos como mudança no tempo, espaço, campo semântico, comentário e sumário são somente alguns exemplos de recurso utilizados como destaque pelos autores dos livros que podem colaborar para a identificação de marcadores que determinam as fronteiras de um texto. A delimitação dos textos de trabalhos apresentada nos itens seguintes oferece mais detalhes.

²⁷ SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. p 68.

1.3.1 A Mulher Envolvida de Sol

A narrativa da Mulher Envolvida de Sol, é entendida como início de um novo interlúdio²⁸ e, conseqüentemente, como o início de uma nova perícópe. Esta afirmação pode ser ancorada pela ocorrência de relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e tempestade de grãos que são mencionados no final do capítulo anterior, marcando o término do septenário das trombetas (cf. Ap 11,19). Esses mesmos elementos também podem ser verificados como elementos de conclusão no septenário dos selos (cf. Ap 8,1-5) e, mais adiante, conclusão do o septenário das taças (cf. Ap 16, 17-21). Além disso, o autor destaca outros elementos para marcar o início desta nova perícópe. Dentre eles, o céu como descrição da localização onde o evento inaugural se passa; a introdução de novos personagens (a Mulher e o Dragão), que não participavam da cena anterior; e, a mudança de argumento, a partir do qual teve início do grande conflito entre Deus e as forças do mal²⁹.

A perícópe é desenvolvida de tal forma que a narrativa vai se desenrolando, ainda que as diversas ações praticadas por cada um dos personagens permitam a divisão em quadros menores. Tais quadros podem ser exemplificados a partir da ação que descreve o surgimento da mulher; seguido do aparecimento do dragão. Este, por sua vez, se coloca à espera para devorar o varão assim que ele nascer.

Os eventos ocorridos no céu e, em seguida, na terra desenham o ambiente do campo semântico. Todo o desenvolvimento e palavras como devorar, fuga, batalha, perseguição, fúria e ira, etc., remetem ao campo semântico do conflito. Nesse processo de evolução dos textos, são identificadas intercalações em que ideias ou ações são interrompidas para serem retomadas logo a frente. Exemplo disso é a fuga da mulher para o deserto, cuja descrição foi apresentada no versículo 6 e retomada no 14; nos repetidos ataques realizados pelo dragão descritos nos versos 4b, 13, 15 e 17; ou ainda, no fracasso de cada um destes ataques narrados nos versos imediatamente a seguir (cf. Ap 12,5; 14 e 16).

²⁸ OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: Comentário exegético*. p 508.

²⁹ IBIDEM. p 507.

O versículo 17 encerra a perícope. Isso pode ser observado pela ação de partida de um importante personagem (dragão) que sai de cena (vai embora) ou até pela mudança de espaço (fazer guerra) indicada pelo deslocamento em que irado, o dragão vai embora combater a descendência da mulher. O verso seguinte já descreve a presença de um novo personagem, o próprio autor (coloquei-me depois) em um novo cenário (areia do mar).

Apresentando as evidências finais, no versículo inicial do capítulo 13, ao descrever a besta que surge do mar, o autor passa a desenvolver um novo argumento envolvendo o aparecimento de um novo personagem em um espaço recém-inaugurado. Cabe ainda destacar a expressão *καί ἔϊδον* como uma estrutura típica da linguagem apocalíptica, ligada à ocorrência das visões, que têm a função de iniciar uma nova sequência³⁰.

Arranjando todas as informações em um formato tabular a delimitação da perícope de trabalho pode ser assim demonstrada.

Quadro 1 – Elementos de delimitação da perícope capítulo 12

Elemento	Descrição	Versículo
<i>Final da perícope anterior</i>		
As teofanias		11, 19 (cf. 8, 1-5; 16, 17-21)
Início da perícope de trabalho		
Cenário	Céu (οὐρανός)	1-11
	Mulher (γυνή)	1-2
Novos Personagens	Dragão (δράκων)	3-4
	Filho varão (υἱὸν ἄρσεν)	5
Mudança de argumento	Conflito entre Deus e as forças do mal	1-17
Desenvolvimento da perícope de trabalho		
Campo semântico	Conflito (devorar; fuga; batalha, perseguição; fúria; etc.)	5; 6; 13; 17
	- Fuga da mulher para o deserto;	6 e 14
Intercalações	- Fracasso nos ataques do dragão.	5, 14 e 16

³⁰ OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: Comentário exegético*. p 550.

Final da perícope de trabalho		
Função de partida	Dragão foi embora (καὶ ἀπῆλθεν)	12, 17
Função terminal	Fazer guerra (ποιῆσαι πόλεμον)	
Início da perícope seguinte		
Cenário	Nas areias do mar (ἄμμον τῆς θαλάσσης)	12, 18
Novos personagens	Uma besta (θηρίον)	13,1

Fonte: Autoria própria.

Os versículos 7 a 12 não fazem parte da perícope de trabalho. A exclusão é justificada por 2 razões, objetivamos analisar, neste capítulo, a figura da Mulher Envolvida de Sol, bem como a perseguição pela qual ela passa e a providência divina que a ampara nos momentos mais diversos. Assim, analisar a batalha ocorrida no céu entre as forças de Deus e as forças do dragão (cf. Ap 12,7-9) ou avaliar o hino celestial entoado para celebrar a vitória das forças divinas lideradas por Miguel (cf. Ap 12,10-12)³¹ não constitui o foco desta pesquisa.

Além disso, os critérios adotados como marcadores para delimitação do texto amparam esta proposta ao apontarem elementos indicativos de que estes versículos formam uma perícope à parte. O versículo 6 ao apresentar a Mulher, que foge para o deserto, tira de cena um dos personagens mais importantes da narrativa apresentada. A ação de partida indica o encerramento de uma seção.

Logo em seguida, no versículo 7, a presença de novos personagens, Miguel e seus anjos, bem como o início de um novo argumento, a guerra no céu, indicam o início de uma nova perícope. Uma vez descrita a visão da batalha e a consequente vitória das forças divinas, este trecho é encerrado. O autor, ao descrever que o Diabo, até então presente no céu, desce para a terra tira de cena o personagem, ação de partida, e muda o cenário – elementos de encerramento.

Considerada a exclusão dos versículos 7 a 12, a perícope de trabalho ficou assim delimitada e dividida:

³¹ Comentadores exegéticos, dividem o Ap 12 em três partes distintas, a saber: A mulher e o Dragão (12,1-6); A guerra no céu (12,7-12); e, A guerra na terra (12,13-17). Entre eles OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: Comentário exegético*. p 511-546.

Quadro 2 – Delimitação e divisão da perícope

Verso	Descrição
1-2	Aparecimento e descrição da mulher;
3-4a	Aparecimento e descrição do dragão;
4b	O dragão espera para atacar o menino
5	Nascimento e descrição do menino
6	Fuga da mulher para o deserto
13	Dragão persegue a mulher
14	Proteção da mulher e fuga para o deserto
15	Serpente volta a atacar a mulher
16	A terra protege a mulher
17	O dragão decide atacar descendência da mulher

Fonte: Autoria própria.

1.3.2 Contexto literário remoto

Presente na seção que descreve o Grande Conflito entre Deus e as forças do mal (cf. Ap 12,1 até 16,21), a perícope de trabalho descreve as guerras travadas entre as forças do bem (Deus e seu povo) contra as forças do mal (diabo e seus seguidores). O capítulo 12 se qualifica como o centro do livro do Apocalipse. Este grande interlúdio é apresentado logo após a narrativa das trombetas (cf. Ap 8,2 - 11,19), cuja última, ao ser tocada, desencadeia uma série de eventos celestes (cf. Ap 11,19) e interrompe a evolução narrativa que levaria à consumação do furor de Deus – representada pelo septenário das taças (Ap 16)³². Além de descrever o envolvimento do povo de Deus nos eventos do final dos tempos que se aproximam, o capítulo 12 se dedica também a descrever com tons irônicos os ataques empreendidos pela falsa trindade, descreve ainda o testemunho do Cristo e o destino reservado aos santos³³. O Ap 12 desenvolve uma função semelhante à de um prólogo, tendo em vista que cataloga os

³² Este grande interlúdio iniciado no capítulo 12 se estende até o final do 14. OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: Comentário exegético*. p 508.

³³ IBIDEM. p 508-510.

assuntos mais importantes já tratados e, concomitantemente, projeta essas diversas temáticas para o restante do livro.

Nesta seção, como em nenhuma outra, o autor descreve a estratégia adotada e as investidas de Σατανᾶς (Satanás). Este, enfurecido por sua derrota no céu (cf. Ap 12,7-12) e na terra pelo sangue do cordeiro (cf. Ap 12,11), tenta enganar a mulher e o homem e fazer com que cometam erros se desviando do seu caminho. O que antes era apresentado de forma referenciada, como trono ou sinagoga de Satanás (cf. Ap 2,9; 13; 3,9); morte e inferno (cf. Ap 6,8); e, besta (cf. Ap 11,17); a partir daqui ganha corpo.

A falsa trindade composta pelo dragão, pela besta e pelo falso profeta estará presente no texto até o capítulo 20. Evidentemente que o estilo joanino não revela nada além do propósito de escarnecer a natureza passadiça da figura maligna em sua tentativa de se tornar como Deus. Assim, algumas passagens têm a função de zombar das investidas do δράκων (dragão). Exemplo disto é o momento em que a besta, ferida mortalmente, se recupera (cf. Ap 13,3) configurando-se como uma falsificação do Cristo ressuscitado. Também podem ser citados outros exemplos, os sinais milagrosos relatados no evangelho de João, que são imitados pelos grandes sinais miraculosos da segunda besta (cf. Ap 13,13 e 16,14); ou ainda, o sinal da besta (cf. Ap 13,16) como imitação do selo que os santos recebem (cf. Ap 7,3). Percorrendo todo o livro, o tema da presença de Satanás no mundo, seu destino e o dos seus seguidores vai encontrar seu desfecho somente em Ap 20,10.

Presente desde o início do texto, a temática do testemunho de Jesus é peça importante para o capítulo 12, sendo fartamente utilizada desde o início até o final da obra. Expresso pelo verbo μαρτυρέω (cf. Ap 1,2 e 22,16) e pelos substantivos μάρτυς (cf. 1,5; 2,13 e 17,6) e μαρτυρία (cf. Ap 1,2; 12,11 e 20,4), o testemunho encontra seu argumento basilar em Jesus, que leva a termo sua missão, ainda que isso desencadeie sua morte na cruz. Ele é a testemunha fiel (ὁ μάρτυς, ὁ πιστός) (cf. Ap 1,5). Em sua opção por seguir seu Cristo, mulheres e homens recebem antecipadamente sua herança, que os acompanhará ao longo de toda jornada duramente marcada pelo sofrimento e pela perseguição. A missão de testemunhar exige que cada mulher e cada homem se configure ao

Cristo, assumindo sua pessoa, sua vida e seus ensinamentos para poder atestar com segurança a garantida da vitória. Em Ap 12 o tema do testemunho aparece como uma projeção dos fatos, envolvendo a descendência da Mulher, que serão desenvolvidos até o capítulo 20. E somente lá, no verso 4 (cf. Ap 20,4), João revela a recompensa prometida aos que foram perseguidos e mortos pelo testemunho de Jesus. Tal recompensa consiste em, depois de voltar à vida, poder viver em seu Reino por mil anos³⁴.

A temática da vitória está intimamente ligada à do testemunho, ambos fundamentais no capítulo em que as insistentes ações diabólicas começam a ganhar corpo e avançar sobre os santos. Aquela só é possível através desta. O aoristo νικάω (superar, vencer) utilizado por João remete à ideia de um combate incessante em que todos os santos, inclusive os menores, podem ajudar a superar Satanás ao não amarem a própria vida ainda que diante da morte (cf. Ap 12,11). A coerência da mensagem encontra seu paralelo na epístola enviada à igreja de Esrna, que deve permanecer fiel até a morte (cf. Ap 2,10), pois merece a vitória aquele que pratica as obras com tamanha intensidade que pode chegar às últimas consequências (cf. Ap 2,26). Permitida, a aparente a derrota dos santos (cf. Ap 13,7) é, na verdade, sua vitória. No cenário apresentado pelo visionário, em que tudo é controlado por Deus, aqueles que são fiéis encontram sua vitória no exato momento do martírio. Estes têm seu sangue vingado (cf. Ap 19,2) e podem receber a herança prometida, se tornando filhos de Deus (cf. Ap 21,7). A água da vida é oferecida a todos, entretanto, só podem beber aqueles que acreditam na vitória do Cristo e que têm coragem suficiente para vencer (cf. Ap 21,6)³⁵.

³⁴ SILVA, Clodomiro de Sousa e. *Apocalipse 12: uma leitura paradigmática do peregrinar cristão*. 256f. Tese Doutoral - Programa de Pós-Graduação em Teologia. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2017. Acessado em 02/06/2020. Disponível em <https://www.faculdadejesuita.edu.br/teses-teologia-227/apocalipse-12-uma-leitura-paradigmatica-do-peregrinar-cristao-14062018-093902>. p 103.

³⁵ IBIDEM. p 104-105

1.3.3 Contexto literário próximo

O Ap 12 é estrategicamente colocado dentro do escrito joanino. Distinto dos capítulos vizinhos, exerce a função de discorrer sobre temas que o precedem com a mesma clareza que projeta eventos que seguirão. Um bom exemplo pode ser visto na sequência iniciada em Ap 11,7 que apresenta a besta que emerge do abismo. O capítulo 12 apresenta as razões da sua ira e, por fim, o 13,1 revela o início da implacável perseguição aos cristãos.

A coerência interna entre os capítulos 11 e 12 é tão evidente que alguns autores entendem que não há interrupção e apontam um vínculo estrutural muito estreito entre eles³⁶, marcado pela tripla ocorrência do verbo ὀράω: “foi vista” a arca da aliança (cf. Ap 11,19) “foi vista” a mulher (cf. Ap 12,1); e, “foi visto” o dragão (cf. Ap 12,3). Essa evidência permite considerar que o versículo “11.19 é na realidade não a conclusão do episódio dedicado a sétima trombeta, mas a introdução a uma nova seção do livro”³⁷ que conecta todo capítulo 11 ao interlúdio (Ap 12,1-14,20).

O enredo deste capítulo se desenvolve em torno do dragão, já introduzido em Ap 11,7 pela apresentação de sua figura subalterna, a besta que emerge do abismo. O dragão espera o nascimento da criança; persegue a mulher; e, tem um hino que canta sua derrota (Ap 12, 10ss). Fracassado é lançado para terra onde persegue a descendência da mulher. Junto à descrição da perseguição, a temática da proteção divina também se mostra como elemento característico comum na narrativa da mulher (cf. Ap 12), na da cidade santa e na das duas testemunhas (cf. Ap 11). Outro elemento comum aos personagens é a indicação

³⁶ Algumas evidências presentes em Ap 12 propõem uma eventual quebra de continuidade com o capítulo que o antecede. Dentre elas, duas podem ser destacadas. A primeira está relacionada ao personagem central, o dragão. A razão de toda sua fúria ainda não havia sido descrita anteriormente como ocorre neste capítulo. A segunda está relacionada à maneira incomum até aqui com que o autor se refere à mulher e ao dragão. Para entender o que representa estes sinais (σημεῖον), é necessário que o leitor se detenha a eles por um tempo maior para poder compreender a profundidade destes personagens. Entretanto, parece pouco provável que o autor do Apocalipse tenha dividido seu texto em várias partes, ao contrário, diversos indícios indicam que ele as articula e as entrelaça. Importa assim, analisar estas estruturas ciente de que a correspondência entre os capítulos acrescida dos novos elementos apresentados deve promover a progressão do pensamento. Sobre esse assunto: SILVA, Clodomiro de Sousa e. *Apocalipse 12: uma leitura paradigmática do peregrinar cristão*. p 106; OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: Comentário exegético*. p 508-510; PRINGENT, Pierre. *O Apocalipse*. São Paulo: Edições Loyolas, 2002. p 207-208;

³⁷ PRINGENT, Pierre. *O Apocalipse*. p 207.

do período pós pascal, em que os três tempos e meio (cf. Ap 12,6), equivalentes a 42 meses (cf. Ap 11,2), os quais por sua vez, correspondem a mil duzentos e sessenta dias (cf. Ap 11,3) designando um tempo determinado com desfecho previsto.

Por último, destacam-se as teofanias, frequentemente entendida como um indicador de estrutura de textos que, mesmo sem causar ruptura na narrativa, agrega novos assuntos. Desta forma, os relâmpagos, vozes e trovões assumem a solene função de introduzir um evento importante. Eles antecedem a passagem dos selos (cf. Ap 4,5); um pouco adiante, precedem o toque das trombetas (cf. Ap 8,5) e prenunciam a queda da Babilônia (cf. Ap 16, 18.21). Esta mesma função ocorre em Ap 11,19 para introduzir a narrativa da estrutura ternária ὁράω³⁸.

A relação de continuidade evidenciada na passagem entre os capítulos 11 e 12, volta a se repetir na transição entre os capítulos 12 e 13. A utilização no versículo 18 do verbo εσταθην³⁹ em primeira pessoa (fiquei, me pus, me coloquei) coloca João nas areias da praia prestes a ver a besta emergindo do mar (θάλασσα - substantivo utilizado como elemento de ligação entre os dois capítulos). É neste mesmo o cenário que o vidente pode presenciar o encontro entre o dragão, que transfere seu poder, para a besta fazer guerra e, aparentemente, vencer aqueles que mantêm o testemunho de Jesus Cristo (cf. Ap 12,17)⁴⁰. A ira do dragão que leva à perseguição, inicialmente envolvendo somente a mulher e seu filho prestes a nascer, se estende para além de todos os limites, uma vez que se transformando numa guerra (caracterizada pelo substantivo acusativo πόλεμος – presente em Ap 12,17 e 13,7), chega à Terra e atinge a todos aqueles que se mantêm fiéis ao Cristo.

³⁸ SILVA, Clodomiro de Sousa e. *Apocalipse 12: uma leitura paradigmática do peregrinar cristão*. p 106.

³⁹ Essa opção, atestada por diversos manuscritos antigos, entre eles P 046. 051. 1006. 1611. 1841. 2053. 2329 $\aleph$ vg^{mss} sy^{ph} co, também é apresentada pelo aparato crítico do software BibleWork.

⁴⁰ Importa destacar novamente que na temática do testemunho, a morte, aparente derrota daqueles que levam à frente o testemunho de Jesus e que se recusam a adorar a besta, é na verdade a vitória (cf. Ap 12,11).

O período de 1260 dias (cf. Ap 12,6) e seus equivalentes (um tempo, tempos e metade de um tempo (cf. Ap 12,14) e 42 meses (cf. Ap 11,2 e 13,5) encontram forte ecos na literatura do Antigo Testamento, especialmente ao descrevem o juízo divino na época de Elias. Este impôs três anos e meio de fome ao povo de Israel (cf. 1Rs 17,1-3; 18,1) ou a peregrinação por 42 acampamentos diferentes pelo deserto (cf. Nm 33,5-49). Esse decurso remete a uma etapa de muita tribulação e sofrimento, em que, apesar de toda opressão e violência que será imposta aos fiéis, Deus os protegerá e fortalecerá espiritualmente⁴¹. Prigent caracteriza essa “época pós pascal como um tempo situado sob o duplo sinal da proteção divina e das ameaças satânicas”⁴².

1.4 Variantes textuais

Os escritos neotestamentários originais, se perderam ao longo do tempo. Todo material disponível atualmente tem origem em manuscritos, papiros, códice, além das citações feitas pelos Santos Padres em seus escritos. Essas cópias chegaram ao presente contendo inúmeras variantes, alterações e erros introduzidos de forma intencional ou inconsciente, que podem afetar de forma direta o sentido do texto.

Diante disso, a crítica textual⁴³, utilizando princípios e métodos estabelecidos, procura identificar e corrigir as alterações e erros presentes nos textos. Este trabalho é realizado com a finalidade de recuperar ao máximo a originalidade dos escritos bíblicos e, assim, a aproximá-los dos autógrafos.

A importância da crítica textual está ligada ao interesse hermenêutico que, por força do seu ofício, busca conhecer a teologia de cada autor. As razões desta atividade envolvem três pontos distintos: em primeiro lugar, relacionar e estudar a grande quantidade de variantes presentes em todos os versículos do Novo

⁴¹ OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: Comentário exegético*. p 467-468 e 541-542.

⁴² Prigent busca destacar que mesmo perseguida a igreja é preservada e salva, utilizando o paralelismo entre as testemunhas (cap. 11), que representam a igreja neste mundo ou a vocação profética. A mulher (cap. 12) representando a igreja, apresenta-se sempre às voltas com o inimigo já vencido. PRINGENT, Pierre. *O Apocalipse*. p 225.

⁴³ Os itens 1.4 Variantes textuais; 1.5 Segmentação e tradução; e, 1.6 Crítica linguística serão desenvolvidos com a ajuda de 2 softwares para análise de textos bíblicos: Bible Hub (www.biblehub.com) e Bible Work (www.biblework.com), além de livros citados oportunamente.

Testamento⁴⁴; em segundo lugar, a necessidade de chegar ao texto original utilizando os manuscritos acessíveis oferecidos pela tradição posterior; por fim, em terceiro lugar, poder distinguir o que a tradição acresceu ao texto daquilo que realmente foi transmitido pelo autor⁴⁵.

1.4.1 Estudo das variantes e lições

A confrontação das diversas famílias de manuscritos evidencia um grande número de variantes presentes nos textos com potencial de afetar o trabalho de tradução. Elas podem ser divididas conforme sua ocorrência em inconscientes, quando ocorrem devido a erros cometidos pelos copistas⁴⁶, e intencionais, devido à intenção dos copistas de efetuar correções ou ajustes⁴⁷.

A relevância do estudo das variantes está ligada ao processo de tradução necessário ao estudo exegetico. Ainda que esta pesquisa ocorra ancorada em aparatos críticos já editados por outros pesquisadores, o que limita a possibilidade de uma descoberta, ela oferece a oportunidade de aproximação dos princípios adotados pelo método e da compreensão da variante escolhida para o trabalho.

A 28ª edição de Nestle-Aland e 5ª Edição do Novo Testamento da United Bible Societies despontam como preferência dos pesquisadores e estudiosos. Ambas têm como premissa de trabalho a elaboração de material criterioso e

⁴⁴ BARRERA, Júlio Trebolle. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1995. p 396.

⁴⁵ SCHNELLE, Udo. *Introdução à exegese do novo testamento*. 5ª Edição. São Paulo: Edições Loyolas, 2004. p 29-30.

⁴⁶ “troca de letras por parte dos copistas (duplo L, em grego, parece M); erros de audição (copiando o que é ditado, em grego, confunde-se *ei* com *i*, pronunciados do mesmo modo num determinado momento da história), erro na individuação das palavras (usava-se a escrita contínua, sem separação dos vocábulos), duplicação de letras ou palavras, omissão (por exemplo, saltando uma frase que iniciava ou terminava de maneira idêntica a uma outra), adição de glosas marginais, adaptação a textos paralelos com os quais o copista estava familiarizado”. (EGGER, Wilhelm. *Metodologia do novo Testamento. Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. p 44-45).

⁴⁷ Egger cita a “vontade de corrigir passagens erradas (Mc 1,1: ‘nos profetas’ em lugar de ‘no profeta Isaías’); ou derivam de modificações de caráter ortográfico, gramatical, estilístico (por exemplo, eliminando os assíndetos)”. EGGER, Wilhelm. *Metodologia do novo Testamento. Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. p 45-45.

apresentam um aparato crítico que utiliza métodos analíticos e interpretativos⁴⁸ para selecionar as variantes.

1.4.1.1 Análise das variantes e lições no Ap 12 (1-6; 13-17)

A análise das variantes presente na perícopa de trabalho foi feita a partir da edição crítica de Nestle-Aland, disponível através do software BibleWorks 10. Nesta etapa também foi utilizado o software Biblehub. A análise foi realizada versículo a versículo identificou um total de 20 variantes textuais e 31 lições, conforme distribuídas no quadro abaixo.

Quadro 3 – Variantes e Lições Ap 12 (1-6 e 13-17)

Versículo	Variante	Lições
1	-	-
2	1	3
3	2	3
4	1	1
5	3	3
6	4	5
13	1	3
14	4	4
15	2	2
16	3	3
17	2	2
TOTAL	23	29

Fonte: Autoria própria.

A seguir a análise das variantes presentes em cada versículo do texto de trabalho.

⁴⁸ O passo analítico é a atividade de “decodificar inicialmente os dados de crítica textual do aparato. Cabe verificar que manuscritos atestam cada variante e como essa atestação deve ser aquilatada em termos qualitativos (idade e qualidade do manuscrito) e quantitativos (abrangência da atestação). Como princípio vale a regra: a versão textual mais bem documentada e a mais original”. Já por passo interpretativo o mesmo autor (2004. p. 43) entende que aqui “está em jogo a questão de que versão textual é a mais antiga com base nos critérios do conteúdo. É preciso esclarecer como se relacionam entre si as diversas versões textuais em seu surgimento, que razões objetivas depõem em favor de uma ou outra variante e como as formas textuais divergentes puderam surgir a partir da versão textual postulada como original. Como princípio, é preciso considerar que é mais original aquela versão textual que explica melhor o surgimento das demais variantes”. SCHNELLE, Udo. *Introdução à exegese do novo testamento*. p 24.

v1 Καὶ σημείον μέγα ὥφθη ἐν τῷ οὐρανῷ, γυνὴ περιβεβλημένη τὸν ἥλιον, καὶ ἡ σελήνη ὑποκάτω τῶν ποδῶν αὐτῆς καὶ ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτῆς στέφανος ἀστέρων δώδεκα,

Conforme apresentado pelo aparato crítico NA²⁸, o versículo 1 não contém nenhuma variante a ser analisada.

v2 καὶ ἐν γαστρὶ ἔχουσα, καὶ κράζει ὠδίνουσα καὶ βασανιζομένη τεκεῖν.

O segundo versículo oferece uma única variante, **καὶ κράζει**, da qual ocorrem três lições.

Atestada pelos manuscritos C 2351, $\mathfrak{M}^k$ e sy^h ⁴⁹, a lição número 1 apresenta conjunção καὶ antes do verbo κράζει. Este recurso é utilizado para dar ênfase à expressão. Todavia, o destaque desta lição ocorre na forma verbal. A ação inacabada marcada pelo verbo (κράζει), se dá no presente, mas este é substituído por sua forma pretérita (ἐκράζεν). Entretanto, devido à importância do tempo na língua grega ser bastante relativa, esta mudança não oferece impacto sintático e semântico no texto⁵⁰. A segunda lição é testemunhada por único manuscrito, o 046. Neste documento, além da supressão da conjunção καὶ também ocorre uma palavra não existente no grego Koiné, ἐκράξεν. Provavelmente a palavra surgiu em decorrência de erro do copista que confundiu a letra ζ por ξ⁵¹, duas letras com desenho significativamente semelhantes.

Por fim, a lição três apresenta uma nova inversão no posicionamento das palavras. Com posicionamento invertido, a conjunção καὶ é apresentada após o verbo, como ocorre em A, P, 051, 1611, 1854, 2329, 2344 e $\mathfrak{M}^A$. Esta inversão, ou até uma possível omissão da conjunção, não provocaria qualquer alteração no campo semântico, mas influenciaria consideravelmente a sintaxe. A inversão

⁵⁰ Embora NA²⁸ opte pela forma κράζει, o número de testemunhas da fórmula ἐκράζεν leva a uma hipótese que carece de mais estudos e aprofundamento. O texto joanino do Apocalipse é formatado como uma narrativa, estilo literário que comumente descreve os eventos no tempo passado, motivo que poderia levar os copistas a promoverem essa alteração.

⁵¹ Admitindo a hipótese de um erro de copista, o termo pretendido para o texto seria ἐκράζεν, o que colocaria o manuscrito 046 como mais uma atestação desta variante, elevando seu total de testemunhas para cinco.

ora tratada gerar a expressão καὶ ἐν γαστρὶ ἔχουσα, κράζει καὶ ὠδίνουσα (E estava grávida, e gritava com as dores do parto).

Nenhuma das variantes estudadas altera o campo semântico do texto. Diante disso, considera-se ainda, a quantidade e importância testemunhada pelos documentos externos: papiro P⁴⁷ os unciais N 1006., 1841. e 2053, NA²⁸ seguiu a fórmula καὶ κράζει.

v3 καὶ ὥφθη ἄλλο σημεῖον ἐν τῷ οὐρανῷ, καὶ ἰδοὺ δράκων **μέγας πυρρὸς** ἔχων κεφαλὰς ἑπτὰ καὶ κέρατα δέκα καὶ ἐπὶ τὰς κεφαλὰς **αὐτοῦ** ἑπτὰ διαδήματα,

O versículo terceiro apresenta duas variantes, **μέγας πυρρὸς**, e **αὐτοῦ**. Nelas podem ser observadas três lições.

Variante: **μέγας πυρρὸς**

Esta lição é testemunhada pelos manuscritos C, 046, 1611, 1854, 2329, 2344, (1006, 2351 sy^{ph}), pm e sy^h. Consoante o texto utilizado como referência, o termo πυρὸς é apresentado com somente um ρ. Essa supressão tem duas origens possíveis: a primeira hipótese, especula sobre um erro do copista, ao passo que a segunda, relacionada a gramática da língua grega. O termo **πυρρὸς** com dois ρ é empregado como um adjetivo. Já o termo πυρὸς, é classificado como um substantivo. Com isso, é possível que o copista possa ter entendido o πυρὸς como parte do nome do Dragão e não adjetivo. Outro destaque importante é a alteração na posição ocupada pelos dois adjetivos. Como se trata de alteração no posicionamento de adjetivos, sem envolvimento de verbos ou substantivos, não ocorre alteração substancial no campo semântico. Todavia, cabe citar que a alteração na ordem típica dos adjetivos na língua grego, demonstra a intenção de algum tipo de ênfase, ou, como é provável neste caso, o objetivo de encerrar a sequência de ênfases.

Ainda que as duas lições tenham a seu lado boas testemunhas, nenhuma delas altera o campo semântico. Assim, NA²⁸ seguiu a fórmula μέγας πυρρὸς, balizada pelas evidências externas dos importantes manuscritos A, P, 051, 1841, P⁴⁷, N e 2053.

Variante: **αὐτοῦ**

O escrito atestado por escritos como A, Tyc e Bea oferece a substituição de um pronome por outro. Ambos, αὐτοῦ e αὐτων, são pronomes pessoais genitivos masculinos empregados na terceira pessoa, sendo o primeiro singular e o segundo plural. A utilização do termo no plural parece ser definida como um erro de acepção, uma vez que ele se refere às sete cabeças do dragão, sujeito da frase apresentado no singular⁵². Já a segunda lição trata da omissão do pronome como apresentada pelo documento P⁴⁷. Tal ação decorre de uma lógica interna entre duas orações coordenadas, a qual leva a concluir que as cabeças são do mesmo e único dragão.

Amparado pela análise desta variante e considerando a atestação oferecida pela grande maioria dos manuscritos, a 28ª edição de Nestlé-Aland adota o termo αὐτοῦ.

V4 καὶ ἡ οὐρὰ αὐτοῦ σύρει τὸ τρίτον τῶν **ἀστέρων** τοῦ οὐρανοῦ καὶ ἔβαλεν αὐτοὺς εἰς τὴν γῆν. Καὶ ὁ δράκων ἔστηκεν ἐνώπιον τῆς γυναικὸς τῆς μελλούσης τεκεῖν, ἵνα ὅταν τέκη τὸ τέκνον αὐτῆς καταφάγη.

O quarto versículo oferece uma única variante e uma única lição.

Variante: **ἀστέρων**

Amparado pelos documentos C e 2053, o texto apresenta a substituição de termo **ἀστέρων** pelo αστρων. Nesta lição ocorre supressão de é que, considerando a ocorrência da forma αστρων em momentos posteriores, mais modernos da língua grega, pode ser entendida como uma evolução⁵³. Esse mesmo processo de evolução da língua transferiu a sílaba tônica de τέ para ας ainda que não carregue a acentuação. Essas evidências fazem com que a possibilidade de erro do copista fique em segundo plano.

⁵² Uma análise hipotética, que busca compreender a utilização do αὐτων poderia considerar ou relacionar as sete cabeças do dragão que o dragão possui a mais de uma personalidade ou a múltiplas personalidades. Esse conceito levaria a compreensão do dragão como um animal plural. Dentro deste imaginário plurifacetado seria possível o uso do pronome αὐτων.

⁵³ Anotação de aula.

Exclusos os manuscritos C e 2053, testemunhas desta lição, a totalidade restante dos documentos atesta a escolha de NA²⁸ pelo substantivo genitivo plural ἄστέρων. Interna ao texto, a substituição dos termos não altera a sua semântica.

V5 καὶ ἔτεκεν υἱὸν ἄρσεν, ὃς μέλλει ποιμαίνειν πάντα τὰ ἔθνη ἐν ῥάβδῳ σιδηρᾷ.
καὶ ἠρπάσθη τὸ τέκνον αὐτῆς πρὸς τὸν θεὸν καὶ πρὸς τὸν θρόνον αὐτοῦ.

O quinto verso contém três variantes, a saber ἄρσεν, ἐν e πρὸς. Delas é possível extrair três lições.

Variante: ἄρσεν

Esta lição utiliza expressões αρσενα ou αρρενα em substituição a ἄρσεν e são balizadas por diversos manuscritos ℣⁴⁷, ℞, P, 046, 051, 1006, 1611, 1841, 1854, 2053, 2329, 2344, 2351 e ℹ. Trata-se de uma variante linguística gerada a partir de um fenômeno da língua, ocorrido especialmente no grego bizantino, em que o acusativo neutro passou a rejeitar finais com consoantes mudas⁵⁴ (o termo ἄρσεν recebe a letra α formando αρσενα).

Como demonstrado pela análise da variante, a substituição não provoca alteração no campo semântico. Já com relação as evidências externas, NA²⁸ opta pelo termo testemunhado pela maioria dos manuscritos, entre eles os importantes A e C.

Variante: ἐν

O texto que apresenta a omissão da preposição ἐν, é testemunhado por vários manuscritos importantes, como C, P, 051, 1006, 1841, 2053 e ℹ_A. Ocorre aqui uma figura de linguagem comum no formato clássico da língua grega, a prosódia. Esta omite, de forma intencional, a preposição no dativo. A utilização deste recurso busca construir um cenário amplamente enfático, emblemático⁵⁵,

⁵⁴ Anotação de aula.

⁵⁵ Não obstante, o fato da prosódia ser bastante característica na fase clássica da língua grega e o grego utilizado por João ser posterior, da fase helenista, contando ainda com o agravante de ser consideravelmente influenciado pela utilização das comunidades judaicas, a figura de linguagem em questão explica, de forma satisfatória, essa variante.

como neste exemplo em que o autor destaca a importância do cetro de ferro que será utilizado para reger as nações (ὃς μέλλει ποιμαίνειν πάντα τὰ ἔθνη ἐν ῥάβδῳ σιδηρᾷ).

É possível que NA²⁸ tenha considerado a evolução da língua grega durante sua tarefa. Ainda assim, excetuados os manuscritos citados no parágrafo acima, a grande maioria dos documentos atestam a presença da preposição. Com isso, dada a quantidade de atestações e a sua importância, sem que provoquem alterações no campo semântico, o termo é mantido.

Variante: **πρὸς**

Atestado somente pelo importante manuscrito M^A, esta lição suprime a preposição πρὸς do texto. Essa ação não pode ser definida como um erro do copista, mas sim como alteração baseada na sintaxe do texto. Através da análise sintática, é possível observar uma sequência de orações coordenadas por conjunções. Assim, como a preposição πρὸς já aparece no sintagma anterior (καὶ ἡρπάσθη τὸ τέκνον αὐτῆς **πρὸς** τὸν θεόν) e neste vem precedida da conjunção καὶ (καὶ ~~πρὸς~~ τὸν θρόνον αὐτοῦ) é possível omitir sua repetição sem que ocorra alteração de sentido da frase⁵⁶.

A análise da variante aponta que a utilização ou não da preposição πρὸς não afeta o sentido do texto. Dessa forma, a 28ª edição crítica de Nestle-Aland mantém a preposição baseada nas atestações oferecidas pela quase totalidade dos manuscritos.

V6 καὶ ἡ γυνὴ ἔφυγεν εἰς τὴν ἔρημον, ὅπου ἔχει **ἐκεῖ** τόπον ἡτοιμασμένον **ἀπὸ** τοῦ θεοῦ, ἵνα ἐκεῖ **τρέφωσιν** αὐτὴν ἡμέρας χιλίας διακοσίας ἐξήκοντα.

O versículo seis apresenta quatro variantes, **ἐκεῖ**, **ἀπὸ**, **τρέφωσιν** e **πεντε**. Através delas é possível identificar cinco lições.

⁵⁶ Essa lição apoiada pela análise sintática ajuda a reforçar a tese da economia textual dos copistas, bastante estudada pelos pesquisadores de edótica. Segundo esta teoria, sempre que possível, descartando de maneira segura a possibilidade de comprometimento do texto, os termos eram omitidos. MURACHCO, Henrique. *Língua Grega. Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional*.

Variante: **ἐκεῖ**

Amparado pelos manuscritos C, 1611, 2329, $\mathfrak{M}^A$, lat, Tyc e Prim, o texto omite o advérbio de lugar (ἐκεῖ). Aqui a utilização deste advérbio é redundante, afinal o próprio texto define, de maneira satisfatória, onde a ação ocorre. O pronome adjetivo ἔρημον (deserto) é apresentado no modo acusativo, definindo assim o local e propondo inclusive a ideia de movimento dirigido para este local. Com isso, outra referência ao lugar (ἐκεῖ) é uma redundância. No entanto, cabe destacar que a redundância não pode ser caracterizada como um erro, mas sim como uma alternativa que o autor lança mão com a intenção de destacar o lugar e torná-lo muito específico, único e especial.

Caracterizada como uma alternativa de ênfase, a utilização ou omissão do advérbio não influencia na semântica do texto. Desta forma, ainda que considerando os documentos já citados nesta variante, NA²⁸ opta por utilizar a preposição com base na atestação dos demais documentos, em maior número e de grande importância.

Variante: **ἀπὸ**

Com base na atestação dos manuscritos 046, 1611, 2351 e $\mathfrak{M}^K$ o texto é apresentado com a substituição de uma preposição (**ἀπὸ**) por outra (υπο). Esta lição ganha importância à medida que provoca uma mudança semântica na regência preposicional. A preposição ἀπὸ, enquanto genitivo, apresenta a ideia de ponto de partida, origem da ação preparar um lugar (τόπον ἡτοιμασμένον ἀπὸ τοῦ θεοῦ). O lugar sofre a ação de ser preparado e a origem dessa ação é Deus. Ao passo que o termo υπο, que significa debaixo ou sob, sugere que o lugar sofre a ação de ser preparado, esta ação é submetida a Deus (τόπον ἡτοιμασμένον υπο τοῦ θεοῦ)⁵⁷. A partir desta substituição é possível pensar que o autor pretendeu destacar que o local foi submetido à mulher pela ação de Deus.

⁵⁷ A partir desta variante é possível pensar que o autor pretendeu destacar que o local foi submetido à mulher pela ação de Deus.

Considerando a alteração semântica que a substituição das preposições poderia causar, bem como pelo conjunto das demais testemunhas, NA²⁸ mantém a preposição genitiva expressa no texto.

Variante: **τρέφωσιν**

A primeira lição desta variante é atestada pelos manuscritos 046 e $\mathfrak{M}^K$. Nela o verbo τρέφωσιν recebe a preposição εκ resultando na expressão εκτρέφωσιν. O resultado desta adição é uma pequena mudança no verbo de origem e uma alteração na ideia verbal transmitida. Neste caso específico, o termo formado reflete a ideia de esgotamento, totalidade ou plenitude da ação. Quando considerado o verbo alimentar ou nutrir (τρέφωσιν) o incremento da preposição apresenta a ideia de alimentar bem, nutrir bem, satisfazer. Já a segunda lição tem os documentos $\aleph$, C, 051 e 2329 como testemunhas e apresenta uma alteração importante para esta variante. A utilização do verbo τρεφουσιν, (presente na terceira pessoa do plural) no modo indicativo é um erro de concordância verbal cometido pelo copista. A presença da conjunção subordinativa ἵνα pede que o verbo ocorra no modo subjuntivo, como ocorre no texto adotado por Nestle-Aland, ou no optativo.

Uma vez analisadas as alterações potenciais que as variantes podem impor e acatando o conjunto de testemunhas, exceto os documentos já citados, NA²⁸ utiliza a expressão referencial do texto.

Variante: **πεντε**

O único manuscrito que apresenta a inserção do cardinal πεντε é o $\aleph^2$. Excetuada a situação hipotética em que uma comunidade, intimamente relacionada com os números ou com seu simbolismo, tenha pretendido a adição como forma de registrar sua interpretação acerca da expressão, a adição do termo πεντε sugere um erro de copista. O número 1260 e seus equivalentes: período de 3 anos e meio, o intervalo das 42 semanas, e a expressão tempo, tempos e metade de um tempo, remetem a Daniel. Elas são de grande importância para a tradição judaico cristã e, em especial, para a literatura apocalíptica. Já o número 1265 não ocorre nos escritos.

Considerando como provável erro a inclusão do termo πεντε ao texto e primando pela importância e quantidade das fontes, maioria destas, NA²⁸ opta por não incluir o termo em seu texto.

13 Καὶ ὅτε εἶδεν ὁ δράκων ὅτι ἐβλήθη εἰς τὴν γῆν, **ἐδίωξεν** τὴν γυναῖκα ἣτις ἔτεκεν τὸν ἄρσενά.

Este versículo apresenta uma única variante, **ἐδίωξεν**. Dela é possível extrair 3 lições.

Variante: **ἐδίωξεν**

Proposta pelo manuscrito 8 essa lição apresenta, mudança do verbo utilizado. A ideia de perseguição, transmitia pelo verbo no modo indicativo **ἐδίωξεν**, é amplificada pelo acréscimo da preposição **εξ**. Essa adição causa uma sensação de exagero na ação verbal, seja em seu ímpeto inicial ou no seu desenvolvimento. Uma vez que a forma verbal é mantida e a alteração semântica provocada por essa substituição de verbos é bastante discreta, relacionada ao destaque ou à ênfase conferida à perseguição, não provoca mudanças significativas no texto. A ideia proposta pela segunda lição, testemunhada exclusivamente pelo manuscrito 47⁴⁷, ultrapassa o objetivo de conferir ênfase, conforme verificado na lição anterior. Aqui, além da adição da preposição **εκ** ao verbo **ἐδίωξεν**, responsável pelo destaque, ocorre ainda o incremento de outro verbo (**απηλθεν**) na sua forma infinitiva⁵⁸. A expressão gerada **απηλθεν εκδιωξαι** (saiu em perseguição) sugere um reforço ou exagero da ênfase proposta. Da mesma forma que a lição anterior, as mudanças provocadas não acarretam alteração no sentido do texto. Por fim, proposto pelo manuscrito 8, a lição três apresenta a alteração de verbo **ἐδίωξεν** por **εδωκεν**, que semanticamente, parece não se aplicar a frase em análise. A temática proposta pelo autor, representada pelos verbos **ἐδίωξεν**, **εξεδιωξεν** ou **εκδιωξαι**, indica a

⁵⁸ Na língua grega o acréscimo de um verbo infinitivo a uma expressão que já contenha um verbo principal é, por assim dizer, a substantivação do verbo, um esforço realizado pelo processo linguístico voltado a transformar a ação corrente num substantivo, provocando assim a elevação desta ação a uma categoria mais emblemática, de destaque. Anotações de aula.

ideia de perseguição, ao passo que a forma aqui avaliada *εδωκεν* é traduzida como de outorgar ou dar. Aqui cabe pensar que a alteração tem origem em um erro do copista.

Interno ao texto, NA²⁸ opta por desconsiderar o provável erro do copista, lição 3, da mesma forma que a ênfase propostas pelas variantes das lições 1 e 2, ainda que estas não alterem o sentido do texto. Além desses dados, externo a texto, o autor se ampara na atestação importante e numerosa da maioria dos manuscritos.

14 καὶ *ἐδόθησαν* τῇ γυναικὶ αἰ δύο πτέρυγες τοῦ ἀετοῦ τοῦ μεγάλου, ἵνα πέτῃται εἰς τὴν ἔρημον εἰς τὸν τόπον αὐτῆς, *ὅπου τρέφεται* ἐκεῖ καιρὸν καὶ καιροὺς καὶ ἡμῖς καιροῦ ἀπὸ προσώπου τοῦ ὄφεως.

O versículo apresenta um total de quatro variantes textuais, *ἐδόθησαν*, *αἰ*, *ὅπου τρέφεται* e *καὶ ἡμῖς καιροῦ*. A partir delas são identificadas 4 lições.

Variante: *ἐδόθησαν*

A primeira variante abordada neste versículo apresenta um erro de concordância. O termo *ἐδόθησαν*, está no plural concordando com o sujeito lógico, ou seja, o destino do verbo, também apresentado no plural. Ao passo que o termo *εδοθη*, presente nos $\mathfrak{P}^{47}$ e $\aleph^2$, embora apresentando a forma correta, está no singular.

Considerando a expressão *εδοθη* como um erro de concordância, e respeitando a grande maioria dos documentos, NA²⁸ adota a expressão referenciada no texto.

Variante: *αἰ*

A omissão do artigo nominativo singular *αἰ* é atestado pelos documentos $\mathfrak{P}^{47}$ $\aleph$, 046, 1854, 2329, 2344, 2351 e $\mathfrak{M}^k$. Esta lição pode ser explicada a partir de dois vieses: o primeiro é um possível erro do copista: que, de forma não intencional omitiu o termo; o segundo, considera uma a tendência presente na língua grega em que uma mesma frase não deve possuir dois ou mais

indicadores de um mesmo substantivo. Assim, nesta lição é possível a ocorrência de um ajuste que buscou tornar o texto mais refinado. Essa propensão é tão mais comum quanto antigo é o grego utilizado⁵⁹. Como comentário final, importa destacar que a utilização do artigo não indica erro na expressão, porque o grego utilizado por João, próprio do período helenista, não tinha a preocupação com o estilo clássico da língua.

Embora diversos manuscritos omitam o artigo, NA²⁸ opta pela sua utilização em decorrência de sua presença não comprometer o texto e, também, ser testemunhado por um grande número de importantes documentos.

Variante: **ὅπου τρέφεται**

Atestada pelos manuscritos 046, 1611, 1854 e ℣^k, esta lição [οπως (ινα 1854) τρεφηται] apresenta uma alteração importante ao substituir um advérbio de lugar (ὅπου) por um advérbio de modo (οπως). O primeiro (ὅπου τρέφεται) oferece a informação de onde a mulher é alimentada, neste caso, o deserto, como o próprio texto relata. O segundo esclarece o modo como a mulher é alimentada (οπως τρεφηται) no deserto. Ainda que a substituição dos dois termos provoque alteração semântica somente no sintagma, preservando o contexto amplo inalterado, a relação com o verbo é modificada.

Uma vez que as implicações semânticas são pequenas no contexto, a opção do NA²⁸ é a manutenção do termo ὅπου. Essa escolha é amparada pela maioria dos documentos, excluídos os citados pela lição.

Variante: **καὶ ἡμῖν καιροῦ**

Apenas o manuscrito C atesta a omissão da expressão καὶ ἡμῖν καιροῦ, expressivamente estranha ao pensamento e à organização lógica da língua grega. A partir dessa premissa, é razoável considerar que esta omissão é

⁵⁹ Admitindo que os documentos utilizados por NA²⁸ datam de períodos muito posteriores aos autógrafos (como o P⁴⁷, séc. III; ℣, séc. IV a VI; 046., séc. X; 1854., séc. XI; 2329., séc. X; 2344., séc. XI; 2351, séc. X), é possível considerar que o copista responsável pela cópia possuísse conhecimentos da língua grega em seu período clássico e arcaico.

intencional por parte dos copistas, que por não terem nenhuma relação com o pensamento da comunidade joanina, profundamente enraizado no universo judaico, não conhecem seu valor. Assim, em especial nos manuscritos mais tardios, influenciados pela língua grega e distantes da realidade vivida pelo autor, eliminar a expressão meio tempo (ἥμισυ καιροῦ), possa ser entendido como uma tentativa de dar sentido ao texto.

Exceto o manuscrito C todos os demais atestam a presença da expressão. Além disso, assumir a omissão causaria impacto significativo numa expressão importantíssima dentro do contexto judaico-cristão. Assim NA²⁸ opta pela manutenção do termo em seu texto referencial.

15 καὶ ἔβαλεν ὁ ὄφις **ἐκ** τοῦ στόματος αὐτοῦ ὀπίσω τῆς γυναικὸς ὕδωρ ὡς ποταμόν, ἵνα **αὐτήν** ποταμοφόρητον ποιήσῃ.

Este verso apresenta duas variantes, a saber **ἐκ** e **αὐτήν**, bem como duas lições.

Variante: **απο**

Atestada pelo papiro Φ^{47} , esta lição trata da substituição de duas preposições. A primeira delas ἐκ, referenciada pelo texto volta-se para a origem da ação – está focada na água que, neste caso, jorra da boca do dragão. Já a segunda, απο, está atenta unicamente ao movimento da água, sem considerar relevante sua origem. São termos sinônimos entre si e não provocam alteração semântica.

Uma vez que a substituição das preposições estudadas não causa impacto no texto, atestado pela maioria dos manuscritos, NA²⁸ opta pelo termo referenciado no texto.

Variante: **ταυτην**

A lição atestada pelos documentos P, 051 e $\mathfrak{M}^A$, apresenta a troca entre dois pronomes. Por um lado, o pronome pessoal acusativo **αὐτήν** é utilizado para se referir à mulher já apresentada anteriormente, portanto, é conhecida e

se encontra em relativa proximidade. Por outro lado, o pronome demonstrativo ταυτην, também indica familiaridade com a mulher. Apesar disso, impõe relativo distanciamento da personagem. Uma vez que ao longo do texto, o ritmo narrativo trabalhado pelo autor dá à mulher uma descrição bastante nítida e próxima, a utilização de ambos os termos não deve implicar alteração de significado. Uma possibilidade para o uso do demonstrativo é retórica, caso em que o autor procura colocar o interlocutor há alguma distância do evento e dirigir toda a sua atenção exclusivamente para a mulher.

Considerada a variante textual e seu potencial impacto, e ancorado pela maioria dos manuscritos, NA²⁸ optou pela utilização do αὐτήν.

16 καὶ ἐβοήθησεν ἡ γῆ τῇ γυναικὶ καὶ ἥνοιξεν ἡ γῆ τὸ στόμα αὐτῆς καὶ κατέπιεν τὸν ποταμὸν ὃν ἔβαλεν ὁ δράκων ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ

O versículo 16 apresenta três variantes, a saber: ἡ γῆ, τὸν ποταμὸν ὃν e ἐκ, nas quais são identificadas três lições

Variante: ἡ γῆ

Os documentos P⁴⁷, gig e Prim, atestam a omissão da expressão ἡ γῆ. Pesa sobre esta lição a mão do copista que, constatando a redundância provocada opta por intervir e excluir a repetição (καὶ ἐβοήθησεν ἡ γῆ τῇ γυναικὶ καὶ ἥνοιξεν ἡ γῆ τὸ στόμα αὐτῆς). Como já descrita em lições anteriores essa ação de omissão, quando preservada a semântica do texto, tem o objetivo de refinar o texto usando como parâmetro o grego clássico ou arcaico.

Tendo em vista que a omissão não compromete a integridade semântica do texto e apoiado pela quase totalidade das testemunhas, NA²⁸ escolhe manter a repetição da expressão, afora as três já mencionadas acima.

Variante: τὸν ποταμὸν ὃν

O manuscrito A é o único a testemunhar essa lição. Nela ocorre a substituição do substantivo ποταμὸν (rio) por outro substantivo ὕδωρ (água). Além disso, a alteração inclui também a correta construção da concordância

nominal, o que evidencia uma alteração proposital e atenta do copista. Ainda que rio e água sejam elementos diferentes a imagem construída pelo autor é preservada. Ocorre, assim, apenas uma pequena alteração no sintagma, insuficiente para provocar modificações consideráveis no campo semântico amplo⁶⁰. O campo sintático não sofre modificações.

Uma vez analisada a variante apresentada e suas implicações, NA²⁸ define o texto referenciado a partir do número próximo ao total de manuscritos, que o testemunham.

Variante: **ἐκ**

Atestada pelo documento $\mathfrak{P}^{47}$, esta lição já foi analisada no versículo 15. Ela trata do ponto de referência a que a preposição ἐκ remete, a boca do dragão como a origem da água. Com foco diferente a preposição απο se concentra no movimento da água. Em ambos os casos o campo semântico não sofre qualquer alteração.

Considerando que a variante não provoca nenhuma alteração interna ao texto, a atestação da quase totalidade dos manuscritos leva NA²⁸ a utilizar o termos referenciado em seu texto.

17 καὶ ὠργίσθη ὁ δράκων ὅ**ἐπὶ** τῇ γυναικὶ καὶ ἀπῆλθεν ὁ **ποιῆσαι πόλεμον**² μετὰ τῶν λοιπῶν τοῦ σπέρματος αὐτῆς τῶν τηρούντων τὰς ἐντολὰς τοῦ θεοῦ καὶ ἐχόντων τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ.

O verso final desta análise oferece duas variantes textuais, quais sejam: **ἐπὶ** e **ποιῆσαι πόλεμον**; das quais é possível extrair duas lições.

Variante: **ἐπὶ**

A omissão da preposição **ἐπὶ** é testemunhada pelos documentos $\mathfrak{P}^{47}$ e C. Sintaticamente, a preposição é muito importante, haja visto que sua utilização pode alterar regência, sentido de verbo a ela acoplado, relação do sujeito com

⁶⁰ Essa afirmação não exclui a possibilidade dos dois termos terem sentidos diferentes dentro da comunidade joanina ou que, na comunidade em que viveu o copista responsável pela alteração, os termos tenham alguma importância doutrinal específica.

seu objeto, entre outras relações sintáticas ou semânticas. Diante disso, a omissão é normalmente considerada como um erro do copista. Entretanto, a tentativa de aproximar o texto do estilo clássico ou arcaico da língua grega pode levar à omissão de preposições, especialmente quando elas estão no dativo⁶¹, tal como o presente caso. A opção pela omissão não causa qualquer alteração no campo semântico.

Excetuados os documentos citados no parágrafo acima, a maioria dos manuscritos atesta a presença da preposição. Assim, o termo é mantido considerando a quantidade de atestações e a sua importância. E, interno ao texto, a manutenção ou omissão não provoca impacto no campo semântico.

Variante: **ποιῆσαι πόλεμον**

A lição atestada pelos documentos 8 e 1854 apresenta a transposição dos termos. Na língua grega a ocorrência de inversões entre o verbo e seu objeto, ou mesmo verbo e sujeito, é significativamente típico e usual. Essa opção não afeta sintática ou semanticamente a frase. Aqui não é possível caracterizar a inversão como um erro do copista ou ainda considerar a intenção de enfatizar a cena⁶², exatamente por seu uso ser tão frequente.

Excetuados os dois documentos listados acima, a maioria dos manuscritos opta pela fórmula referenciada por NA²⁸. Interno ao texto, nenhuma das opções impõe alteração de sentido.

1.5 Segmentação e tradução

Não obstante a importância devida a atual divisão dos textos bíblicos em versículos e capítulos, ela é suscetível a críticas. Uma destas críticas está relacionada aos cortes arbitrários que fazem o texto perder a fluidez e sequência, não raro, fazem ocultar o sentido. Outra crítica está relacionada à grande dificuldade que este formato oferece à realização de um trabalho detalhado⁶³. A

⁶¹ Anotações de aula.

⁶² A inversão dos termos tem a função de dar ênfase ao texto quando o episódio envolve adjetivo e substantivo. O que não ocorre na relação verbo/sujeito e verbo/objeto.

⁶³ STENGER, Werner. *Los Métodos de La Exégesis Bíblica*. p 56-57.

alternativa que se oferece é analisar o texto selecionado a partir de sua composição frasal. Nas palavras de Silva⁶⁴ esta atividade permite

“avaliar cada frase, oração e unidade expressiva que compõe o texto e explicitar como estas mesmas frases, orações e unidades expressivas estão articuladas entre si e dão ao texto fluência e significação – pois o texto só significa alguma coisa na correlação destes seus elementos”.

A segmentação é um processo que busca desconstruir a estrutura original do texto para em seguidas reescrevê-lo em linhas com frases menores. O objetivo, com isso, é fazer com que cada um dos elementos que compõe o texto possa ser avaliado individualmente permitindo emergir todas as possibilidades de sentidos. Em outras palavras, o processo de segmentação separa cada oração principal, cada oração secundária e cada unidade de expressão para, em seguida, as reescrever, respeitando sua sequência, uma após a outra em linhas diferentes. Cada uma das linhas, que recebe o nome de segmento, é designada por uma letra (a, b, c, d, ...) observando sempre os limites de cada versículo⁶⁵.

Ainda que essas regras possam oferecer elementos seguros para a análise do texto, dois fatores devem ser respeitados durante a segmentação: a coerência de aplicar o mesmo método em todo o texto e respeito a ordem em que as palavras aparecem no texto sem jamais alterá-las⁶⁶.

Por seu expediente a tradução é a primeira tarefa a ser desenvolvida durante um estudo exegético. Ela é a travessia de uma margem a outra do rio, cujo objetivo principal é permitir o acesso à língua original dos escritos com todas

⁶⁴ SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. p 84-85.

⁶⁵ Stenger explica ainda que a divisão em linhas deve ser feita tomando como regra não só cada oração principal, mas também cada oração subordinada. A regra geral é que, em cada oração principal ou subordinada, existe apenas um verbo. As unidades de enunciação que desempenham uma função completa em si mesmas (como vocativos, interjeições ou os vários elementos de enumeração), também devem ser escritas em linhas separadas, a menos que estejam ligadas a outras para formar um par ou uma tríade. Ao contrário disso, as construções do infinitivo subordinado não devem ser separadas, porque não se enquadram nas próprias unidades de enunciação completas a que nos referimos anteriormente. [...] Quando há incrustações, ou seja, quando uma frase ou unidade de enunciação é interrompida por outra, para ser retomada posteriormente, a inscrição pode ser claramente designada pela adição de números às letras minúsculas (a1, a2, a3, etc.). STENGER, Werner. *Los Métodos de La Exégesis Bíblica*. p 58.

⁶⁶ SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. p 86.

as suas nuances e particularidades, tendo em vista que, quanto maior o nível de compreensão da perícope de trabalho maior será o alcance do estudo como um todo. O processo de tradução representa uma escolha por determinadas expressões que, aos olhos do tradutor, podem melhor expressar o pretendido pelo autor original do texto. Evidentemente, o desenvolvimento do estudo pode mostrar que as opções adotadas não são as mais adequadas ou de bom tom, portanto, podem ser alteradas durante o trabalho.

A ferramenta utilizada para execução desta etapa foi a tradução formal⁶⁷. Esta escolha se deve ao fato de que este modelo, com o objetivo de “garantir a fidelidade ao original, afasta-se, por exemplo, da ordem original das palavras somente por causa de uma imposição da língua final. Já que a tradução formal visa sobretudo reproduzir de modo equivalente a forma e o conteúdo de uma mensagem, focaliza fortemente o autor original”⁶⁸. Além disso, é indicada para realização de estudos e pesquisas. Por tentar preservar todos os aspectos do texto bíblico, sua linguagem é característica do universo originário do autor, lançando ao leitor a oportunidade de aproximação e compreensão.

O texto de trabalho delimitado no capítulo 12 a ser segmentado e traduzido compreende os versículos 1 a 6 e, 13 até 17. Todos os versos desta perícopa fazem referência direta ou se relacionam de forma objetiva com a Mulher Envolvida de Sol.

Καὶ σημεῖον μέγα ὥφθη ἐν τῷ οὐρανῷ,	1a	E [um] sinal grande foi visto no céu,
γυνὴ περιβεβλημένη τὸν ἥλιον,	1b	[uma] mulher envolvida de sol
καὶ ἡ σελήνη ὑποκάτω τῶν ποδῶν αὐτῆς	1c	e a lua debaixo dos pés dela

⁶⁷ Como método alternativo, ainda que pouco utilizado para desenvolvimento de estudos é a tradução funcional. Seu uso é dedicado a superar a dificuldade que o leitor contemporâneo tem para se aproximar do mundo bíblico, com sua língua e cultura. Este modelo interage com a estrutura das frases e promove a articulação de ideias buscando tornar as expressões compreensíveis. A tradução funcional “busca reproduzir, na sua língua de chegada, a força do texto na língua original (qual a expressão correspondente e que produz os mesmos efeitos) mas sem a preocupação de manter a forma do texto...” SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. p 30.

⁶⁸ EGGER, Wilhelm. *Metodologia do novo Testamento. Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. p 61.

καὶ ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτῆς στέφανος ἀστέρων δώδεκα,	1d	e sobre a cabeça dela [uma] coroa [com] doze estrelas
καὶ ἐν γαστρὶ ἔχουσα,	2a	e estava grávida,
καὶ κράζει ὠδίνουσα	2b	e grita com as dores do parto
καὶ βασανιζομένη τεκεῖν	2c	e é atormentada para dar à luz
καὶ ὤφθη ἄλλο σημεῖον ἐν τῷ οὐρανῷ,	3a	E foi visto [um] outro sinal no céu,
καὶ ἰδοὺ δράκων μέγας πυρρὸς	3b	e eis um grande dragão de fogo
ἔχων κεφαλὰς ἑπτὰ	3c₁	tendo sete cabeças
καὶ κέρατα δέκα	3d	e dez chifres
καὶ ἐπὶ τὰς κεφαλὰς αὐτοῦ ἑπτὰ διαδήματα	3c₂	e sobre as cabeças dele sete diademas
καὶ ἡ οὐρὰ αὐτοῦ σύρει	4a	E a calda dele varre
τὸ τρίτον τῶν ἀστέρων τοῦ οὐρανοῦ	4b	o terço das estrelas do céu
καὶ ἔβαλεν αὐτοὺς εἰς τὴν γῆν.	4c	e lançou as para a terra.
Καὶ ὁ δράκων ἔστηκεν	4d	E o dragão parou
ἐνώπιον τῆς γυναικὸς	4e	diante da mulher
τῆς μελλούσης τεκεῖν	4f	prestes a dar à luz,
ἵνα ὅταν τέκη	4g	para que quando desse à luz
τὸ τέκνον αὐτῆς καταφάγη.	4h	a criança dela devorasse.
καὶ ἔτεκεν υἱὸν ἄρσεν,	5a	E deu à luz um filho varão
ὃς μέλλει ποιμαίνειν πάντα τὰ ἔθνη ἐν ῥάβδῳ σιδηρᾷ.	5b	Que vai apascentar todos os povos com cajado de ferro.
καὶ ἠρπάσθη τὸ τέκνον αὐτῆς πρὸς τὸν θεόν	5c	E foi carregada a criança dela rumo a Deus
καὶ πρὸς τὸν θρόνον αὐτοῦ.	5d	e rumo ao trono Dele.
καὶ ἡ γυνὴ ἔφυγεν εἰς τὴν ἔρημον,	6a	E a mulher fugiu para o deserto,

ὅπου ἔχει ἐκεῖ τόπον ἡτοιμασμένον	6b	onde tem lá [um] lugar preparado
ἀπὸ τοῦ θεοῦ,	6c	Da parte de Deus
ἵνα ἐκεῖ τρέφωσιν αὐτήν ἡμέρας χιλίας διακοσίας ἑξήκοντα.	6d	para que lá alimentassem-na
	6e	[por] mil duzentos e sessenta dias
Καὶ ὅτε εἶδεν ὁ δράκων ὅτι ἐβλήθη εἰς τὴν γῆν,	13a	E quando percebeu o dragão
	13b	que foi lançado para a terra,
ἐδίωξεν τὴν γυναῖκα ἣτις ἔτεκεν τὸν ἄρσενά.	13c	perseguiu a mulher
	13d	que deu à luz o varão
καὶ ἐδόθησαν τῇ γυναικὶ αἱ δύο πτέρυγες	14a	e foram dadas à mulher as duas asas
τοῦ ἀετοῦ τοῦ μεγάλου,	14b	da águia grande
ἵνα πέτηται εἰς τὴν ἔρημον	14d	para que voasse para o deserto
εἰς τὸν τόπον αὐτῆς,	14e	para o lugar dela
ὅπου τρέφεται ἐκεῖ καιρὸν	14f	Onde é alimentada lá
καὶ καιροὺς καὶ ἥμισυ καιροῦ	14g	[um] tempo e tempos e metade do tempo
ἀπὸ προσώπου τοῦ ὄφεως.	14h	fora da vista da serpente
καὶ ἔβαλεν ὁ ὄφις	15a	e lançou a serpente
ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ	15b	a partir da boca dela
ὀπίσω τῆς γυναικὸς	15c	atrás da mulher
ὕδωρ ὡς ποταμόν,	15d	água como rio
ἵνα αὐτὴν ποταμοφόρητον ποιήσῃ.	15e	para que acontecesse dela ser levada pelo rio.
καὶ ἐβοήθησεν ἡ γῆ τῇ γυναικὶ	16a	E ajudou a terra a mulher
καὶ ἥνοιξεν ἡ γῆ τὸ στόμα αὐτῆς	16b	e abriu a terra a boca dela
καὶ κατέπιεν τὸν ποταμόν	16c	e engoliu o rio
ὃν ἔβαλεν ὁ δράκων	16d	que o dragão lançou
ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ	16e	a partir da boca dele

καὶ ὠργίσθη ὁ δράκων	17a	e se irritou o dragão
ἐπὶ τῇ γυναικὶ	17b	Por causa da mulher
καὶ ἀπῆλθεν	17c	e saiu
ποιῆσαι πόλεμον	17d	[para] fazer guerra
μετὰ τῶν λοιπῶν τοῦ σπέρματος αὐτῆς	17e	contra os restantes da semente dela
τῶν τηρούντων τὰς ἐντολὰς τοῦ θεοῦ	17f	os que guardam os mandamentos de Deus
καὶ ἔχόντων τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ.	17g	e mantem o testemunho de Jesus.

1.6 Análise linguística

Na tarefa exegética, tão importante quanto entender a formação, estrutura e articulação entre as frases que formam um texto, é entender como as palavras interagem e se relacionam na formação de uma frase. Para isso, além de conhecer o significado genérico das palavras e classificá-las dentro de suas classes gramaticais, importa “saber utilizar estas informações e extrair delas algo relevante para interpretação”⁶⁹ da perícope em estudo. Esta atividade compreende as seguintes análises: morfológica, lexicográfica, sintática e estilística do texto.

1.6.1 Análise Morfológica

A etapa inicial desta crítica linguística é a realização da análise morfológica. Este método tem o objetivo de avaliar, de forma independente, e classificar cada uma das palavras presentes de acordo com sua classe gramatical e função no texto. A relação a seguir é composta de termos selecionados que estão diretamente ligados ao objetivo deste estudo. O

⁶⁹ SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. p 127.

Apêndice contém a relação completa dos termos presentes na perícopa e sua análise.

- a. ἄρσεν (menino varão) - adjetivo qualificador, neutro, acusativo, singular;
- b. γαστρὶ (ventre) - substantivo comum, feminino, dativo, singular;
- c. γῆ (terra) - substantivo comum, feminino, nominativo, singular;
- d. γυνή (mulher) - substantivo comum, feminino, nominativo, singular;
- e. δράκων (dragão) - substantivo comum, masculino, nominativo, singular;
- f. ἐδίωξεν (perseguiu) – verbo indicativo, aoristo, voz ativa, 3ª pessoa do singular;
- g. ἔρημον (deserto) - substantivo comum, feminino, acusativo, singular;
- h. ἔφυγεν (fugiu) – verbo intransitivo, indicativo, aoristo, voz ativa, 3ª pessoa do singular;
- i. ἡρπάσθη (foi carregada) – verbo intransitivo, indicativo, aoristo, voz passiva, 3ª pessoa do singular;
- j. ἡτοιμασμένον (preparado) – verbo intransitivo, particípio, perfeito, voz passiva, masculino, acusativo, singular;
- k. θεοῦ (Deus) - substantivo, próprio, masculino, genitivo, singular;
- l. Ἰησοῦ (Jesus) - substantivo próprio, masculino, genitivo, singular;
- m. καταφάγη (devorasse) – verbo transitivo, subjuntivo, aoristo, voz ativa, 3ª pessoa do singular;
- n. μαρτυρίαν (testemunho) - substantivo comum, feminino, acusativo, singular;
- o. οὐρανῷ (céu) - substantivo comum, masculino, dativo, singular;
- p. ὄφις (serpente) - substantivo comum, masculino, nominativo, singular;
- q. περιβεβλημένη (envolvida) – verbo particípio, perfeito, voz passiva, feminino, nominativo, singular

r. πέτῃται (voasse) – verbo transitivo, subjuntivo, presente, voz média, 3ª pessoa do singular;

s. ποιμαίνειν (apascentar) – verbo principal da locução verbal, infinitivo, presente, voz ativa;

t. πόλεμον (guerra) - substantivo comum, masculino, acusativo, singular;

u. πτέρυγες (asas) - substantivo comum, feminino, nominativo, plural;

v. σημεῖον (sinal) - substantivo comum, neutro, nominativo, singular;

w. σπέρματος (semente) - substantivo comum, neutro, genitivo, singular;

w. ποιμαίνειν (apascentar) – verbo principal da locução verbal, infinitivo, presente, voz ativa;

x. τηρούντων (guardam) – verbo transitivo, particípio, presente, voz ativa, masculino, genitivo, plural

y. τρέφωσιν (alimentassem na) – verbo subjuntivo, presente, voz ativa, 3ª pessoa do plural.

z. ὠργίσθη (foi provocado) – verbo transitivo, indicativo, aoristo, voz passiva, 3ª pessoa do singular.

1.6.2 Análise Lexicográfica

As palavras, os termos e as expressões, podem revelar muito além do seu significado. Assim, através da análise dos vocábulos presentes e seu contexto é possível observar a coerência textual interna se aproximar da proposta teológica do autor, da sua tradição e redação⁷⁰. Diante dessas premissas, a análise lexicográfica, se apresenta como uma ferramenta valiosa para elaboração de estudos exegético.

⁷⁰ SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. p 127; GORMAN, Michael J. *Introdução à exegese bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Edson Brasil, 2017. p 132.

σημεῖον – na maioria das vezes traduzido como sinal, mas também entendido como milagre, maravilha, marca, entre outros termos, apresenta dois campos semânticos. O primeiro apresenta um sentido geral, universal em que algo ou alguém se destaca. Já o segundo campo tem duas nuances, uma se refere a milagres ou maravilhas que confirmam homens enviados por Deus provando que a causa por eles defendida é uma demanda divina (cf. Ap 13,13; 16,14 e 19,20). A outra nuance, pode ser entendida como o acontecimento de um evento importante e grandioso que se destaca e chama a atenção. Este é o uso adotado nos versículos 12,1; 12,3 e 15,1 do Apocalipse. Este substantivo é utilizado 77 vezes no NT, desde os evangelhos sinóticos, Atos, cartas paulinas e, também, na carta aos Hebreus. Está presente em 17 passagens do quarto evangelho e 7 no livro do Apocalipse. A recorrência de uma palavra de uso específico a coloca como um ponto de contato e aproximação entre os dois textos joaninos.

γυνή – palavra normalmente traduzida como mulher, esposa e senhora, ocorre 217 vezes no NT, Mateus, Marcos e Lucas utilizam esse termo com muita frequência; da mesma forma, os escritos paulinos e as cartas pastorais. Das 42 citações presentes na literatura joanina, 19 ocorrem no livro do Apocalipse (cf. Ap 12, 1; 4; 6; 13; 14; 15; 16; 17) e o restante no evangelho. O único campo semântico definido para a palavra apresenta a mulher como sendo um ser humano do sexo feminino, de qualquer idade, podendo ser virgem, casada ou viúva. A tradição vai interpretar esta mulher como a comunidade dos seguidores de Jesus, a igreja peregrina que leva adiante a proposta do reino de Deus. A interpretação da mulher também pode ser aplicada a Maria, mãe do Messias.

ἐν γαστρὶ ἔχουσα – o termo γαστρὶ apresenta 3 campos semânticos diferentes: barriga, estômago e ventre, sendo de interesse desta análise o terceiro. A tradução literal tendo dentro do ventre carrega consigo o termo suposto criança complementando a expressão e, a tradução funcional traz a expressão estando grávida. Em suas conjugações a expressão em questão é citada 2 vezes no evangelho de Marcos, 1 vez por Mateus, Lucas, Paulo, além de ser descrita na Septuaginta (cf. Gn 16,4; 38,25 e Is 7,14). Em todos os textos joaninos é utilizada somente no Ap 12,2.

δράκων – o termo apresenta três diferentes sentidos, a saber: dragão, serpente gigante e Satanás. Todos eles são utilizados por João para descrever - de forma figurativa - o mal, identificar o ser que se opõe a Deus, persegue a mulher, pretende devorar a criança ao nascer, é expulso do céu e, na Terra, faz guerra contra aqueles que seguem Cristo. Toda a dedicação tem objetivo de esclarecer em detalhes quem é esse personagem ameaçador e perigoso, bem como sua implicação dentro da narrativa. Além disso, é citado na septuaginta em Gn 3,1. Ocorre 13 vezes no NT e, devido à sua ocorrência estar limitada ao Apocalipse, ela se torna uma palavra importante para o autor. Aparece em 5 versículos na perícopes em estudo (cf. Ap 12, 3; 4; 13; 16, 17).

καταφάγη – o verbo apresentado no modo subjuntivo é o resultado da união do verbo εσθίω (comer, consumir) com a preposição κατα, que, quando ligada ao verbo, denota ação enfática, completa e de finalidade concluída. Para esta análise, considerando a flexão, o verbo é traduzido por devorar. Por representar uma ação pretendida pelo dragão e assim portar o perigo que está ameaça representa para a criança é um termo importante para o enredo proposto pelo autor. São identificadas 15 ocorrências no NT, sendo que 6 delas estão nos textos joaninos, 1 no evangelho e 5 no Apocalipse (Ap 10,9; 10,10; 11,5; 12,4; 20,9).

ἔτεκεν – a flexão indicativa do verbo τίκτω, assume o sentido de parir (dar à luz), produzir e expelir. Os escritos joaninos comportam 6 ocorrências do termo: 5 no Apocalipse (Ap 12,2; duas em 12,4; 12,5; 12,13) e 1 no evangelho. Ocorre em todas as citações com o sentido único de dar à luz. No NT a palavra é utilizada outras 12 vezes

υἱὸν ἄρσεν - a expressão é única no ambiente joanino e também do NT. O sintagma υἱὸν ἄρσεν aparece somente em Ap 12,5. O substantivo υἱὸν, traduzido como filho ou descendente, é de uso abundante no segundo testamento, ocorre 382 vezes. Presente em 9 passagens do NT, das quais 2 estão no Apocalipse, justamente na perícopes em estudo (Ap 12,5; 12,13), o adjetivo ἄρσεν normalmente é entendido como macho ou seus sinônimos homem e varão. A presença dos dois termos, carregam consigo o conceito teológico do Messias prometido. Isto ocorre à medida que chama atenção para

um contexto histórico-social da época de Jesus, o sistema patriarcal em que até mesmo o cordeiro a ser sacrificado deveria ser macho (cf. Lv 1, 10-13; 22;19). Ao utilizar um adjetivo para enfatizar o gênero, informação já implícita no substantivo, o autor acentua de forma exagerada a expressão. É possível pensar aqui sobre uma crítica joanina ao sistema.

ποιμαίνειν – origina-se verbo ποιμαίνω, que tem o significado de pastorear. A atividade do pastor oferece algumas nuances, como alimentar, cuidar e guardar. A palavra ocorre 11 vezes no NT. A literatura joanina detém 5 delas, 1 no evangelho e 4 no Apocalipse (cf. Ap 2,17; 7,17; 12,5; 19,15). Todas com o mesmo sentido de pastorear, o que denota a importância que a imagem do bom pastor tem para esta literatura.

ἔρημον – com a tradução de deserto, apresenta dois campos semânticos. No primeiro, assume a função de um adjetivo. Nesse caso, pode significar desolado, solitário e inabitado. Já o segundo campo traz o deserto como um substantivo, remetendo à ideia de lugar selvagem, inóspito, se impondo sempre como um desafio a ser superado. É um termo importante na tradição judaica. Eventos importantes ocorrem no deserto, como o Êxodo que descreve a saída do povo de Deus do exílio do Egito. Mais tarde, o retorno do exílio da Babilônia também ocorre via deserto. Acontece 48 vezes no NT, sendo 5 no evangelho de João e 3 no Apocalipse (cf. Ap 12,6; 12,14; 17,3).

ἐδίωξεν – a flexão do verbo διώκω pode ser traduzida como perseguiu. Traz implícito o sentido de luta e violência. Ocorre em 45 passagens do NT, João o utiliza em seu evangelho 3 vezes e uma única vez no Apocalipse. Em grande parte das citações destacadas acima e na totalidade das passagens da literatura joanina se refere à perseguição desenvolvida com agressividade e hostilidade a partir daqueles que são contrários ao projeto do reino, seja ela sofrida por Cristo (cf. Ap 5,16; 15,20), por aqueles que o seguem (cf. Ap 15,20) ou ainda pela mulher (cf. Ap 12,13).

πέτηται – traduzido a partir do verbo πέτομαι tem o sentido de voar. Todas as 5 ocorrências do NT estão no livro do Apocalipse. Deste conjunto de citações, 2 descrevem o voo da águia (cf. Ap 4,7; 8,13), 1 os anjos que voavam pelo céu

(cf. Ap 14,6) e uma delas se refere ao voo de aves de rapina (cf. Ap 19,17). A passagem da perícope em estudo apresenta a providência divina que protege a Mulher e dá a ela duas asas de grande águia para voar para o deserto e se refugiar (cf. Ap 12,14). Nesse sentido, todas as passagens apresentam o termo voar como algo positivo ou próprio da ação divina, Foi através da graça de Deus que, dotada das asas da grande águia, a Mulher levanta voo e foge para o deserto onde é protegida de todas as dificuldades.

πόλεμον – o substantivo é traduzido como guerra ou batalha. São identificadas 18 ocorrências no NT, metade delas está no texto do Apocalipse (cf. Ap 9,7; 9,9; 11,7; 12,7; 12,17; 13,7; 16,14; 19,19; 20,8). Em todas estas citações da obra joanina existe uma referência direta à guerra travada entre as forças de Deus e as forças do mal ou, ainda, uma aproximação da batalha desleal travada diariamente entre a igreja, enquanto povo de Deus, simbolizada pela Mulher, contra o mal.

1.6.2.1 Partes e formas da perícope

Ao longo dos 11 versículos que compõem a perícope de trabalho é possível observar a ocorrência de 265 palavras, sendo 144 vocábulos diferentes. Quando considerada a classe gramatical, os vocábulos podem ser divididos da seguinte forma: 19 adjetivos, 3 advérbios, 13 artigos, 7 conjunções, 10 preposições, 8 pronomes, 48 substantivos comuns, 1 substantivo próprio e 38 verbos.

Artigos

A análise da perícope indica a presença de 13 formas distintas de artigos definidos. Ainda que ocorram diferentes gêneros, caso e número, o mais recorrente é τοῦ, com 9 ocorrências; seguido por τῆν, citado 6 vezes; e; juntos; ó e ἡ, utilizados 5 vezes cada.

Adjetivos

A utilização de adjetivo tem a função de atribuir características mais específicas ao substantivo e assim o alterar. Com este recurso João utilizou 19

palavras diferentes, sendo a maioria delas características unitárias individuais que normalmente não se repetem num texto descritivo. Os mais utilizados foram numerais como δέκα, ἑπτὰ, δώδεκα e τρίτον. Estes foram seguidos de cardinais como ἑξήκοντα, διακοσίας, δύο e χιλίας. Cabe citar o adjetivo πυρρὸς utilizado para fazer referência à aparência de fogo que o dragão possui.

Substantivos

Utilizados para dar nome a todas as coisas e às pessoas, a análise morfológica identificou a presença de 49 substantivos ao longo do texto. Destes um total de 48 são substantivos comuns, como ἀστέρων, καιροὺς e στέφανος. E somente 1 deles, Ἰησοῦ, é próprio.

Verbos

Os verbos são a alma do texto, imprimem ação, indicam acontecimentos e descrevem um estado ou mesmo a mudança dele. A perícope de trabalho contém 38 verbos, os quais serão analisados a seguir, de acordo com sua categoria, modo, aspecto, tempo, voz, pessoa e número.

Categoria

São identificados 22 verbos transitivos na perícope de trabalho, tais como: ἐχόντων, κατέπιεν e ὠργίσθη. Sua predominância constrói relações verbais diretas, imediatas e dinâmicas, conferindo ritmo e fluidez ao texto. Logo em seguida nesta escala quantitativa estão os verbos intransitivos, os quais aparecem 9 vezes, como, ἔφυγεν, τέκη e τρέφεται. O verso 5 do texto, ao apresentar o menino varão que está prestes a (μέλλει - verbo auxiliar) apascentar (ποιμαίνειν - verbo principal), forma uma locução verbal, única presente nesta perícope. As locuções verbais têm a função explicar uma ação verbal tão complexa a ponto de ser necessário o uso de um segundo verbo para auxiliar.

Por fim, destaca-se a interjeição demonstrativa ἰδοὺ que, embora seja etimologicamente um verbo, desempenha essa função ao demonstrar algo.

Modo

Entre os verbos relacionados, 20 estão no modo indicativo, exprimindo o autor subjetivo, na sua ação sem mediação, como em: se irritou (ὀργίσθη) o dragão (cf. Ap 12,17). Ou ainda, toda a sua objetividade, tal como em: e saiu (ἀπῆλθεν) fazer guerra (cf. Ap 12,17). O subjuntivo e sua característica de expressar um eventual fato ou hipótese com alguma mediação aparece em 5 verbos, como exemplifica o versículo 4: para que quando desse à luz a criança dela devorasse (καταφάγη). O particípio é o modo de oito diferentes verbos, entre eles μελλούσης e τηρούντων. Ele é a forma nominal do verbo que assume no sintagma a função de qualificador ou adjetivo verbal é, portanto, submetido à flexão nominal como ocorre nos exemplos apresentados acima. Por fim, também é possível destacar palavras como τεκεῖν, em seu modo infinitivo. Podendo ser observado em outros quatro verbos, é também uma forma nominal do verbo que procura se expressar como substantivo verbal.

Aspecto

Quando os verbos são analisados sob seu aspecto, o aoristo é predominante. Sua característica é evidenciar o ato verbal pontual e livre de quaisquer limites, revelando sua essência. Sua presença em 21 diferentes vocábulos, entre eles ἐβλήθη, κατέπιεν e ποιήση, dá ao texto um ar de atemporalidade e um peso de paradigmático, emblemático e exemplar. Nenhuma forma verbal existente na língua portuguesa atende às necessidades do aoristo. Habitualmente ele é traduzido pelo pretérito perfeito, que garante o aspecto pontual da ação verbal. Ou mesmo pelo presente, que tem a vantagem de tirar o acontecimento da linha do tempo e o deixar fora da história. Essa linguagem é típica usada para descrição de lendas, mitos e símbolos.

Outro aspecto consideravelmente presente na perícopa é o inacabado. Também chamado de infectum, aparece em 13 palavras do texto, como em ἔχει, ποιμαίνειν e τρέφεται, indicando uma ação que começou e está em movimento ou em pleno processamento.

Por fim, o aspecto perfeito ou acabado ocorre em somente três verbos. O perfectum, pode estar no passado ou presente e indica um ato já concluído, terminado, como pode ser visto em περιβεβλημένη e ἔστηκεν. Com efeito, o

perfectum é o resultado presente deste ato já terminado. Portanto, este aspecto tem mais a ver com o presente do que o passado, apesar da tendência de tradução para o português ser o uso do pretérito perfeito

Tempo

O estudo do tempo verbal indica que o autor utiliza o presente para 15 de suas palavras, como ἔχουσα e πέτῃται. Esse dado é relevante, visto que, na língua grega, o conceito de tempo não está gravado no verbo, e sim no seu aspecto. Em sua lógica, passado e futuro são abstratos e o presente, quando é percebido, não é mais presente.

Voz

Quando analisada a voz verbal é constatada a predominância da voz ativa. Ela ocorre em 27 palavras, indica o protagonismo dos sujeitos desses verbos e inflexiona o texto com um ritmo mais dinâmico e imediato, tendo em vista serem os sujeitos os agentes da ação. São exemplos de voz ativa: ποιῆσαι, ἔβαλεν e ἔχουσα. Em seguida, ἐδόθησαν e ἡρπάσθη são amostras de voz passiva que ocorrem 8 vezes no escrito. βασανιζομένη é um dos dois verbos apresentados em voz média ⁷¹pelo autor.

Pessoa e número

A partir do estudo da pessoa e do número, observa-se o predomínio da 3ª pessoa do singular. Entre as 25 palavras assim classificadas estão ἀπῆλθεν, εἶδεν e μέλλει. O texto traz ainda duas ocorrências da 3ª pessoa do plural, τρέφωσιν e ἐδόθησαν, e por fim um termo da 2ª pessoa do singular, ἰδοὺ - já utilizado como exemplo acima. A predominância dos verbos na terceira pessoa, tanto do singular quanto do plural, indica que o conjunto do texto é profundamente demonstrativo, apontando para uma realidade exterior. Notadamente João chama a atenção do interlocutor para que este veja o mesmo que ele vê.

Advérbio

⁷¹ Considerando que o sujeito sofre a ação do verbo, é possível classificar o termo βασανιζομένη, como voz passiva. Essa afirmação é amparada pelo software Bible Hub – www.biblehub.com/

Ocorrem 5 advérbios diferentes por todo o texto e estão assim distribuídos, 2 advérbios de lugar (ἐκεῖ: 3 vezes e ὅπου: 2 vezes); 2 de tempo (ὅταν e ὅτε); e, 1 de modo (ὡς).

Conjunções

O texto joanino utiliza 3 conjunções diferentes para interligar os termos enunciados e períodos. A conjunção mais utilizada é a expressão καὶ, 28 vezes. Essa repetição leva à criação do esquema paratático. As outras duas conjunções: ἵνα é utilizada em 4 oportunidades diferentes, e ὅπου uma única vez.

Preposições

Palavras como ἀπὸ, ἐνώπιον, ὑποκάτω e outras 7 presentes no texto, caracterizadas por sua dependência, foram utilizadas por João para interligar dois termos e criar um movimento que objetiva a intenção verbal. Considerando que os termos repetem durante a perícope, são identificadas 7 regências genitivas, 4 acusativas e 3 dativas. A presença majoritária dessas regências faz com que o texto esteja voltado à resposta a essa intenção verbal. Sendo assim, para entender o objetivo do verbo é necessário entender a referência dessa ação e isso é produzido, na gramática, pelo genitivo.

Pronomes

O autor faz uso dos pronomes, mais especificamente, da capacidade destes de substituir ou mesmo acompanhar um substantivo em diversos momentos da perícope de trabalho. São identificadas 8 palavras diferentes com essa função, sendo 3 pronomes relativos (ὅτις, ὃν e ὃς) e 5 pessoais (entre eles αὐτήν, αὐτῆς e αὐτούς).

1.6.3 Análise Sintática

Tão fundamental quando conhecer a morfologia das palavras, evidenciando sua classe gramatical e flexões, é importante saber como elas interagem com o texto. Assim, a análise sintática tem a importante função de verificar como cada termo se articula quando disposto dentro das orações,

períodos e frases e o resultados oferecido. A análise a seguir foi desenvolvida seguindo a ordem dos versículos.

O versículo inicial é formado por uma oração subordinada substantiva completiva nominal formada por Καὶ σημείον μέγα ὤφθη e o complemento da subordinação ἐν τῷ οὐρανῷ. Logo a seguir o autor apresenta uma oração subordinada substantiva apositiva reduzida de particípio, γυνὴ περιβεβλημένη τὸν ἥλιον. Marcadas pela conjunção και as duas orações restantes são classificadas como apostos: καὶ ἡ σελήνη ὑποκάτω τῶν ποδῶν αὐτῆς e καὶ ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτῆς στέφανος ἀστέρων δώδεκα.

Da mesma forma, o versículo 2 é marcado pela presença da conjunção και, ditando o ritmo das três orações coordenadas sindéticas aditivas apresentadas, que são: καὶ ἐν γαστρὶ ἔχουσα seguida de καὶ κράζει ὠδίνουσα e καὶ βασανιζομένη τεκεῖν.

Estrutura similar de subordinação apresentada no versículo 1 volta a aparecer neste verso 3, onde καὶ ὤφθη ἄλλο σημεῖον ἐν τῷ οὐρανῷ, forma a oração principal. A segunda oração, καὶ ἰδοὺ δράκων μέγας πυρρὸς, é classificada como aposto. Já, ἔχων κεφαλὰς ἑπτὰ καὶ κέρατα δέκα καὶ ἐπὶ τὰς κεφαλὰς αὐτοῦ ἑπτὰ διαδήματα é uma oração subordinada substantiva reduzida de particípio.

O versículo 4 é iniciado por uma oração coordenada aditiva, καὶ ἡ οὐρὰ αὐτοῦ σύρει τὸ τρίτον τῶν ἀστέρων τοῦ οὐρανοῦ, seguida por mais uma oração coordenada aditiva καὶ ἔβαλεν αὐτοὺς εἰς τὴν γῆν. logo após ocorre a oração principal, Καὶ ὁ δράκων ἔστηκεν ἐνώπιον τῆς γυναικὸς. O restante do versículo é composto de duas orações subordinadas: a primeira, adjetiva, τῆς μελλούσης τεκεῖν; a segunda, adverbial final, ἵνα ὅταν τέκη τὸ τέκνον αὐτῆς καταφάγη. Marcada pela presença do adverbio de tempo ὅταν τέκη.

O v. 5 é composto por 3 orações. A primeira, καὶ ἔτεκεν υἱὸν ἄρσεν, é a oração principal; a segunda, ὃς μέλλει ποιμαίνειν πάντα τὰ ἔθνη ἐν ῥάβδῳ σιδηρᾷ., é uma oração subordinada substantiva apositiva. A terceira e última é

oração coordenada sindética aditiva: καὶ ἠρπάσθη τὸ τέκνον αὐτῆς πρὸς τὸν θεὸν καὶ πρὸς τὸν θρόνον αὐτοῦ.

A oração inicial do verso 6 é também sua oração principal, καὶ ἡ γυνὴ ἔφυγεν εἰς τὴν ἔρημον. Ela é seguida por duas orações subordinadas: a primeira, adjetiva, ὅπου ἔχει ἐκεῖ τόπον ἡτοιμασμένον ἀπὸ τοῦ θεοῦ; e, a segunda adverbial final, ἵνα ἐκεῖ τρέφωσιν αὐτὴν ἡμέρας χιλίας διακοσίας ἐξήκοντα.

Amparada pelo advérbio de tempo ὅτε a oração inicial do versículo 13, é classifica como adverbial temporal, Καὶ ὅτε εἶδεν ὁ δράκων. Ela é seguida por ὅτι ἐβλήθη εἰς τὴν γῆν, uma oração subordinada substantiva objetiva direta. A oração principal deste versículo é ἐδίωξεν τὴν γυναῖκα. O autor encerra este verso com uma subordinada adjetiva restritiva, ἥτις ἔτεκεν τὸν ἄρσενά.

A oração principal é que inicia o v.14, καὶ ἐδόθησαν τῇ γυναικὶ αἱ δύο πτέρυγες τοῦ ἀετοῦ τοῦ. Ela é acompanhada por outras três oração, a primeira é classificada como uma subordinação adverbial final, ἵνα πέτηται εἰς τὴν ἔρημον, seguida pelo adjunto adverbial de lugar εἰς τὸν τόπον αὐτῆς. Por fim, ὅπου τρέφεται ἐκεῖ καιρὸν καὶ καιροὺς καὶ ἡμισυ καιροῦ ἀπὸ προσώπου τοῦ ὄφεως. É uma oração Subordinada adjetiva explicativa

O v.15 apresenta estrutura sintática simples, ele é iniciado pela oração principal, καὶ ἔβαλεν ὁ ὄφης ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ ὀπίσω τῆς γυναικὸς ὕδωρ ὡς ποταμόν, e logo após a oração subordinada adverbial final, ἵνα αὐτὴν ποταμοφόρητον ποιήσῃ, encerra o trecho.

Marcadas pela presença da conjunção καὶ, o v.16 apresenta uma sequência com três orações coordenadas aditivas: καὶ ἐβοήθησεν ἡ γῆ τῇ γυναικὶ, καὶ ἠνοιξεν ἡ γῆ τὸ στόμα αὐτῆς e καὶ κατέπιεν τὸν ποταμόν. O versículo é encerrado por um genitivo de origem/adjunto adverbial de lugar, ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ.

Finalmente, o v.17 é iniciado pela oração principal, καὶ ὠργίσθη ὁ δράκων. A expressão ἐπὶ τῇ γυναικί, é um adjunto adverbial de causa. A seguir ocorre uma oração coordenada aditiva, καὶ ἀπῆλθεν ποιῆσαι πόλεμον μετὰ τῶν λοιπῶν τοῦ σπέρματος αὐτῆς, seguida de duas orações subordinada adjetiva reduzida de particípio: τῶν τηρούντων τὰς ἐντολὰς τοῦ θεοῦ e καὶ ἐχόντων τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ.

1.6.4 Análise Estilística

Outra ferramenta consideravelmente importante para a análise exegética de uma perícope é a análise estilística. Este recurso avalia e ressalta as figuras de linguagem utilizadas pelo autor “para dar maior expressividade, maior colorido, maior vivacidade a seu texto”⁷². Uma vez que estas figuras estão relacionadas ao processo argumentativo apresentado pelo autor, influenciam na semântica do texto e buscam promover uma maior aproximação entre o leitor e o significado pretendido pela mensagem.

Polissíndeto

Também conhecida como parataxe, essa figura é caracterizada pela repetição exagerada da conjunção aditiva καὶ (e). Sua função ao coordenar as frases é promover dinâmica e fluidez ao texto⁷³. Na perícope de trabalho, que contém 11 versículos, tal conjunção ocorre 28 vezes. Um exemplo pode ser observado no verso 1 no qual ela conecta três partes diferentes:

Καὶ σημείον μέγα ὥφθη ἐν τῷ οὐρανῷ, γυνὴ περιβεβλημένη τὸν ἥλιον, καὶ ἡ σελήνη ὑποκάτω τῶν ποδῶν αὐτῆς καὶ ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτῆς στέφανος ἀστέρων δώδεκα,

Assíndetos

Com característica oposta ao polissíndeto, o assíndeto, é marcado pela manutenção da independência e significado das expressões, ainda que se

⁷² SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. p, 155.

⁷³ IBIDEM. p., 157.

perceba a ausência da conjunção em oração de períodos compostos. Segue exemplo presente na perícope de trabalho:

- v.1 - γυνή περιβεβλημένη τὸν ἥλιον.

Ritmo binário

Formado pela combinação entre um polissíndeto e um duplo passo⁷⁴, o ritmo binário se traduz pela ocorrência de dois eventos agrupados (simultâneos ou sucessivos) e descritos em dois tempos diferentes⁷⁵. Tomando o verso 2 como exemplo:

Tempo 1: καὶ ἐν γαστρὶ ἔχουσα

Tempo 2: καὶ κράζει ὠδίνουσα καὶ βασανιζομένη τεκεῖν

Pleonasmo

Este é um recurso de ênfase, utilizado quando o autor deseja que o leitor atente para um determinado aspecto do texto. Para isso, são usados termos desnecessários, os quais colocam em evidência tópicos já apresentados anteriormente.

v.5 υἱὸν ἄρσεν (a palavra ‘menino’ já está flexionada no masculino. Sendo assim, não é necessária a presença do termo ‘varão’)

Elipse

A elipse tem como característica a omissão de uma palavra ou expressão. Entretanto, o termo omitido deve ser subentendido pelo contexto em que se apresenta.

v.2 ἐν γαστρὶ ἔχουσα (Palavra omitida υἱὸν ou τέκνον)

Como nota a esta figura, é válido ressaltar que, quando o texto é traduzido para o português, a elipse tende a desaparecer, afinal o termo omitido é

⁷⁴ Silva define o duplo passo ou dual como a figura de linguagem que reúne, numa mesma oração, frases com funções semelhantes. Em muitos casos, a primeira frase é explicada pela segunda. (SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. p. 160).

⁷⁵ IBIDEM. p. 161.

frequentemente adicionado ou substituído por outro que possa esclarecer a proposta do autor.

Hipérbole

A narrativa em que o autor, visando causar impacto no leitor, apresenta elementos que despertam sensação de exagero pode ser considerada uma hipérbole.

v.4 τρίτον τῶν ἀστέρων.

Metáfora

Muito utilizada em escritos poéticos em que o autor buscar dar tons de elegância ao texto, a metáfora é a figura de linguagem que oferece, de forma implícita, uma analogia.

v.1 γυνὴ περιβεβλημένη τὸν ἥλιον,

καὶ ἡ σελήνη ὑποκάτω τῶν ποδῶν αὐτῆς⁷⁶

v.5 τὸν θρόνον αὐτοῦ⁷⁷

v.14 καὶ ἐδόθησαν τῇ γυναικὶ αἱ δύο πτέρυγες

v.15 **ἔβαλεν** ὁ ὄφεις ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ ὀπίσω τῆς γυναικὸς **ὔδωρ**⁷⁸

v.17 σπέρματος αὐτῆς μαρτυρίαν⁷⁹

Apóstrofe

Esta figura de linguagem é utilizada para interromper uma narração e invocar alguém ou algo, presente ou não. Ela é, por fim, uma figura que busca criar uma exclamação.

⁷⁶ Os elementos sol e lua, apresentados como metáfora, são símbolos representativos para a comunidade judaica e podem ser percebidos desde o relato da criação.

⁷⁷ Deus só tem trono numa imagem metafórica do ambiente simbólico judaico.

⁷⁸ Ainda que separados na frase os termos *ἔβαλεν* e *ὔδωρ* (lançar água) formam uma metáfora, afinal o dragão não lança água de sua boca.

⁷⁹ Diferente das demais, tiradas do universo judaico, o verbo *μαρτυρίαν* tem raízes profundas no ambiente cristão. A metáfora proposta pelo autor indica que para os seguidores de Cristo, testemunha é martírio.

v. 3 καὶ ἰδοὺ. (Interjeição)

Catacrese

Figura de linguagem que faz uso de um termo, por empréstimo, para conceituar uma ideia. Esse empréstimo ocorre a partir de uma semelhança de sentido existente entre os termos e devido à falta de um termo mais adequado.

v.5 o verbo ποιμαίνειν (pastorear) usado com o sentido de governar as nações/

Anáfora

De uso comum em textos poéticos ou musicais, a anáfora se caracteriza pelo uso repetitivo e desnecessário de uma ou mais palavras dentro de um período.

v.6 ὅπου ἔχει ἐκεῖ τόπον ἡτοιμασμένον ἀπὸ τοῦ θεοῦ, ἵνα ἐκεῖ τρέφωσιν αὐτήν

v.14 ὅπου τρέφεται ἐκεῖ καιρὸν

Comparação

Figura de linguagem a partir da qual a analogia entre termos é realizada de forma explícita, apoiada pela presença de uma conjunção ou locução.

v.14 ὥς ποταμόν

2. A GRANDE PROSTITUTA

A figura da Grande Prostituta é descrita por João nos capítulos 17 e 18. Ainda que utilizando informações constantes no capítulo 17 para delineamento e aproximação da personagem, o objetivo desta etapa é analisar o destino final ao qual a personagem é submetida. Tal destino é abordado no capítulo 18. Para extrair do texto seus principais elementos e significados, serão utilizados os mesmos passos metodológicos adotados para a análise da Mulher Envolvida de Sol, no capítulo 1 deste estudo. Cabe citar que a investigação exegética se voltará para o texto e contexto, analisando a gramática, linguística e morfossintática. Todavia, os elementos introdutórios de cada passo, já apresentados anteriormente, serão subtraídos.

2.1 Delimitação da perícope de estudo

Ainda que consideradas as divisões que os textos bíblicos receberam durante os séculos que seguiram a sua redação, o passo inicial para a realização de uma análise exegética é delimitar a perícope de trabalho dentro do amplo cenário apresentado pelo autor. Neste processo de fixação de fronteiras, são identificados e apresentados os elementos característicos que demonstram os limites do texto, tanto inicial quanto final. Estes elementos e a maneira como são utilizados são descritos a seguir.

2.1.1 A Grande Prostituta

O capítulo 18 é parte integrante da seção que tem início em Ap 17 e se encerra em Ap 20 narrando os impactos causados pela chegada do juízo final e o castigo imposto por Deus à Babilônia. Buscando se alinhar aos objetivos deste estudo, a análise se deterá, de forma específica, sobre o desfecho dos eventos que envolvem a Grande Prostituta e que passam, assim, a constituir a perícope de trabalho.

Ao encerrar o capítulo 17, João finaliza sua narração acerca da Grande Prostituta com um comentário que sintetiza e dá sentido a personagem, καὶ ἡ

γυνή ἥν εἶδες ἔστιν ἡ πόλις ἡ μεγάλη ἡ ἔχουσα βασιλείαν ἐπὶ τῶν βασιλέων τῆς γῆς (E a mulher que viste é a cidade a grande [aquela] que tem [um] reino acima dos reis da terra)⁸⁰. Além disso, este versículo encaminha o leitor para a próxima etapa da narrativa, na qual será descrita a queda da Babilônia e a associação entre as duas personagens⁸¹.

Diversos elementos apresentados pelo autor marcam de maneira significativamente evidente, o início de uma nova perícope. João inicia o capítulo 18 com uma expressão tipicamente introdutória: Μετὰ ταῦτα εἶδον (Depois disso, vi). Sua ocorrência, como pode ser verificada em outras passagens (cf. Ap 4,1; 7,1.9; 15,5 e 19,1), tem função de conduzir o início de uma nova seção⁸². Em seguida, o autor introduz novos personagens à sua descrição, tal como: anjo que desce do céu; Babilônia, a grande; demônios, espíritos, pássaros e animal selvagem – todos estes qualificados como impuros (cf. Ap 18,2). A descrição do anjo καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ (descendo do céu) caracteriza a mudança de cenário. Outro elemento utilizado para demarcar os limites do texto de maneira evidente é a mudança de argumento. Isto pode ser observado no versículo 2 do capítulo 18, em que o autor apresenta uma nova argumentação, até então não abordada. Por sua vez, tal argumentação será refletida no restante do trecho selecionado, a destruição da Grande Prostituta ἔπεσεν, ἔπεσεν Βαβυλὼν ἡ μεγάλη. (Caiu, caiu Babilônia a grande)⁸³:

⁸⁰ Tradução nossa.

⁸¹ Comentando acerca da evolução desta personagem, em seu artigo *A mulher hebraica do Apocalipse*, CARVALHO (José Carlos. *A mulher hebraica do Apocalipse*. p 5.) considera que existam evidentes diferenças entre as narrativas da Grande Prostituta (Ap 17) e da Babilônia (Ap 18), de modo que são retratadas figuras distintas. Sua afirmação se ampara no instrumento de destruição de cada personagem, a primeira tem os reis como atores principais, ao passo que a segunda é destruída pelo juízo divino. Carvalho continua sua exposição observando que, para as duas figuras convergirem em uma única, deve-se admitir um sistema binário, em que os reis presentes nos dois relatos pertençam a dois grupos distintos, um religioso e outro comercial. Entretanto, com um posicionamento contrário, OSBORNE (Grant R. *Apocalipse: Comentário exegético*. p 702) assevera que a mulher, a Grande Prostituta, é a Babilônia. Ele explica que a primeira figura vista por João é a última a ser interpretada para estabelecer uma transição natural com o capítulo 18, ampliar o quadro da destruição (17, 16) e confirmar a promessa realizada no início do capítulo (Ap 17, 1). Seguindo este mesmo entendimento CHARLIER (Jean-Pierre. *Compreender el Apocalipsis*. V. II. p 85) assevera que relacionar a duas figuras não causa nenhuma surpresa e aponta, ainda, que, na composição do texto a Besta e a Grande Prostituta, cidade e estado, estão perfeitamente associadas por inclusão. Para este estudo adotamos a compreensão destes últimos autores mencionados.

⁸² OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: Comentário exegético*. p 709.

⁸³ A relação existente a Grande Prostituta e a Babilônia pode ser observada adiante no item 3.3.2.1 deste estudo.

O desenvolvimento da perícopes oferece a oportunidade de dividir o capítulo 18 em quadros menores que, embora estando interligados, podem ser avaliados de forma independente. Essa afirmação pode ser verificada pela sequência de eventos que tem início logo após o surgimento do anjo e anúncio da queda da Babilônia: a voz que comanda todos os povos a fugir da cidade; seguida pelos lamentos dos reis e mercadores da terra, bem como dos navegadores do mar, sendo que estes três últimos se relacionam através da semelhante descrição dos lamentos. Ainda que diante das aparentes repetições, a harmonia criada permite a comparação entre os vários quadros apresentados pelo autor através da figura do paralelismo. No desenrolar do texto, as sequências de eventos, personagens, espaços e ideias vão sendo apresentadas de forma lógica e relacionam situações correspondentes entre si, fazendo surgir o campo semântico da queda e da destruição.

A cena que encerra a perícopes de trabalho é realizada a partir da introdução de um novo personagem, um anjo portador de ἐξουσίαν μεγάλην (grande autoridade), que decreta o destino da grande cidade. A ação de lançar por ele determinada, tem a função de tirar a Babilônia de cena para jamais ser encontrada (καὶ οὐ μὴ εὕρεθῇ ἔτι). Esta ação é seguida da interrupção da narrativa e da apresentação de um sumário⁸⁴ de todas as características que provocaram a destruição da grande cidade. Outros elementos que reforçam a afirmação do encerramento desta perícopes são verificados no início do capítulo seguinte.

Em seu primeiro versículo, o capítulo 19 apresenta novos personagens, uma numerosa multidão (μεγάλην ὄχλου), a qual clama a Deus por seu julgamento justo e verdadeiro. Esta ação ou mesmo os personagens não foram relatados no capítulo anterior. Por fim, essa cena ocorre em um novo cenário, no céu (οὐρανῷ).

Quando tabuladas estas informações, a delimitação da perícopes de trabalho pode ser assim apresentada:

Quadro 4 – Elementos de delimitação da perícopes Ap 18

⁸⁴ SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. p 73.

Elemento	Descrição	Versículo
<i>Final da perícope anterior</i>		
Sumário		17,18
Início da perícope de trabalho		
Cenário	Céu (οὐρανός)	1-3
	Outro anjo (ἄλλον ἄγγελον)	1
Novos personagens	Babilônia (Βαβυλὼν)	2
	Espíritos e aves impuras e repelentes	2
Mudança de argumento	Queda da Babilônia	1-3
Desenvolvimento da perícope de trabalho		
Campo semântico	Queda e destruição da Babilônia	1-3; 10; 14; 17; 21-24
Paralelismo	Lamentações sobre a queda da Babilônia	9-10; 11-14; 15-17; 18-20.
Final da perícope de trabalho		
Função de partida	Será lançada Babilônia a grande cidade (βληθήσεται Βαβυλὼν ἡ μεγάλη πόλις)	21
Sumário		22-24
<i>Início da perícope seguinte</i>		
Novos personagens	Multidão grande (ὄχλου πολλοῦ)	19,1
Cenário	Céu (οὐρανός)	

Fonte: Autoria própria.

Consoante aos objetivos deste estudo, não serão considerados, na análise realizada ao longo deste capítulo⁸⁵ os trechos que ocorrem desde o v.4 até o 20. É válido ressaltar que essa seleção se deve aos objetivos desta investigação que busca descrever o contexto de vida da Grande Prostituta, a qual sempre está a serviço de um deus voltado ao domínio e acúmulo de bens, assim como a imposição de seu preceito religiosos que oprime o povo e exige sua adoração. Importa considerar, todavia, que seu destino final, apesar de todo poder, ostentação e riqueza se resumiu em ser destruída em apenas uma hora (cf. Ap 18,10; 17 e 19). Além disso, a continuidade entre os vv. 1-3 e 21-24, formando o relato em que a cidade é destruída por sua idolatria e perseguição

⁸⁵ Entretanto, devido à riqueza de detalhes que estes trechos apresentam, outras etapas deste estudo podem utilizar os elementos descritos para apoiar a argumentação proposta.

aos cristãos, é complementar e perfeitamente coerente⁸⁶. Por fim, avaliar os quadros em que o povo de Deus é ordenado a fugir da grande cidade (cf. Ap 12, 4-8), ou mesmo as lamentações dos reis da terra (cf. Ap 12, 9-10), dos mercadores (cf. Ap 12, 11-14; 15-17a) e dos marinheiros (cf. Ap 12, 17b-20) se distanciaria da finalidade desta pesquisa.

Excluídos os versículos 4 a 20, a perícope de trabalho pode ser delimitada e dividida da seguinte forma:

Quadro 5 – Delimitação e divisão da perícope

Verso	Descrição
1	Aparecimento do anjo e a descrição do seu poder;
2	Anúncio da queda da Babilônia; Descrição dos habitantes da grande cidade;
3	Crítica a Babilônia e suas ações; Censura aos aliados da grande Prostituta;
21	Aparecimento e descrição do Anjo poderoso; Sentença emitida contra a Babilônia;
22-23a	Continuação da descrição dos habitantes da grande cidade;
23b	Continuação da crítica a grande Prostituta e suas ações;
24	Relato das vítimas da Babilônia.

Fonte: Autor

2.2 Variantes textuais

Como já descrito anteriormente⁸⁷, a análise das variantes textuais busca identificar e corrigir erros e alterações nos textos que chegaram aos dias atuais. Com isso, objetiva-se a aproximação do sentido original do texto. Essa análise

⁸⁶ Consoante afirmação constante na Bíblia de Jerusalém (nota de rodapé X). p 2322.

⁸⁷ Ver página 41 deste estudo.

contribui para que o processo hermenêutico seja límpido, ciente daquilo que foi dito/escrito pelo autor e do que foi adicionado pela tradição.

2.2.1 Estudo das variantes e lições

O estudo apresentado a seguir também fez uso da versão grega do novo testamento, disponível na 28ª edição de Nestle-Aland, e de todo aparato crítico que ele disponibiliza para selecionar as variantes e analisar sua influência sintática e semântica no texto.

2.2.2 Análise das variantes e lições no Ap 18, 1-3 e 21-24

A análise das variantes, realizadas versículo a versículo, identificou um total de 20 variantes e 31 lições, conforme distribuídas no quadro abaixo. O trabalho foi realizado a partir do aparato crítico da 28ª edição de Nestle-Aland, disponível através do software BibleWorks 10. Também foi utilizado o software Biblehub.

Quadro 6 – Variantes e Lições Ap 18, 1-3 e 21-24

Versículo	Variante	Lições
1	1	1
2	6	7
3	2	8
21	3	6
22	4	5
23	3	3
24	1	1
TOTAL	20	31

Fonte: Autor

A seguir a análise das variantes presentes em cada versículo do texto de trabalho.

V1 Μετὰ ταῦτα εἶδον ἄλλον ἄγγελον καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἔχοντα ἑξουσίαν μεγάλην, καὶ ἡ γῆ ἐφωτίσθη ἐκ τῆς δόξης αὐτοῦ.

Conforme o aparato crítico NA, o versículo 1 apresenta somente uma variante e uma única lição.

Variante: **Καὶ**

Os manuscritos 051, $\mathfrak{M}^A$, latt, sy^{ph} e bo^{88} apresentam o acréscimo da conjunção **Καὶ** no início do versículo, fazendo a escolha por uma sequência textual aditiva. Essa inclusão provavelmente é fruto de um erro do copista, que, envolvido pela recorrência do termo nos versículos finais do capítulo anterior, volta a repeti-lo de forma equivocada. Outra hipótese é que a adição tenha ocorrido de maneira intencional. Neste caso, o copista pode ter pretendido agregar em um único cenário todos os personagens presentes nas duas cenas, eliminar a quebra do ritmo que ocorre entre os dois capítulos e tornar o texto mais fluído.

A inclusão da conjunção **Καὶ** não afetaria o campo semântico. Seu impacto estaria restrito ao campo textual que apresentaria as duas cenas como uma continuidade. Assim, considerando a importância e a quantidade de testemunhas NA²⁸ opta pela forma que omite a conjunção.

V2

καὶ ἔκραξεν **ἐν** ἰσχυρᾷ φωνῇ λέγων· ἔπεσεν **ἔπεσεν** Βαβυλῶν ἡ μεγάλη, καὶ ἐγένετο κατοικητήριον **δαιμονίων καὶ φυλακὴ παντὸς πνεύματος ἀκαθάρτου καὶ φυλακὴ παντὸς ὀρνέου ἀκαθάρτου** [**καὶ φυλακὴ παντὸς θηρίου ἀκαθάρτου**] καὶ μεμισημένου,

O segundo versículo oferece um total de seis variantes, a saber, **ἐν**, **ἔπεσεν**, **δαιμονίων**, **καὶ φυλακὴ παντὸς πνεύματος ἀκαθάρτου**, **και μεμισημενου**, **καὶ φυλακὴ παντὸς ὀρνέου ἀκαθάρτου** e [**καὶ φυλακὴ παντὸς θηρίου ἀκαθάρτου**]. Nelas podem ser observadas sete lições.

Variante 1: **ἐν**

Testemunhada pelos manuscritos $\aleph$, 046, 2030 e ar, esta lição omite a preposição **ἐν**. A presença de preposições em um texto grego indica o momento histórico em que ele foi produzido, quanto maior a ocorrência desse recurso

linguístico, mais moderno é o escrito. Assim, quando o copista omite as preposições, tem a pretensão de tornar o texto mais clássico. Essa afirmação pode ser suportada pelo dativo declinado ἰσχυρᾷ, que elimina a necessidade de preposição na construção da frase. O dativo acompanhado de uma preposição indica que a redação desta cópia ocorreu, pelo menos, no período helenístico da língua grega⁸⁹.

Interna ao texto a ausência da preposição não provoca alterações no campo semântico. Diante disso, considerando também a importância dos manuscritos, NA²⁸ segue a fórmula atestada pela grande maioria dos manuscritos e mantém o termo ἐν.

Variante 2: **ἐπεσεν**

A lição desta variante é testemunhada somente pelo manuscrito P, no qual o verbo ἐπεσεν ocorre novamente totalizando, assim, três ocorrências. A repetição de um termo duas ou três vezes seguidas na mesma frase é um recurso retórico que remete ao exagero e enfatiza o efeito de um determinado acontecimento⁹⁰. Já a segunda lição apresenta uma situação inversa. Os manuscritos 8, 046, 1854, 2030, 28^κ e co, omitem a repetição do verbo ἐπεσεν, desta forma ele é utilizado única vez na frase. Essa opção gramatical renuncia a qualquer tipo de ênfase ou destaque, criando um texto conciso e objetivo.

Com isso, observa-se que, através da análise destas variantes, não são constatadas alterações de sentido ou significado. Externo ao texto, testemunhado por importantes manuscritos, a 28ª Edição de Nestlé-Aland opta pela fórmula em que o verbo ἐπεσεν é repetido somente uma vez.

Variante 3: **δαμονίων**

O texto testemunhado pelos documentos P, 051, 1854, 2030 e 28^κ, apresenta a substituição do termo δαμονίων por δαμωνων. A hipótese levantada indica a

⁸⁹ Anotações de aula.

⁹⁰ A tradição judaica carrega na tripla repetição de uma palavra a ideia de aumentar a importância, como ocorre no Santo! Santo! Santo! Ainda que pouco provável devido à datação do manuscrito P, final do primeiro milênio, e ao ambiente copista ser tipicamente cristão, a influência do judaísmo nesta cópia é uma hipótese a ser devidamente estudada.

alteração como um erro do copista. Neste caso duas situações são possíveis: um erro de grafia com a supressão do *í*, o que seria pouco provável à medida que o erro ocorre exatamente na sílaba tônica; ou, ainda um erro em que o copista declinou errado a palavra. Essa última teoria parece fazer sentido quando considerada a existência da expressão *δαμονων*, classificada como um genitivo da forma masculina.

Interna ao texto a substituição das palavras não provoca alteração semântica. Unindo a essa informação a quantidade e importância dos demais manuscritos, NA²⁸ optar pela utilização de *δαμονίων*.

Variante 4: *καὶ φυλακὴ παντὸς πνεύματος ἀκαθάρτου*

Testemunhada por um único documento, o manuscrito 1611, esta lição omite uma frase inteira: *καὶ φυλακὴ παντὸς πνεύματος ἀκαθάρτου*. É possível argumentar sobre uma tentativa de purificação do texto, em que o copista observando redundância apresentada pela sequência de frases coordenadas adjetivas tenta tornar o escrito mais límpido e simples. Entretanto, essa hipótese perde força considerando que são três as frases semelhantes descritas em sequência. Isso deveria levar o copista a omitir duas e não somente uma frase. Outra possibilidade, a mais provável, é que a variante tenha ocorrido a partir de um erro do copista, provocado exatamente pela repetição de frases muito parecidas, copiadas a partir de um manuscrito.

Tendo em vista que a sequência de frases adjetivas não alteram o significado do texto, apenas confere destaque e ênfase, Nestlé-Aland, em sua 28ª Edição, opta pela manutenção do texto integral, conforme atestado pela maioria dos importantes manuscritos.

Variante 5: *καὶ φυλακὴ παντὸς ὀρνέου ἀκαθάρτου*

Essa lição se apoia nos manuscritos A, P, *M*^A, *sy*^{ph} e Hipp para também omitir uma frase inteira, *καὶ φυλακὴ παντὸς ὀρνέου ἀκαθάρτου*. Bastante semelhante à variante 4, analisada acima, a palavra *ὀρνέου* marca a diferença. As hipóteses levantadas naquela variante também se encaixam neste ponto: um erro em que o copista confundido com as três frases muito parecidas e em sequência, ou

ainda, numa tentativa de tornar o texto límpido e claro, excluiu uma das frases de forma de intencional. Importa também repetir que a purificação do texto deveria implicar exclusão de 2 das três frases presentes. Por fim, é provável um erro não intencional causado pela sequência de frases muito parecidas.

Conforme testemunhado por diversos manuscritos de grande importância e, considerando a ocorrência, interna ao texto, de várias frases coordenadas adjetivas seguidas atribuem ênfase sem alterar o sentido, NA²⁸ opta pelo escrito integral, ou seja, com as três frases presentes.

Variante 6: [καὶ φυλακὴ παντὸς θηρίου ἀκαθάρτου]

A lição destaca a omissão da terceira frase coordenada adjetiva, καὶ φυλακὴ παντὸς θηρίου ἀκαθάρτου. Esta é testemunhada por uma grande quantidade de documentos: 8, C, P, 046, 051, 1006, 1841, 1854, 2030, 2053, 2062, 2344, 28, ar, vg, sy^{ph}, bo e Bea., ocorre logo em seguida e é muito semelhante às omissões anteriores. Desta forma, a análise realizada para as variantes precedentes também pode ser aplicada neste ponto. Como uma última consideração, Nestlé-Aland nesta 28ª edição entende a frase estudada por esta lição como sendo a a menos relevante da sequência, fato que leva a redação entre colchetes.

De forma análoga ao descrito no estudo da variante anterior, a opção de NA²⁸ pela manutenção do texto integral se deve não só a questões internas ao texto, mas também externas. No que se refere ao aspecto interno a sequência das frases adjetivas não altera o campo semântico, tendo em vista que se voltam unicamente à ênfase dado ao texto. Com relação a aspectos externos, observa-se a quantidade e importância das testemunhas.

ὅτι ἐκ τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας αὐτῆς πέπωκαν πάντα τὰ ἔθνη
V3 καὶ οἱ βασιλεῖς τῆς γῆς μετ’ αὐτῆς ἐπόρνευσαν καὶ οἱ ἔμποροι τῆς γῆς ἐκ τῆς
 δυνάμεως τοῦ στρήνου αὐτῆς ἐπλούτησαν.

No terceiro versículo são encontradas duas variantes, τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας e πέπωκαν. Nelas podem ser observadas sete lições.

Variante 1: τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας

O aparato crítico de NA²⁸ apresenta um total de quatro lições estruturadas da mesma forma para esta variante. Nelas as palavras que formam a frase τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας são apresentadas em sequências diferentes ou omitidas. Seguindo esta lógica a primeira lição, testemunhada por P, 051, $\mathfrak{M}^A$, gig , bo^{pt} e Hipp, altera o posicionamento e traz a seguinte frase τοῦ θυμοῦ τοῦ οἴνου τῆς πορνείας. A lição dois, atestada pelos documentos A, 1611, 2053, 2062, ar , vg^{st} e bo^{ms} , omite os termos τοῦ e οἴνου e escreve a frase da seguinte forma: τοῦ οἴνου τῆς πορνείας. A terceira lição, apoiada por 1854, sy^{ph} , Prim e Bea também omite os termos τοῦ e θυμοῦ e apresenta a formação τοῦ οἴνου τῆς πορνείας. Por fim, a lição número quatro, testificada pelo manuscrito C, tem sua fórmula reduzida pela supressão de τοῦ e οἴνου, alteração na posição das palavras e é apresentada como τῆς πορνείας τοῦ θυμοῦ. A vantagem de uma língua declinada como o grego é a possibilidade de alterar a sequência de termos em uma frase ou mesmo omitir artigos sem causar importante alteração morfológica ou sintática. Dessa forma, nenhuma das lições apresentadas por esta variante provoca alteração gramatical ou mesmo semântica o texto⁹¹.

Uma vez considerado que as variantes não alteram o sentido nem o significado do texto, NA²⁸ utiliza os manuscritos $\mathfrak{X}$, 046, 1006, 1841, 2030, 2329, $\mathfrak{M}^K$, vg^{cl} , sy^{h} , sa e bo^{ms} para apoiar sua opção textual.

Variante 2: **πέτωκαν**

A análise das lições apresentadas por NA²⁸ para este versículo não identifica a ocorrência de erro do copista, evolução da língua ou mesmo uma tentativa de adequação do texto. As palavras **πέτωκεν**, testemunhada pelos documentos P, 051 e 2053; **πέπτωκαν**, presente nos manuscritos $\mathfrak{X}$, A, C, 046, 1006, 1611, 1841, 2030 e $\mathfrak{M}^K$; **πέπτωκεν**, presente nos documentos 1854, 2053^c, 2062 e sy^{hms} ; e, **πέτωκασιν**, atestada por 1006^c, 2329, latt e sy^{h} , não apresentam mudança de aspecto, modo, tempo ou voz verbal (em todos os casos o verbo está na terceira pessoa do plural). A única mudança verificada se refere a forma da

⁹¹ Anotações de aula.

flexão verbal apresentada. Todas essas variações podem conviver bem e preservar o significado, muitas vezes dentro do mesmo recorte histórico. Elas podem ser entendidas como um regionalismo da língua.

Para optar pela utilização do termo **πέπωκαν**, NA²⁸ considerou que: internas ao texto as variantes não provocam qualquer alteração sintática ou semântica e, externas, elas se amparam em importantes manuscritos.

V21 Καὶ ἦρεν εἰς ἄγγελος **ἰσχυρὸς** λίθον ὥς **μύλινον** μέγαν καὶ ἔβαλεν εἰς τὴν θάλασσαν λέγων· οὕτως ὁρμήματι βληθήσεται Βαβυλὼν ἡ μεγάλη πόλις καὶ οὐ μὴ εὐρεθῇ ἔτι.

O versículo 21 apresenta três variante, **ἰσχυρὸς**, **μύλινον** e **εν αυτη**. Delas podem ser extraídas seis lições.

Variante 1: **ἰσχυρὸς**

O texto apresentado por NA²⁸ traz o adjetivo **ἰσχυρὸς** associado ao substantivo ἄγγελος. Já na variante aqui estudada, **ισχυρον**, é testemunhada pelos manuscritos 8, 1854, 2053 e 2062, o adjetivo é deslocado para ser associado a λίθον. Duas possibilidades podem explicar esta variação: a primeira aponta para um erro grotesco do copista que substitui a letra **ς** por **ν**, mudando a grafia e a declinação da palavra; já a segunda possibilidade, mais provável, é o deslocamento intencional do adjetivo, que antes pertencia ao anjo (ἄγγελος) e passa, nesta lição, a destacar a qualidade de λίθον (pedra). Independente das hipóteses levantadas, a sintática e a semântica do texto não sofrem grandes impactos e permanecem inalteradas. A segunda lição, testemunhada unicamente pelo manuscrito A, apresenta a omissão do adjetivo **ἰσχυρὸς**. A análise de toda a omissão parte sempre de duas suposições, uma delas admite que o copista, durante seu trabalho, simplesmente errou e não copiou a expressão. E a outra, está relacionada a um ato intencional por parte do copista que, neste caso específico, não entendeu ser adequado qualificar como **ἰσχυρὸς** (forte) nem o ἄγγελος (anjo) nem a λίθον (pedra). A alteração provocada neste ponto também é importante, pois interfere nas qualidades tanto do ἄγγελος quanto da λίθον. Além disso, altera o texto sintaticamente e causa pequena interferência na semântica.

A escolha feita por Nestle-Aland em sua edição número 28, pela manutenção do termo **ἰσχυρὸς**, é amparada pela maioria dos manuscritos, exceto os citados acima. E, interno ao texto, enfatiza a força do anjo, representante de Deus, contribuindo para o delineamento do campo semântico.

Variante 2: **μύλινον**

A primeira lição apresentada por esta variante é testemunhada por um único manuscrito, $\aleph$. Ela apresenta a substituição do **μύλινον** pelo repetido **λίθον**. Assim, a frase resultante seria λίθον ὡς λίθον (pedra de pedra) e não λίθον ὡς μύλινον (pedra de moinho) como texto adotado por NA²⁸. É provável que esta substituição tenha ocorrido devido a um erro não intencional do copista. O uso desta variante causa impacto gramatical, mas não altera o campo semântico. Na sequência, a segunda lição que trata da substituição do **μύλινον** por **μυλον** é apoiada pelos documentos P, 046, 051, 1006, 1611, 1841, 1854, 2030, 2329, 2344, $\aleph$, gig e Prim. Esta alteração provavelmente ocorreu por opção do copista, que deixou de lado um vocábulo mais moderno (**μύλινον**), já influenciado pelo latim falado pelo povo romano, e buscou por uma variante mais clássica da palavra (**μυλον**). Essa mudança não provoca nenhum tipo de alteração sintática ou mesmo semântica do texto. Por fim, a terceira lição, apoiada pelo manuscrito C, registra a troca da palavra **μύλινον** por **μυλικον**. De acordo com a língua grega o **κον** tem a função de apresentar o diminutivo de um determinado termo, neste caso, moinho pequeno. Entretanto, a ideia de uma palavra no diminutivo parece não ser coerente com a grandeza do contexto apresentado. Desta forma, pode-se entender a palavra como uma variante regional, uma variante específica para um termo técnico ou mesmo que tenha sido usada em um espaço de tempo tão curto a ponto de não existirem registros em quantidade significativa para constar em dicionários. Essa colocação encontra eco na quantidade de documentos conhecidos em que ela ocorre.

Estando ciente da análise de cada variante textual e do seu impacto no texto, NA²⁸ se ampara nos importantes e confiáveis documentos A ,2053 e 2062 e opta pela utilização do termo **μύλινον**.

Variante 3: **εν αυτη**

Os manuscritos 8 e 046 apresentam a inclusão de **εν αὐτῇ** ao final do versículo. O pronome **αὐτῇ** está declinado no dativo locativo e é precedido pela preposição **εν**, gerando a expressão nela ou ainda dentro dela – se referindo à grande cidade. Ainda que esta inclusão não altere os campos semântico e sintático, a presença desta expressão tem efeito retórico, mantém o estilo adotado⁹² e visa enfatizar que o alvo das críticas realizadas pelo autor ao longo do texto é ela, a Babilônia.

Exclusos os documentos citados anteriormente, a maioria não apresenta a expressão **εν αὐτῇ**. Com base nestes importantes manuscritos e considerando que o desenvolvimento do texto não deixa dúvidas quanto à cidade objeto das críticas NA²⁸ opta pela não inclusão.

V22 καὶ φωνὴ κιθαρῳδῶν καὶ μουσικῶν καὶ αὐλητῶν καὶ **σαλπιστῶν** οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι, καὶ πᾶς τεχνίτης **πάσης τέχνης** οὐ μὴ εὕρεθῇ ἐν σοὶ ἔτι, **καὶ φωνὴ μύλου οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι,**

São identificadas quatro variantes no versículo 22, quais sejam: **καὶ**, **σαλπιστῶν**, **πάσης τέχνης** e **καὶ φωνὴ μύλου οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι**, nas quais podem ser encontradas cinco lições.

Variante 1: **καὶ**

Nesta lição a conjunção **καὶ** e sua função de coordenar períodos e organizar as adições é omitida nos manuscritos 8 e 2329. Uma vez que sua omissão provoca uma quebra na coordenação dos períodos, é uma alteração relevante do ponto de vista sintático. A coordenação sindética formada pelo uso frequente da conjunção nos versículos anteriores e que voltará a acontecer após o v.22 conferia ao texto fluidez. Assim os dois documentos apresentados interrompem, a partir da omissão da conjunção, a função de listar ações, acontecimentos, adjetivos, etc, exercida pela presença do **καὶ** e provocam uma ruptura que torna o texto menos corrente. No cenário apresentado, ainda que o

⁹² O pronome pessoal **αὐτῇ** é um termo empregado demasiadamente no Apocalipse de João. É usado com relativa frequência no texto joanino sempre com o objetivo de manter em evidência a cidade da Babilônia. Ela, tão severamente criticada pelo autor é merecedora da destruição relatada.

aparato crítico não ofereça elementos suficientes, é possível supor a interferência do copista na sintaxe das frases.

Considerando a quantidade e importância dos documentos que apontam para a manutenção da conjunção, a 28ª edição de Nestle-Aland mantém a expressão em seu texto referencial.

Variante 2: **σαλπιστῶν**

Os documentos $\aleph$, 1611, 1854, 2329 e sy^h apresentam a substituição do substantivo **σαλπιστῶν** por **σαλπιγγων**. Ocorre que os copistas substituíram o nome dos tocadores de um determinado instrumento, neste caso trombetistas (**σαλπιστῶν**), pelo nome próprio do instrumento, trombetas (**σαλπιγγων**). A mudança sintática provocada pode ser explicada por duas hipóteses, a primeira sinaliza um erro do copista, que parece perder força quando se observa que ele não só substitui a palavra, mas também preservou a declinação dos dois termos, ambos genitivo plural. No caso de um erro, dificilmente a flexão seria observada. Essa mesma argumentação aponta para a segunda possibilidade, a princípio, a mais provável, o texto sofre uma interferência direta e consciente do copista, que opta pela alteração e adota um recurso poético/estilístico. Por fim, o campo semântico não é influenciado por esta mudança.

Considerando a mudança sintática que a variante impõe ao texto e a manutenção semântica, NA²⁸ utiliza o que atesta a maioria dos documentos e preserva o substantivo **σαλπιστῶν**.

Variante 3: **πάσης τέχνης**

Nesta primeira lição, testemunhada pelo manuscrito 2053, o copista acrescenta a conjunção aditiva **καὶ**, formando assim a expressão **καὶ πάσης τέχνης**. A mudança acresce elemento sintático formando dois núcleos para o mesmo sujeito. Essa alteração sintática mínima não provoca alteração semântica. Já a lição número dois, atestada pelos documentos $\aleph$ e A suprime os termos **πάσης τέχνης**. A variante por eles apresentada provoca alteração gramatical importante e consecutivamente também altera o campo semântico. Como já discutido anteriormente, toda omissão leva sempre a pensar, em um

erro cometido pelo copista. É possível cogitar que o copista entendendo que a expressão *πᾶς τεχνίτης* (todo artista) já permita subentender o complemento *πάσης τέχνης* (de toda arte) e, assim, de forma deliberada tenha optado pela exclusão dos dois termos. Outra possibilidade é que o erro cometido pelo copista, ainda que bastante importante, seja involuntário e devido a discreta semelhança entre as duas expressões tenha omitido a final.

Ciente das alterações que as variantes estudadas pelas lições acima provocam no texto, a 28ª Edição de Nestlé-Aland considera a maioria dos documentos para decidir pela manutenção de *πάσης τέχνης* no texto presente em seu aparato crítico.

Variante 4: *καὶ φωνὴ μύλου οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι*

De acordo com os documentos *ℵ*, *sy^{ph}* e *bo*, uma frase inteira, *καὶ φωνὴ μύλου οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι*, é suprimida do texto. Neste caso, é possível supor que o copista buscou tornar o texto mais límpido e fluido ao omitir a fala que envolve o moinho, já apresentada em Ap 18,21, ainda que esta seja relevante para a narrativa. Entretanto, também é necessário admitir a possibilidade de que o copista tenha cometido um erro grosseiro ao deixar de copiar a frase inteira.

Sendo a omissão intencional ou não, ao considerar a importância e a quantidade dos manuscritos, NA²⁸ opta pela permanência da frase em seu texto referencial.

V23

καὶ φῶς λύχνου οὐ μὴ φάνη ἐν σοὶ ἔτι, καὶ φωνὴ νυμφίου καὶ νύμφης οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι· **ὅτι οἱ** ἔμποροὶ σου ἦσαν οἱ μεγιστᾶνες τῆς γῆς, ὅτι ἐν τῇ φαρμακείᾳ σου ἐπλανήθησαν πάντα τὰ ἔθνη,

O versículo vinte e três apresenta três variantes, *φωνη*, *ὅτι* e *οἱ*. Através delas é possível identificar três lições.

Variante 1: *φωνη*

A partir do testemunho dos documentos C, 2329 e *sy^{ph-hmg}*, esta lição apresenta a inclusão da palavra *φωνη*. Sem causar nenhuma alteração no

campo semântico, o acréscimo do substantivo na frase seguinte, gera uma repetição, criando um efeito de paralelismo. Esta figura de estilo tem o objetivo de destacar duas ou mais ações que ocorrem de forma sequencial (καὶ φωνὴ νυμφίου καὶ **φωνή** νύμφης οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι). Este é um efeito retórico normalmente utilizado para enfatizar o texto, de modo que uma determinada imagem seja evidenciada.

Consciente do impacto causado por esta variante e considerando que, externo ao texto, ocorre grande quantidade de manuscritos importantes, NA²⁸ opta por não utilizar o termo em seu texto de referência.

Variante 2: **ὅτι**

A omissão da conjunção, testemunhada pelos manuscritos 2030, **℣**^x e co, é uma lição considerável, pois altera o campo sintático e também semântico do texto em estudo. É possível especular que esta omissão tenha sido provocada por uma confusão entre os termos **ὅτι** e **οἱ**, graficamente parecidos, e que aparecem em sequência. Entretanto, outras duas hipóteses parecem ser tão razoáveis quanto está. A primeira delas considera esta variante como um erro crasso do copista que suprime a conjunção e assim interromper a formação de um discreto, porém, enfático, paralelo explicativo. E, por fim, a possibilidade mais relevante está relacionada a uma interferência objetiva do copista, que entende como explicativa somente a frase final do versículo (ὅτι ἐν τῇ φαρμακείᾳ σου ἐπλανήθησαν πάντα τὰ ἔθνη) e assim omite a conjunção (**ὅτι** οἱ ἔμποροί σου ἦσαν οἱ μεγιστᾶνες τῆς γῆς).

Consideradas as hipóteses levantadas acerca do texto, além da importância e quantidade de documentos que atestam essa variante, NA²⁸ opta pela manutenção do **ὅτι**.

Variante 3: **οἱ**

Nesta última lição do versículo 23 os manuscritos A, 1006 e 1841 omitem o artigo. A especulação feita para a omissão da variante anterior, que omite a conjunção **ὅτι**, também se aplica a este caso. O texto joanino apresenta o artigo logo em seguida da conjunção e, considerando a semelhança entre as letras que

compõem as duas palavras, é possível que os copistas tenham se confundido e de forma involuntária suprimido o **οἱ**. Outra possibilidade a ser considerada é uma intervenção consciente do copista e está relacionada à gramática grega⁹³. Quando um dos elementos do predicativo está sem o artigo, ele assume a função de qualificador, de adjetivo ou mesmo de uma explicação diante daquele que possui o artigo (ὅτι **οἱ** ἔμποροί σου ἦσαν οἱ μεγιστᾶνες τῆς γῆς).

Ciente das alterações semânticas e sintáticas provocadas no texto por esta variante, a 28ª edição de Nestlé-Aland se ampara na maioria dos importantes manuscritos e opta pela fórmula que mantém o artigo **οἱ**.

V24 καὶ ἐν αὐτῇ **αἷμα** προφητῶν καὶ ἁγίων εὐρέθη καὶ πάντων τῶν ἐσφαγμένων ἐπὶ τῆς γῆς.

Αἷμα é a única variante que ocorre no versículo vinte e quatro. Nela também é identificada somente uma lição.

Variante: **αἷμα**

Testemunhada por diversos documentos, 046c, 051, 1006, 1841, 1854, 2030, 2344 e 28, esta lição relata a substituição de **αἷμα** por αιματα. A alteração apresentada implica unicamente mudança do substantivo escrito no singular pelo seu plural. Esta mudança não provoca alteração semântica no texto. Embora uma aproximação mais detalhada seja necessária, quando considerado o ambiente judeu que envolve o autor, o uso do plural pode indicar dimensão, grandeza ou quantidade, como neste caso, apontando para os inúmeros santos e profetas que tiveram o sangue derramado. Já no ambiente grego αιματα só poderia ser usado para se referir a muitas raças, muitos povos. Quando esta lógica se encontra com o conceito cristão de que os santos e profetas podem ter origem em diversas raças, povos e regiões, parece fazer sentido a utilização da expressão αιματα. A primeira ocorrência desta palavra no NT também se dá em ambiente joanino (Jo 1,13) e corrobora essa ideia de diversidade de povos e etnias.

⁹³ Anotações de aula.

Não obstante o número de manuscritos que atestam αιματα, NA²⁸ opta pela expressão no singular, como descrito nos documentos X, A, C, P, 046, 1611, 2053, 2062, 2329, latt, sy e co.

2.3 Segmentação e tradução

O texto de trabalho delimitado no capítulo 18 a ser segmentado e traduzido, compreendendo os versículos de 1 a 3 e de 21 até 24, faz referência direta ou se relaciona de forma objetiva com a Grande Prostituta.

Μετὰ ταῦτα εἶδον	1a	Depois disso vi
ἄλλον ἄγγελον	1b	[um] outro anjo
καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ	1c	descendo do céu,
ἔχοντα ἐξουσίαν μεγάλην,	1d	tendo autoridade grande
καὶ ἡ γῆ ἐφωτίσθη	1e	e a terra foi iluminada
τῆς δόξης αὐτοῦ.	1f	[a partir] do esplendor dele
καὶ ἔκραξεν	2a	e gritou
ἐν ἰσχυρᾷ φωνῇ λέγων·	2b	com forte voz dizendo
ἔπεσεν, ἔπεσεν Βαβυλὼν ἡ μεγάλη,	2c	caiu, caiu Babilônia a grande
καὶ ἐγένετο κατοικητήριον δαιμονίων	2d	e veio a ser morada de demônios
καὶ φυλακὴ παντὸς πνεύματος ἀκαθάρτου	2e	e prisão de todo espírito impuro
καὶ φυλακὴ παντὸς ὀρνέου ἀκαθάρτου	2f	e prisão de todo pássaro impuro
[καὶ φυλακὴ παντὸς θηρίου ἀκαθάρτου]	2g	e prisão de toda fera impura
καὶ μεμισημένου,	2g₁	e detestável
ὅτι ἐκ τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ	3a	Porque a partir do vinho da ira
τῆς πορνείας αὐτῆς,	3b	da imoralidade dela
πέπωκαν πάντα τὰ ἔθνη	3c	beberam todos os povos
καὶ οἱ βασιλεῖς τῆς γῆς	3d	e os reis da terra
μετ' αὐτῆς ἐπόρνευσαν καὶ οἱ ἔμποροι τῆς γῆς	3e	com ela idolatraram também (e) os mercadores da terra

ἐκ τῆς δυνάμεως τοῦ στρήνους αὐτῆς ἐπλούτησαν.	3f	a partir da força da opulência dela enriqueceram.
Καὶ ἦρεν εἷς ἄγγελος ἰσχυρὸς	21a	E ergueu um anjo forte
λίθον ὡς μύλινον μέγαν	21b	[uma] pedra como [um] moinho grande
καὶ ἔβαλεν εἰς τὴν θάλασσαν λέγων·	21c	E jogou para dentro do mar dizendo:
οὕτως ὁρμήματι βληθήσεται Βαβυλὼν ἡ μεγάλη πόλις	21d	Assim, com violência, será lançada Babilônia a grande cidade
καὶ οὐ μὴ εὕρεθῇ ἔτι.	21e	E não não deverá ser encontrada mais
καὶ φωνὴ κιθαρῳδῶν καὶ μουσικῶν	22a1	E o som dos citaristas e dos músicos
καὶ αὐλητῶν καὶ σαλπιστῶν οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι,	22a2	e dos flautistas e dos trombetistas não <i>não</i> será ouvido em ti mais
καὶ πᾶς τεχνίτης πάσης τέχνης οὐ μὴ εὕρεθῇ ἐν σοὶ ἔτι,	22b	E todo artífice de toda arte não <i>não</i> será encontrado em ti mais
καὶ φωνὴ μύλου οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι,	22c	E o som de moinho não <i>não</i> será ouvido em ti mais
καὶ φῶς λύχνου οὐ μὴ φάνη ἐν σοὶ ἔτι,	23a	E a luz de candelabro não <i>aparecerá</i> em ti mais
καὶ φωνὴ νυμφίου καὶ νύμφης οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι·	23b	E a voz de noivo e noiva não <i>não</i> será ouvida em ti mais
ὅτι οἱ ἔμποροί σου ἦσαν οἱ μεγιστᾶνες τῆς γῆς,	23c	Porque os teus comerciantes eram os grandes da terra
ὅτι ἐν τῇ φαρμακείᾳ σου ἐπλανήθησαν πάντα τὰ ἔθνη,	23d	Porque na tua feitiçaria foram seduzidos todos os povos
καὶ ἐν αὐτῇ	24a	E nela
αἷμα προφητῶν καὶ ἁγίων εὐρέθη	24b	Sangue dos profetas e santos foi encontrado.
καὶ πάντων τῶν ἐσφαγμένων ἐπὶ τῆς γῆς	24c	E todos aqueles que foram mortos sobre a terra.

2.4 Análise linguística

A crítica linguística apresentada a seguir desenvolve a análise morfológica, lexicográfica, sintática e estilística do texto de trabalho. Seguindo os moldes adotados no capítulo 1 deste trabalho, o objetivo é entender a interação entre as palavras na formação das frases e obter informações que podem ser importantes no processo de interpretação.

2.4.1 Análise morfológica

Para esta etapa foram selecionadas palavras que estão relacionadas de maneira direta com a proposta deste estudo. Elas foram analisadas considerando a sua classe gramatical e sua função dentro do texto. A análise da relação completa dos termos presentes nesta perícope é apresentada no Apêndice.

- a. ἄγγελον (anjo) – substantivo comum, masculino, acusativo, singular;
- b. ἐξουσίαν (autoridade) – substantivo comum, feminino, acusativo, singular;
- c. δόξης (esplendor) – substantivo comum, feminino, acusativo, singular;
- d. ἔπεσεν (caiu) – verbo, indicativo, aoristo, ativo, terceira pessoa do singular;
- e. Βαβυλῶν (Babilônia) – substantivo próprio, feminino, nominativo, singular;
- f. κατοικητήριον (morada) – substantivo comum, neutro, nominativo, singular;
- g. δαιμονίων (de demônios) – substantivo comum, neutro, genitivo, plural;
- h. φυλακή (prisão) – substantivo comum, feminino, nominativo, singular;
- i. πνεύματος (espírito) – substantivo comum, neutro, genitivo, singular;
- j. ἀκαθάρτου (impuro) – adjetivo, neutro, genitivo, singular;
- k. ὀρνέου (pássaro) – substantivo comum, neutro, genitivo, singular;
- l. θηρίου (fera) – substantivo comum, neutro, genitivo, singular;

- m. μεμισημένου (detestável) – verbo, particípio, perfeito, passivo, genitivo, neutro, singular;
- n. θυμοῦ (ira) – substantivo comum, masculino, genitivo, singular;
- o. πορνείας (imoralidade) – substantivo comum, feminino, genitivo, singular;
- p. ἐπόρνευσαν (idolatraram) – verbo, indicativo, aoristo, ativo, terceira pessoa do plural;
- q. στρήνους (sensualidade) – substantivo comum, neutro, genitivo, singular;
- r. ἐπλούτησαν (enriqueceram) – verbo, indicativo, aoristo, ativo, terceira pessoa do plural;
- s. ὀρμήματι (com violência) - substantivo comum, neutro, dativo, singular;
- t. βληθήσεται (será jogada) – verbo, indicativo, futuro, passivo, terceira pessoa do singular;
- u. φαρμακεία (feitiçaria/magia) – substantivo comum, feminino, dativo, singular;
- v. ἐπλανήθησαν (foram seduzidos) – verbo, indicativo, aoristo, passivo, terceira pessoa do plural;
- w. αἷμα (sangue) – substantivo comum, neutro, nominativo, singular;
- x. προφητῶν (dos profetas) – substantivo comum, masculino, genitivo, plural;
- y. ἁγίων (santos) – pronome adjetivo, masculino, genitivo, plural;
- z. ἐσφαγμένων (que foram mortos) – verbo, particípio, perfeito, passivo, masculino, genitivo, plural.

2.4.2 Análise lexicográfica

Diante do grande número de diferentes vocábulos usados pelo autor na redação da perícopes⁹⁴, a análise léxica abaixo se concentrou em alguns termos que contribuem diretamente para os objetivos do estudo.

ἐξουσίαν – traduzido como autoridade, este substantivo acusativo faz referência ao anjo que desce do céu, revestido com o poder e autoridade de Deus para executar uma tarefa e iluminar toda Terra. A ideia de autoridade aqui presente, recebida para executar determinada tarefa, pode ser encontrada em Jo 10,18 e em Ap 13,5 e 22,14. Dentre outros campos semânticos atribuídos, também têm destaque os conceitos de poder e direito. Termo bastante comum, é utilizado por todos os evangelistas, também nos Atos, Epístolas Paulinas e Católicas e no Apocalipse. Ocorre em 56 passagens do NT sendo 21 delas na literatura joanina – 8 ocorrências no evangelho e 13 no Apocalipse.

δόξης – expressão comum no NT que apresenta 48 ocorrências. Está presente em todos os 4 evangelhos, Atos dos Apóstolos, Epístolas e Apocalipse. Na literatura joanina, tal expressão aparece uma única vez no evangelho (cf. Jo 11,4) e em duas passagens do Apocalipse (cf. Ap 15,8 e 18,1). Este substantivo é traduzido como esplendor ou glória. Dentre os vários campos semânticos possíveis, interessa para este estudo o sentido de brilho celestial no qual os anjos são rodeados quando estão a serviço de Deus e aparecerem aos homens. Esta mesma ideia é explorada por Lucas, em seu evangelho (cf. Lc 9,31). A intensidade deste brilho é tamanha que ilumina a terra toda (καὶ ἡ γῆ ἐφωτίσθη ἐκ τῆς δόξης αὐτοῦ).

ἔπεσεν - a flexão do verbo πίπτω pode ser traduzida como caiu. Na perícopes em estudo é parte da fala do anjo, quando aponta para o destino da Babilônia. Dentre outros possíveis, dois campos semânticos se destacam neste texto, o primeiro apresenta o sentido de cair, ruir, vir abaixo, como pode ser observado em Ap 8,10 e 11,13. Já o segundo sentido, figurado, está relacionado

⁹⁴ Conforme item 2.4.2.1 Partes e formas da perícopes, o texto é composto por 200 palavras, sendo 109 vocábulos diferentes.

a perder-se, pecar, errar e ao cometimento de deslizes morais como demonstrado em Ap 14,8 e 18,2. O termo é utilizado em 29 diferentes passagens por diversos autores do NT. Entre eles destaca-se o evangelho de Mateus que utiliza o termo em seu sentido literal em 7 passagens. Podem ser identificadas 7 passagens com o termo nos escritos joaninos – 6 no Apocalipse e 1 no evangelho. Como nota final, todas as passagens em que o termo é usado em sentido figurado ocorrem no livro do Apocalipse.

ἄκαθάρτου - habitualmente traduzido como impuro ou imundo, o adjetivo é utilizado em apenas 5 passagens do NT. Além de Lucas em seu evangelho e Paulo escrevendo aos Coríntios em sua segunda epístola, João a repete 3 vezes em um único versículo do livro do Apocalipse (cf. Ap 18,2). Em todas elas transmite o sentido de impureza. Seu uso pode estar relacionado ao rito religioso e de tudo que não é aceito por ser contaminado ou não puro. Pode também ter o sentido de moral, relacionado aos vícios. O evangelho lucano utiliza o termo para adjetivar o demônio (cf. Lc 4,33) que possuía um homem presente na sinagoga. A mesma expressão pode referir-se de forma direta, a tudo que está relacionado à idolatria (cf. 2Cor 6,17).

πορνείας - expressão significativa para este estudo, o substantivo πορνείας pode ser traduzido como fornicação ou imoralidade. Disso decorre a verificação de dois importantes campos semânticos. No primeiro deles, o termo é aplicado a todo tipo de relação sexual ilícita (cf. At 15,20-29 e 21,25), incluindo adultério e incesto. Em seu sentido figurado, é frequentemente aplicada a prática da idolatria, imoralidade e infidelidade espirituais. Este conceito tem origem no AT e, neste, representa a imagem que reúne sob o matrimônio a relação entre Deus e seu povo. Já no NT a expressão é utilizada em 12 diferentes passagens, sendo que grande parte delas ocorrem nos escritos joaninos: são 6 passagens no Apocalipse (cf. Ap 2,21; 14,8; 17,2; 17,4; 18,3 e 19,2) e uma no evangelho (cf. Jo 8,41). Ela também está presente no evangelho de Mateus, Atos, 1 Coríntios e Tessalonicense.

ἐπόρνευσαν – a flexão do verbo πορνεύω é uma expressão pouco usada no NT. Ela ocorre somente três vezes: uma delas está em 1Cor 10,8 e as outras duas no Apocalipse (cf Ap 17,2 e 18,3). Podendo ser traduzida por fornicaram

ou idolatraram, este termo apresenta três campos semânticos bem destacados. O primeiro deles trata da prostituição do próprio corpo, que oferece prazer a uma outra pessoa envolvida, em troca de algum tipo de retribuição. Numa realidade aproximada, o segundo campo está relacionado à fornicação e às diversas relações sexuais ilícitas. Ambas fazem referência à prática real de cada um dos atos descritos. Já o terceiro significado do termo, que assume sentido metafórico, retrata a adoração a ídolos ou falsos deuses.

σπρήνους - o substantivo genitivo utilizado por João é uma palavra de uso bastante restrito, tanto que, em todo NT, ela ocorre somente nesta passagem do Apocalipse (cf. Ap 18,3). As traduções mais usuais, consideravelmente adaptadas ao contexto em que a grande prostituta é apresentada e buscando demonstrar seu estilo de vida, entendem esse substantivo como luxúria ou sensualidade. Outra tradução possível, relacionada ao sentido mais primário da palavra, traz uma acepção de luxo obstinado e desenfreado, que não mede esforços e tampouco respeita qualquer regra, sempre buscando manter sua condição ou, de preferência, acumular ainda mais poder e riqueza.

βληθήσεται - flexionado a partir do verbo βάλλω, esta palavra está no futuro do indicativo e pode ser traduzido como será lançado. Dentre os 3 campos semânticos verificados, interessa a este estudo a ideia de um poderoso movimento de arremesso ou propulsão destinada ao deslocamento de um objeto para longe. Esta é outra palavra cujo uso é raro, em todo NT ela é utilizada somente neste versículo do Apocalipse (cf. Ap 18,21).

φαρμακεία - frequentemente traduzida como magia ou feitiçaria, essa palavra ocorre somente em duas passagens do NT, a primeira delas está presente na epístola aos Gálatas (cf. Gl 5,20), na qual assume o sentido de enganar, ludibriar. Já no livro do Apocalipse (cf. Ap 18,21) essa palavra tem função de demonstrar como a Grande Prostituta tem poder para convencer mulheres e homens e levar todos os tipos de erro. É importante considerar que, diante do contexto apresentado no livro, o termo assume também o sentido de idolatria, provocando a mulher e o homem e levando-os à adoração de falsos deuses.

αἷμα – o substantivo nominativo é uma palavra de uso corrente no NT, sendo utilizado em 44 oportunidades. Ele está presente em todos os evangelhos, Atos, epístolas paulinas e católicas. João a utiliza em 4 passagens do seu evangelho, 2 em sua primeira epístola e 12 no livro do Apocalipse. Habitualmente traduzida como sangue, a expressão possui vários campos semânticos. Entretanto, o significado para este estudo está relacionado ao sangue derramado pelos santos e profetas em uma realidade semelhante ao Cristo que derramou seu sangue na cruz. Ele simboliza a perseguição e o sacrifício sofrido por aqueles que optam por seguir os ensinamentos de Jesus, além de opor-se à lógica imperialista e idolatra vigente naquele tempo.

2.4.2.1 Partes e formas da perícope

Esta perícope de trabalho contém um total de 7 versículos formados por 200 palavras, sendo 109 vocábulos diferentes. A análise gramatical destes vocábulos apresenta a seguinte divisão: 9 artigos, 13 adjetivos, 42 substantivos comuns, 1 substantivo próprio, 22 verbos, 5 advérbios, 3 conjunções, 7 preposições e 6 pronomes.

Artigos

Entre os 9 artigos presentes no texto de trabalho, ainda que eles ocorram em diferentes casos, números e gêneros, os mais utilizados pelo autor são: τῆς com 7 ocorrências; seguido por οἱ, com 4; e, o ἡ, presente no texto em 3 momentos.

Adjetivos

Em toda perícope João utilizou 13 adjetivos diferentes para atribuir características específicas e modificar os substantivos presentes em 20 trechos do seu texto. Os mais utilizados foram ἀκαθάρτου e παντὸς, que aparecem 3 vezes cada; em seguida, estão ἰσχυρᾷ, μεγάλη e πάντα, apresentados duas vezes cada. Os demais aparecem uma única vez.

Substantivos

A análise morfológica identificou a ocorrência de 53 substantivos ao longo do texto. São 43 vocábulos diferentes. Quando consideradas as categorias, 42 destes vocábulos são classificados como substantivos comuns – os termos γῆς e φωνή aparecem 4 vezes. O termo φωνή foi traduzido em duas oportunidades como som e em outras duas como voz. A palavra φυλακή é usada 3 vezes. Já os termos ἔθνη e ἔμποροι são usados duas vezes cada.

Por fim, o termo Βαβυλῶν, único substantivo próprio presente, ocorre em 2 trechos do texto.

Verbos

O texto de trabalho contém 22 diferentes verbos. Responsáveis por dar vida e movimento aos textos, João os utiliza em 27 trechos da sua obra. A análise apresentada a seguir considerou o modo, o aspecto, o tempo, a voz, a pessoa e o número.

Modo

A classificação realizada a partir desta categoria relaciona 3 diferentes modos em que os verbos são utilizados: indicativo, particípio e subjuntivo. Dentre os verbos flexionados no indicativo, que retratam a objetividade do autor, ocorrem 14 vocábulos diferentes. Entre eles, destacam-se ἔπescεν, único verbo desse modo que foi usado em duas passagens. Todos os demais aparecem somente uma vez. Os termos ἐσφαγμένων, καταβαίνοντα e μεμισημένου são exemplos de particípios que, com sua função qualificadora, ocorrem em 6 diferentes oportunidades. O mesmo número de ocorrências pode ser identificado no que se refere aos subjuntivos. No tocante a estes, destacam-se: ἀκουσθῇ, utilizado em 3 trechos; e, εὐρεθῇ, em dois trechos. A perícope de trabalho não apresenta outros modos verbais.

Aspecto

O aoristo é aspecto verbal presente com maior frequência nesta perícope de trabalho. Características como indefinição e indeterminação do tempo da ação verbal são impressas no texto através dos termos ἀκουσθῇ e εὐρεθῇ, ambos com 3 ocorrências e ἔπescεν utilizado 2 vezes. Um segundo aspecto

verbal, o perfeito, se refere a uma ação já concluída e ocorre em 3 oportunidades, são elas: ἐσφαγμένων, μεμισημένου e πέπωκαν. Por fim, o verbo que representa ação imperfeita ou inacabada, utilizado uma única vez pelo autor, é representado pela palavra ἦσαν.

Tempo

A análise do tempo verbal aponta para o uso de somente 3 palavras no tempo presente, são elas: ἔχοντα, καταβαίνοντα e λέγων. Somente esta última se repete uma vez. No tempo futuro, o texto apresenta somente o termo βληθήσεται, utilizado pelo autor em uma única oportunidade.

Voz

A análise da voz verbal indica o predomínio da voz ativa. O texto contém 13 diferentes vocábulos que ocorrem em 15 momentos do texto joanino. O protagonismo e dinâmica marcados por essa voz podem ser verificados através de ἔπεσεν e λέγων, ambas as palavras ocorrem duas vezes durante este trecho. A voz média, presente na palavra ἐγένετο, é utilizada em um único momento. Por último, a voz passiva, utilizada em 11 diferentes oportunidades, é observada em 11 vocábulos, como os exemplos: ἀκουσθῇ, utilizado em 3 trechos; e, εὐρεθῇ, empregado em 2 oportunidades.

Pessoa e número

Alinhado às características que buscam demonstrar ao leitor tudo aquilo que João viu em companhia do anjo, esta perícopa é fortemente marcada pelo uso da 3ª pessoa. 11 delas estão no singular e 5 no plural. Apresentada em 20 diferentes passagens, utiliza 16 vocábulos diferentes - ἀκουσθῇ, ἐπλανήθησαν, ἔκραξεν e φάνη são exemplos. A 2ª pessoa é usada em 7 momentos da obra, sempre no singular. É representada por somente duas palavras: σοὶ, utilizada em 5 passagens e σου, utilizada em outras duas.

Advérbio

Presentes em 21 passagens do texto, o autor utiliza 5 diferentes advérbios para modificar outras palavras, seja um verbo, um adjetivo ou mesmo outro advérbio. ἔτι que ocorre 6 vezes; καὶ, presente em 2 passagens; e, οὕτως,

presente somente uma vez, são exemplos. Entre as palavras em questão, destacam-se μή e ού, ambos advérbios de negação, cada um deles utilizados pelo autor em 6 oportunidades diferentes.

Conjunções

Três diferentes conjunções são utilizadas pelo autor para interligar termos e períodos. A expressão utilizada em maior quantidade é o καί, que aparece no texto em 22 vezes. Em seguida a palavra ὅτι é utilizada 3 vezes, e ὡς apenas uma vez.

Preposições

Palavras como ἐν, que ocorre 8 vezes neste escrito e ἐκ presente em 4 passagens, juntas a outras cinco são classificadas como preposições. João utiliza essa classe gramatical em 16 trechos nesta perícope de trabalho. No que se refere às regências, é possível identificar 3, a saber: 2 no acusativo, 2 no dativo e 3 no genitivo.

Pronomes

João utiliza 6 diferentes pronomes, pessoais e demonstrativos, ao longo deste texto, para acompanhar ou substituir o substantivo. Entre eles podem ser destacados σοι, usado em 5 trechos; αὐτῆς, presente em 3 passagens; e, σου, que ocorre em dois momentos.

2.4.3 Análise sintática

É válido ressaltar que a análise sintática explanada ao longo deste item, respeitou a delimitação da perícope de trabalho, a ordem dos versículos e analisou a articulação de cada termo, em sua disposição, dentro dos períodos e orações, bem como o resultado refletido por estas relações no texto.

O v.1 tem início com a oração principal, Μετὰ ταῦτα εἶδον ἄλλον ἄγγελον. Logo em seguida ocorrem duas orações subordinadas adjetivas reduzidas de participio: καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ e ἔχοντα ἐξουσίαν μεγάλην. O autor

encerra este versículo com uma oração coordenada aditiva, καὶ ἡ γῆ ἐφωτίσθη ἐκ τῆς δόξης αὐτοῦ.

A oração principal, καὶ ἔκραξεν ἐν ἰσχυρᾷ φωνῇ, inicia o versículo 2. A seguir, ocorre um período intercalado de citações com função de objeto direto do verbo λέγων, que abrange o final do v.2, como apresentado a seguir: ἔπεσεν ἔπεσεν Βαβυλὼν ἡ μεγάλη, é uma oração coordenada assindética; e, καὶ ἐγένετο κατοικητήριον δαιμονίων καὶ φυλακὴ παντὸς πνεύματος ἀκαθάρτου καὶ φυλακὴ παντὸς ὀρνέου ἀκαθάρτου [καὶ φυλακὴ παντὸς θηρίου ἀκαθάρτου] καὶ μεμνημένου, uma oração coordenada aditiva.

O período intercalado se estende também pelo v.3, em que ὅτι ἐκ τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας αὐτῆς πέπωκαν πάντα τὰ ἔθνη, é classificado como oração subordinada adverbial causal, seguida de duas orações coordenadas aditivas: καὶ οἱ βασιλεῖς τῆς γῆς μετ' αὐτῆς ἐπόρνευσαν e καὶ οἱ ἔμποροι τῆς γῆς ἐκ τῆς δυνάμεως τοῦ στρήνου αὐτῆς ἐπλούτησαν.

A análise da perícope de estudo indica que o v.21 é iniciado com a oração coordenada Καὶ ἦρεν εἷς ἄγγελος ἰσχυρὸς λίθον ὡς μύλινον μέγαν, seguido por outra oração coordenada, esta aditiva, καὶ ἔβαλεν εἰς τὴν θάλασσαν. Novamente ocorre um período intercalado de citações com função de objeto direto do verbo λέγων que se estenderá pelos versículos restantes. Finalizando o v.21, οὕτως ὁρμήματι βληθήσεται Βαβυλὼν ἡ μεγάλη πόλις, é classificada como oração coordenada e καὶ οὐ μὴ εὕρεθῇ ἔτι, como oração coordenada aditiva.

Na sequência do período intercalado, o v.22 é formado por três orações coordenadas aditivas. A primeira oração é καὶ φωνὴ κιθαρωδῶν καὶ μουσικῶν καὶ αὐλητῶν καὶ σαλπιστῶν οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι, a segunda καὶ πᾶς τεχνίτης πάσης τέχνης οὐ μὴ εὕρεθῇ ἐν σοὶ ἔτι e, por fim, καὶ φωνὴ μύλου οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι.

O versículo 23 é composto por καὶ φῶς λύχνου οὐ μὴ φάνη ἐν σοὶ ἔτι, oração coordenada aditiva. Mesma classificação da oração seguinte, καὶ φωνὴ νυμφίου καὶ νύμφης οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι. E para concluir este trecho, ὅτι οἱ ἔμποροί σου ἦσαν οἱ μεγιστᾶνες τῆς γῆς, é uma oração subordinada adverbial causal.

Para concluir esta análise, o v.24 é classificado como uma oração coordenada aditiva, καὶ ἐν αὐτῇ αἶμα προφητῶν καὶ ἁγίων εὐρέθη καὶ πάντων τῶν ἐσφαγμένων ἐπὶ τῆς γῆς.

2.4.4 Análise estilística

Associadas à argumentação, as figuras de linguagem influenciam o significado e tornam o texto mais compreensível ao leitor. Diante disso, esta etapa tem o objetivo de analisar as figuras de maior destaque presentes na perícope de trabalho.

Polissíndeto

A repetição da conjunção καὶ formado orações coordenadas sindéticas pode ser observada em diversos versículos desta perícope de trabalho. Entretanto, nos veículos 2 e 22, reproduzido abaixo, o esquema paratático criado tem grande destaque ao conectar 6 diferentes partes de uma mesma frase:

καὶ φωνὴ κιθαρῳδῶν **καὶ** μουσικῶν **καὶ** αὐλητῶν **καὶ** σαλπιστῶν οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι **καὶ** πᾶς τεχνίτης πάσης τέχνης οὐ μὴ εὐρεθῇ ἐν σοὶ ἔτι **καὶ** φωνὴ μύλου οὐ μὴ ἀκουσθῇ ἐν σοὶ ἔτι

Assíndetos

As orações presentes em períodos compostos que não são interligadas através de conjunções podem ser observadas em diversos versículos, como nos exemplos abaixo:

v.1 Μετὰ ταῦτα εἶδον ἄλλον ἄγγελον καταβαίνοντα ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἔχοντα ἐξουσίαν μεγάλην;

v.3 ὅτι ἐκ τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας αὐτῆς πέπωκαν πάντα τὰ ἔθνη καὶ;

v.23 ὅτι οἱ ἔμποροί σου ἦσαν οἱ μεγιστᾶνες τῆς γῆς, ὅτι ἐν τῇ φαρμακείᾳ σου ἐπλανήθησαν πάντα τὰ ἔθνη.

Ritmo binário

O relato de dois eventos simultâneos descritos em tempos diferentes e interligados por uma conjunção pode ser observada em dois momentos desta perícope. Além do versículo 3, já destacado acima, esta figura também está presente no v. 21:

Tempo 1: οὕτως ὁρμήματι βληθήσεται Βαβυλὼν ἡ μεγάλη πόλις

Tempo 2: καὶ οὐ μὴ εὐρεθῇ ἔτι.

Pleonasmo

A repetição de termos desnecessários visando enfatizar uma perspectiva, como ocorre no v.22:

καὶ πᾶς τεχνίτης πάσης τέχνης

Hipérbole

Neste texto de trabalho, o autor utiliza a expressão πάντα τὰ ἔθνη em duas passagens (Ap 18,3; 23). A figura de linguagem em destaque tem o objetivo de provocar sensação de exagero no leitor e, assim, causar impacto.

Metáfora

A analogia implícita contida nesta figura pode ser verificada em diversos versículos deste texto de trabalho:

v.1 καὶ ἡ γῆ ἐφωτίσθη ἐκ τῆς δόξης αὐτοῦ

v.2 ὁρνέου ἀκαθάρτου οὐ θηρίου ἀκαθάρτου

v.3 ὅτι ἐκ τοῦ **οἴνου τοῦ θυμοῦ** τῆς πορνείας αὐτῆς **πέπωκαν** πάντα τὰ ἔθνη

v.23 καὶ **φῶς λύχνου** οὐ μὴ φάνη ἐν σοὶ ἔτι

v.24 **αἶμα** προφητῶν καὶ ἁγίων εὐρέθη

Hipérbato

A ênfase proposta através da alteração na ordem dos elementos de uma frase ou período está presente em dois versículos.

v.3 ὅτι ἐκ τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας αὐτῆς πέπωκαν πάντα τὰ ἔθνη

v.23 ὅτι ἐν τῇ φαρμακείᾳ σου ἐπλανήθησαν πάντα τὰ ἔθνη

Anáfora

O autor apresenta nos versículos 22, usado como exemplo, e 23 a repetição desnecessária de uma ou mais palavras em um mesmo período, formando a figura de linguagem.

v.22 καὶ φωνὴ κιθαρῳδῶν καὶ μουσικῶν καὶ αὐλητῶν καὶ σαλπιστῶν οὐ μὴ ἀκουσθῇ **ἐν σοὶ ἔτι** καὶ πᾶς τεχνίτης πάσης τέχνης οὐ μὴ εὐρεθῇ **ἐν σοὶ ἔτι**, καὶ φωνὴ μύλου οὐ μὴ ἀκουσθῇ **ἐν σοὶ ἔτι**,

Comparação

A analogia explícita acompanhada por conjunção ou locução ocorre no versículo 21.

v.21 λίθον ὥς μύλινον μέγαν

v.21 οὕτως ὁρμήματι βληθήσεται Βαβυλῶν ἡ μεγάλη πόλις

Zeugma

Caracterizada pela omissão de um termo que já foi utilizado anteriormente, essa figura de linguagem foi utilizada por João em dois versículos desta perícope de trabalho.

v.21 Καὶ ἦρεν εἷς ἄγγελος ἰσχυρὸς λίθον ὥς μύλινον μέγαν καὶ ἔβαλεν (**λίθον**) εἰς τὴν θάλασσαν λέγων· οὕτως ὁρμήματι βληθήσεται Βαβυλῶν ἡ μεγάλη πόλις καὶ (**Βαβυλῶν**) οὐ μὴ εὐρεθῇ ἔτι.

v.24 καὶ ἐν αὐτῇ αἷμα προφητῶν καὶ ἀγίων εὐρέθη καὶ (**αἷμα**) πάντων τῶν ἐσφαγμένων ἐπὶ τῆς γῆς (**εὐρέθη**)

3. APONTAMENTOS SOBRE DA MULHER ENVOLVIDA DE SOL E DA GRANDE PROSTITUTA

Concluídas as análises exegéticas necessárias, o capítulo terceiro tem seus olhos voltados para os dois personagens centrais deste estudo, a Mulher Envolvida de Sol e a Grande Prostituta. O objetivo, nesta etapa, é entender a carga de significados que João deposita em ambas, absorver seu sentido e interpretá-las à luz de um mundo contemporâneo. Para essa tarefa foi feita, a princípio, uma análise a respeito das perícopes de trabalho, das tradições culturais que as envolvem, do momento histórico e da sua representatividade para o povo na época em que os escritos foram elaborados. Também são destacados outros elementos presentes nos textos que podem contribuir para a compreensão dos dois personagens emblemáticos.

Em seguida, o estudo se fixa na mensagem que a Mulher Envolvida de Sol tem para transmitir. Ela que, desde o primeiro momento, apresenta características majestosas, é adornada com todo poder e glória desde Deus. O autor a descreve no céu como Mãe, prestes a dar à luz e padecendo as dores do parto. Sofre perseguições e hostilidades, mas, acima de tudo, mantém total confiança em seu Criador. Em sua fidelidade, é sempre cuidada e preservada das investidas do dragão. Pode ser vista de vários ângulos, todos eles ligados ao momento cultural, histórico e necessidade do povo. Todavia, independente da linha hermenêutica adotada, sua imagem atravessou séculos e ainda hoje chama atenção por sua fidelidade a Deus e seus desígnios.

E, finalmente, no terceiro momento, o estudo se concentra na Grande Prostituta. Acima de todo seu poder e opulência, ela domina a todos os que dela se aproximam e, querendo eles ou não, os integra ao seu sistema de idolatria, opressão e morte. Sua riqueza e luxo seduzem desde homens comuns, reis até nações inteiras. Aqueles que se aliam a sua proposta passam a fazer parte do império. Já aqueles que a rejeitam são submetidos ao sistema. Contudo, toda ostentação e glória se desfazem rapidamente diante do anjo que anuncia e executa a sentença de Deus.

3.1 Considerações acerca das perícopes de trabalho

Este item oferece uma breve explanação acerca da presença do judaísmo e da rica contribuição do AT para redação do livro. Trata também do caráter atemporal e universal que os textos possuem, sempre adequados a qualquer momento ou realidade. Por fim, oferece algumas pinceladas sobre os fatores históricos que envolviam os cristãos, no final primeiro século, e chamavam atenção de João. Estes são temas que podem contribuir sobremaneira para a compreensão da proposta joanina.

3.1.1 As contribuições do judaísmo e do AT no Apocalipse de João

Ainda que pareça óbvia a ideia de que o escrito apocalíptico de João contenha grande influência do judaísmo e do AT, alguns estudos apontam em direção oposta. Esses estudos alegam que a religião judaica distorceu a ideia do messias que nasceria no seio do povo de Israel e a de que, quando Ele veio ao mundo, não foi reconhecido⁹⁵. Entretanto, basta uma leitura rápida e mesmo superficial pelas perícopes para encontrar diversas evidências desta contribuição.

A quantidade de citações indiretas, alusões e ecos é tamanha que o Apocalipse de João é o livro, do NT, com o maior número de referências ao AT. É difícil afirmar qual das referências tem maior relevância, mas é evidente que ocorre uma variação de importância no desenrolar do texto joanino. Osborne (2014), relaciona 46 referências a Isaías, 31 a Daniel, 29 a Ezequiel e 27 aos Salmos. Além disso, são encontradas passagens do livro do Genesis, Deuteronômio, Jeremias, Joel e Zacarias⁹⁶.

O AT é utilizado por João como uma fonte de onde jorram as verdades, onde ele busca o melhor entendimento do Cristo enquanto fenômeno. Desta forma, como em um ciclo virtuoso, o velho testamento leva o autor a compreender o Cristo e este, por sua vez, promove o melhor entendimento dos escritos antigos, revelando assim um cenário redentor capaz de explicar os sinais recebidos junto ao anjo. João faz uso de citações, expressões, figuras e

⁹⁵ OLIVEIRA, Rodrigo P. *Apocalipse sem judaísmo*. p. 8.

⁹⁶ OSBORNE, Grant R. *Apocalipse. Comentário exegético*. p. 28.

símbolos para formular seu pensamento. Nesta dinâmica, por vezes, o AT é seu guia e o contexto original é preservado. Entretanto, em outros momentos, esse contexto é transformado de maneira criativa, fazendo surgir uma conexão entre os dois mundos e ressignificando cada um deles a partir das visões dadas por Deus⁹⁷.

Da cultura judaica, o autor traz inúmeros temas para seus escritos. Ainda que busque promover uma releitura dos temas fundamentados na realidade cristã emergente, o ambiente ainda é tomado por costumes e tradições tipicamente judaicas. Assim, por todo o livro, João se apodera de inúmeros elementos culturais⁹⁸ e os apresenta a partir de uma perspectiva cristológica. Decerto é possível afirmar que estes elementos culturais naturalmente faziam parte da vida cotidiana de um cristão do final do primeiro século. Contudo, o texto contém traços indicativos de que o autor tinha conhecimentos específicos sobre o judaísmo, como, por exemplo, a visão do culto celeste (Ap. 4 e 5), que encontra os melhores correspondentes nos textos judaicos⁹⁹.

Doglio (2020) partilha desta visão e entende a literatura joanina, inclusive o Apocalipse, como avessa ao templo de Jerusalém, elemento que poderia indicar influência do mundo samaritano. O autor do Apocalipse relê a lei e a tradicional literatura rabina a partir do fenômeno Jesus de Nazaré à mesma maneira que a contrasta com o judaísmo farisaico. Por fim, os livros escritos por João reservam grande afinidade com a linguagem judaico-palestina, utilizada nos escritos de Qumran. Sua proximidade com os essênios pode ser verificada por seu interesse pelo templo¹⁰⁰.

⁹⁷ IBIDEM, p. 29.

⁹⁸ Podem ser destacados diversos elementos da cultura judaica assimilados pelo autor em sua obra, entre eles estão: o título dado a Deus (1,4), que remete a uma adaptação targúmica do Ex 3,14; o uso da ideia corrente na época sobre a segunda morte (2,11; 20, 6); temas como o maná (2, 17), a avaliação negativa de Dã (7, 5-8), a tradição de Gog e Mogog (20, 8) ou a relação de pedras preciosas (21, 19s) são temas já bastante debatidos. O conceito de mil anos como era messiânica (20) já estava presente em textos judaicos antigos, entre outros. (PRINGENT, Pierre. *O Apocalipse*. p 441).

⁹⁹ IBIDEM. p 442.

¹⁰⁰ DOGLIO, Claudio. *Literatura joanina*. p 30 expõe, ainda, que a proximidade com o ambiente sacerdotal essênio e o interesse pela temática do templo permitem pensar que João era um sacerdote envolvido com estas questões.

3.1.2 Um texto atemporal e universal

Outra característica importante apresentada pelo texto é sua localização no espaço e no tempo. Para além de todas as hipóteses sobre a data em que foi escrito, o próprio documento oferece elementos que indicam o momento histórico em que vivem e quem são os recebedores da mensagem redigida. Certamente, os fiéis das 7 igrejas da Ásia estavam entre aqueles a quem João escreveu, mas as mulheres e os homens de qualquer momento da história, inclusive os atuais, são os destinatários.

Esta premissa pode ser comprovada quando considerado o estilo literário adotado por João, tão típico da literatura apocalíptica; rica em símbolos, metáforas, imagens e outros elementos que conferem ao texto um frescor sempre atual e o carregam de importância. Além disso, a linguagem (tempo verbal) adotada pelo autor evidencia que seus objetivos não se limitavam ao cristianismo nascente, mas sim a uma incontável multidão (cf. Ap. 7,9), através dos tempos vindouros.

A análise do texto grego indica que, tanto a primeira quanto a segunda perícopes de trabalho, contêm termos, vocábulos e expressões flexionados com o objetivo de imprimir características específicas ao escrito. Um exame atento dos verbos presentes revela que o texto é significativamente demonstrativo, uma vez que o autor aponta para uma realidade exterior, que deve ser enxergada também pelo leitor. Marcadamente caracterizado pela dinâmica, movimento e fluidez, os sujeitos são protagonistas das ações descritas por estes verbos, sendo que, em sua maioria, essas ações se desenvolvem de forma direta, sem intermediação. Entretanto, acima de tudo, os verbos presentes indicam que o texto é atemporal, ou seja, está fora da linha cronológica do tempo¹⁰¹. De cunho simbólico e metafórico, essa linguagem pode ser lida e entendida como atual nas mais diversas épocas e culturas; haja visto que João não a escreveu somente para seu grupo de seguidores, mas para todos os cristãos, de qualquer lugar e qualquer época.

Aliás, símbolos e metáforas são elementos que não faltam ao longo do livro do Apocalipse e, em especial, às duas perícopes em estudo. Inclusive - e

¹⁰¹ As informações sobre a análise das partes e formas da perícopes podem ser verificadas nos itens 1.6.2.1 e 2.4.2.1 deste estudo.

principalmente -, as duas mulheres descritas são grandes símbolos que dão sentido e convidam cada um dos leitores à narrativa apresentada.

Os símbolos e as metáforas são o cerne do Apocalipse¹⁰², uma vez que permitem ao autor fugir do universo real e estável para um universo criativo, longe do material. Entender esses elementos é a maneira segura de compreender a mensagem contida nos escritos. Rowley¹⁰³ (1980) explica que os autores “apocalípticos eram homens que falavam para sua própria geração e faziam porque sentiam um impulso divino dentro de si”. Em sua inspiração, ao utilizar uma linguagem rica em símbolos e metáforas, eles procuravam manter a identidade cultural e social do seu grupo preservada e falavam aquilo que o seu povo precisava ouvir numa linguagem comum a eles. Ao utilizar mais estes recursos na redação do Apocalipse, o autor lança sua rede para o futuro indeterminado. Isso porque, preservados no interior do símbolo e das metáforas, os conceitos irão emergir em sua força original em qualquer momento da história em que forem adequadamente interpretados. A interpretação dos símbolos conecta a inteligência, emoção, capacidade de escolha e de decisão da mulher e do homem através da história à criatividade do autor e ao peso da sua realidade histórico-cultural.

3.1.3 O contorno histórico das comunidades cristãs do final do primeiro século

Na última década do primeiro século, as sete comunidades dos seguidores de Cristo localizadas na Ásia Menor enfrentavam grandes problemas de ordem interna e externa diretamente ligados ao seu contexto político-social. As relações entre o cristianismo nascente e os judeus, que nunca foram boas, pioraram consideravelmente nos últimos anos. Osborne¹⁰⁴ (2014) descreve que o imposto cobrado dos judeus para reconstrução do templo os eximia da obrigatoriedade de prestar culto ao imperador, que pretendia ser adorado como o *Kyrios*. Como os cristãos, identificados ao seu Rei crucificado, se recusavam a pagar as taxas foram denunciados, pelos próprios judeus, como perturbadores

¹⁰² Um excelente estudo sobre os símbolos do Apocalipse pode ser encontrado em VANNI, Ugo. *L'Apocalisse. Ermeneutica, esegesi, teologia*. p. 31-61.

¹⁰³ ROWLEY, H. H. A importância da literatura apocalíptica. Um estudo da literatura apocalíptica judaica e cristã de Daniel ao Apocalipse. p. 15.

¹⁰⁴ OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, 12.

e falsos judeus. Além destas dificuldades, em sua convivência com o mundo romano, a recusa em participar das festas e cultos pagãos gerava grande antipatia e, conseqüentemente, os levava a sofrer inúmeras tribulações (cf. Ap 2,9); por vezes, até a morte (cf. Ap 13,10).

Como citado, além das dificuldades externas, as igrejas também tinham que enfrentar os problemas internos que pesavam. As comunidades viviam a segunda geração de cristãos que, distantes da experiência pessoal com o Cristo, viam esmorecer o entusiasmo original. Assim, um forte sentimento de indiferença brota em meio àqueles grupos que começam a *abandonar o primeiro amor* (cf. Ap 2,4). Muitos cristãos passam a se sentir à vontade em meio à idolatria pagã, a fazer concessões e a circular entre mercadores e negociantes, torturando e estabelecendo ligações sociais¹⁰⁵.

É em meio a este contexto que o Apocalipse de João é redigido. Sua proposta, sempre leal a Cristo, verdadeiro Senhor e Deus, contraria a falsa promessa de prosperidade e paz ofertadas pelo mundo imperialista e convoca à perseverança na realidade alternativa e transcendente proposta pelo Cristo. Neste caminho, os cristãos devem se apresentar como um contraponto e devem se manter fortes. Desse modo, não devem oferecer concessões diante da pressão social, do luxo e da riqueza ao alcance das mãos, bem como das tentativas de corrupção adotadas pelo sistema¹⁰⁶. Somente assim receberão a justa recompensa.

Por fim, ainda que ocorrendo somente em escala local e em situações específicas, as perseguições desencadeadas pelo império levavam alguns cristãos à prisão e até ao martírio. Diante disso, a mensagem de João também é uma exortação à fidelidade e garantia de recompensa por todo sofrimento presente.

¹⁰⁵ Kraybill, J. Nelson. *Culto e comércio imperiais no Apocalipse de João*. p. 37-38

¹⁰⁶ Ao olhar para aquele cenário estabelecido, João se preocupa com a maneira em que a idolatria, o poder militar e o comércio se misturam e são capazes de confundir com promessas de luxo, poder e riqueza. Assim, ele aconselha aos cristãos que evitem qualquer tipo de relação econômica, social e política. IBIDEM. p. 20-21.

3.2 A Mulher Envolvida de Sol

A Mulher Envolvida de Sol é um dos personagens mais simbólicos de toda a Sagrada Escritura e é também dos mais estudados ao longo da história do livro do Apocalipse. Descrita com ares majestosos e portadora de grande humildade, ela é cuidada e preservada por Deus de toda a perseguição e dos males que a cercam. Distintas tradições interpretam esta Mulher de três diferentes formas: Israel, Maria e a Igreja. Certamente existem elementos para defender cada uma destas interpretações, entretanto, enquanto modelo, independentemente de sua identidade, ela se projeta sobre cada mulher e cada homem ao longo da história, tão amados e protegidos por Deus.

O capítulo 12 é um trecho emblemático do Apocalipse de João, tendo em vista alguns motivos. Além de apresentar a Mulher Envolvida de Sol e toda a carga de significados que ela carrega; apresenta o dragão, inimigo da Mulher e da humanidade; bem como as razões que motivaram a hostilidade existente. Sua descrição compreende ainda uma importante mudança de cenário, pois os eventos deixam de acontecer somente no céu e passam a acontecer também na terra. Portanto, passam a envolver a humanidade. Após levar a mulher/homem à desobediência e à queda, Satanás investe, de todas as maneiras possíveis, em colocar a humanidade sob seu domínio, buscando ser o senhor de todas as criaturas. Derrotado em todos os seus intentos, resta a hostilidade e perseguição contra o povo de Deus. Aliás, hostilidade e perseguição são temas caros ao capítulo.

3.2.1 Os eventos ocorridos no céu

Os acontecimentos relatados por João ocorrem em um cenário sideral, repleto de estrelas. Neste céu, uma das estrelas mais brilhantes é apresentada como um sinal e assume o protagonismo de todo o capítulo; a começar pela rebelião que ele inicia contra seu Criador, a qual provoca a queda de grande parte das estrelas. Em sua ânsia, tenta devorar a criança em seu nascimento; ataca e persegue a mulher e termina perseguindo a descendência dela. Entretanto, apesar de todos os seus esforços, seu destino é ser derrotado. Para

cada uma das suas investidas a ação de Deus reserva o mesmo final: fracasso.

¹E [um] sinal grande foi visto no céu, [uma] mulher envolvida de sol e a lua debaixo dos pés dela e sobre a cabeça dela [uma] coroa [com] doze estrelas.

²E estava grávida e gritava com as dores do parto e é atormentada para dar à luz.

³E foi visto [um] outro sinal no céu, e eis um dragão grande de fogo tendo sete cabeças e dez chifres e sobre as cabeças dele sete diademas.

⁴E a calda dele varreu o terço das estrelas do céu e lançou as para a terra. E o dragão parou diante da mulher prestes a dar à luz, para que quando desse à luz a criança dela devorasse.

⁵E deu à luz um filho varão prestes a apascentar todos os povos com cajado de ferro. E foi carregada a criança dela rumo a Deus e rumo ao trono Dele.

3.2.1.1 A Mulher, um Grande sinal

A narrativa do capítulo 12 é iniciada com a visão¹⁰⁷ de um grande σημεῖον (sinal) no céu. Desde o AT, os sinais são vistos como uma intervenção salvífica, através dos quais Deus age no curso da história para defender e libertar seu povo. À luz do Cristo, mais do que acolher este conceito, João também assume que o menino prestes a nascer (cf. Ap. 12,5) é a ação definitiva de Deus em favor da humanidade. Tal menino não somente irá destruir definitivamente todo o mal, acabar com a perseguição e opressão, mas também trará redenção a todos os povos e nações.

Das sete ocorrências¹⁰⁸ deste substantivo (σημεῖον) no livro do Apocalipse, três são importantes, pois são capazes de sintetizar a história e salvação da humanidade: o primeiro sinal da mulher (cf. Ap 12,1s) representa a criação da mulher/homem; já o segundo sinal, o dragão (cf. Ap 12,3s), retrata a

¹⁰⁷ Alguns autores entendem que este quadro tem início em Ap. 11,19, quando João utiliza a expressão *foi visto* (ὡφθη) pela primeira vez. Logo em seguida, em Ap. 12,1 e 12,3; a expressão é utilizada outras duas vezes. Ver ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel D. *O Apocalipse. A força da esperança. Estudo, leitura e comentários*. p, 214

¹⁰⁸ As demais ocorrências do termo, presentes em Ap. 13,13; 13,14; 16,14 e 19,20; fazem alusão às ações de satanás. Em todas estas passagens estes sinais têm o objetivo de seduzir o ser humano e levá-lo à idolatria. Aqui, mais uma vez, o autor desenha a medíocre tentativa de copiar as ações de Deus.

queda e a promessa de redenção; e, por fim, o terceiro sinal (cf. Ap 15, 1) expressa a obra redentora do Cristo¹⁰⁹. Importa ressaltar que posicionar dois sinais antitéticos, a Mulher Envolvida de Sol e o Dragão, em sequência, consiste em um recurso retórico, através do qual o autor alerta o leitor a respeito do conflito entre as forças do bem e do mal que está prestes a ocorrer.

Compreender o significado deste sinal é uma tarefa complexa, ela é carregada de simbolismo, além do peso da realidade histórica que representa. A imagem da mulher apresentada no v.1 oferece diversas linhas de interpretação e todas se ancoram no AT, a começar pela tripla descrição de sua majestade, provável referência a Israel, povo de Deus. Dentre os diversos textos que evidenciam essa informação (cf. Nm 2,4; 9,14; Is 60,19s), o livro do Genesis (cf. Gn 37,1-11) descreve que o sol, a lua e onze estrelas vêm se prostrar diante de José em um dos seus sonhos. Neste relato, Jacó e Lia (pais de José) são o sol e lua, e as estrelas são os irmãos de José. A própria literatura judaica utiliza a expressão doze estrelas para se referir aos 12 patriarcas ou às 12 tribos (cf. Rab Ex. 15,6; Midr. Sl. 22,11s).

A figura da Mulher Envolvida de Sol e com a lua sob seus pés são duas imagens que merecem um pouco mais de atenção. A maioria das culturas pagãs cultuavam o deus sol como um dos mais importantes do seu panteão. Já para a religião de Israel, Javé controla todas as constelações (cf. Jr 31,35). Assim, o pretense status de divindade é rebaixado à condição de criatura durante a narrativa da criação. Como se não bastasse, o autor do Apocalipse utiliza o sol como um ornamento para envolver a Mulher. Toda sua força, brilho e energia são usados unicamente para enfatizar a verdadeira realeza. O mesmo ocorre com a lua, símbolo de beleza e glória (cf. Is 24,23; 30,26), colocada sob seus pés¹¹⁰. Nesse sentido, interessa entender que o contexto que envolve esta mulher tem origem em Deus, que provê tudo que ela necessita. Ela não tem nenhum atributo por seu próprio poder e tampouco é pretensiosa com aquilo que recebe.

Adiante, no v.2, o autor informa que a mulher está grávida e sofrendo com as dores do parto. A figura da mulher grávida, entendida pelos hebreus como a mãe do Messias, pode ter sua origem no mito grego de Leto dando à luz Apolo

¹⁰⁹ CORSINI, Eugênio. O apocalipse de São João. Pp. 221-222.

¹¹⁰ SILVA, Nelson M. B.; TOLEDO, Sergio R. *As influências judaicas na literatura joanina*. p.48.

(enquanto enfrentava o dragão Piton) ou, ainda, numa narrativa egípcia; que retrata o momento em que Isis deu à luz o deus-sol Horus, enquanto o dragão vermelho Tifão a perseguia. Posteriormente, a interpretação judaico-cristã identifica a mãe do Messias como Maria; sendo ela, portanto, a Filha de Sião e a mãe da igreja. Outra interpretação coetânea entende a imagem como sendo a personificação da igreja nascente. Já as dores do parto, os 'ais messiânicos', são encontradas no AT como uma metáfora do sofrimento e da tribulação que o povo de Deus atravessa às vésperas do advento do Messias¹¹¹.

Uma interpretação alternativa está associada a passagem do evangelho joanino (Jo. 16,19-22), em que Cristo recorre à imagem da mulher que sofre para dar à luz, mas se enche de alegria com o nascimento da criança. O objetivo é anunciar aos apóstolos a tristeza que breve viria sobre eles, por sua paixão, e logo se tornaria alegria, pela ressurreição. Em outras palavras, no momento da paixão de Cristo, os discípulos deverão assumir e viver as dores messiânicas que colaboram com a salvação do mundo, fazendo nascer o salvador no domingo da ressurreição¹¹².

3.2.1.2 O Dragão, um outro sinal

O outro sinal apresentado pelo autor no v.3 também é visto no céu e, com isso, deve ser entendido como um sinal importante. Para a tradição judaica o anjo que entra em cena era perfeito diante de todas as criaturas. Entretanto, a inveja de Deus o torna um caído (cf. Henoc 6-19; 2Henoc 29,4s; 31,3s; Jubileus 5)¹¹³, um ser destinado a perseguir a mulher, seu filho e sua descendência com o intento de afastá-los de Deus e destruí-los. Por sua força e poder o dragão também merece destaque na descrição de João. Este sinal não pode ser comparado ao primeiro, no céu, onde o evento ocorre, seu papel é considerável, pois ele é poderoso, mas há alguém maior que ele. Todavia, neste ponto, a narrativa de João é dedicada a descrever o Dragão. Outra consideração

¹¹¹ IBIDEM.

¹¹² PRIGENTE, Pierre. O apocalipse de São João. p. 381-382.

¹¹³ ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel D. O Apocalipse. A força da esperança. Estudo, leitura e comentários. P. 215

importante acerca da descrição deste segundo sinal é a relação angelical que ele representa diante da Mulher, representante do mundo humano¹¹⁴.

O símbolo de dragão ou da serpente é consideravelmente típico nos escritos do Antigo Testamento, da mesma forma que ocorre em outras culturas antigas. Os gregos ensinavam o mito da hidra de 7 cabeças. Em Canaã, todos os deuses inimigos de Baal eram simbolizados por uma serpente e os sumérios retratavam a destruição do dragão de sete cabeças, entre outros. Nos escritos dos hebreus, são encontradas inúmeras referências à serpente (cf. Gn 3,1-24; Ex 7,9-12; Dt 32,33; Jó 20,16; etc.), Leviatã (cf. Jó 9,13; Is 51,9; Sl 89,10; etc.), monstro marinho (cf. Jó 7,12; Am 9,3; Is 27,1; Sl 74,13).

As características apresentadas referentes ao dragão têm seu reflexo no AT. A imagem do dragão de sete cabeças apresenta um paralelo com a serpente de 7 cabeças, presente na mitologia ugarítica. A contribuição da tradição apocalíptica deriva do termo *muitas cabeças*, presente no Salmo 74,13; ou ainda do termo *monstro de sete cabeças*. Neste ponto, provavelmente, as sete cabeças que, na sequência, recebem sete coroas ou diademas estão relacionadas ao empreendimento de Satanás: dominar e reinar sobre a terra – a grande tentativa de imitação da realeza do Cristo. Já o simbolismo dos dez chifres, que tem descrição idêntica à quarta besta presente na visão de Daniel (cf. Dn 7,7 e 7,24), também é repetida na sequência do livro. De forma geral, os chifres estão relacionados à figura de reis ou reinos, o que levaria a afirmar que o dragão é o rei – conforme o evangelho joanino, Satanás é o rei deste mundo.

Uma característica comum a todas estas culturas é a associação do dragão ou da serpente às forças demoníacas. Ele é o inimigo primordial e, devido a isso, deve ser combatido e destruído por um deus do panteão. Com o povo de Israel não foi diferente. Todavia, com o passar do tempo, em um processo de expansão de significados, o símbolo, até então associado aos inimigos mitológicos, passou a representar também os inimigos históricos do povo. Consequentemente, estes também se tornaram inimigos de Deus. Nesta perspectiva, todo exército que, devido à força do seu poderio militar, tornasse o povo prisioneiro do sistema era identificado como um dragão¹¹⁵.

¹¹⁴ CORSINI, Eugênio. O apocalipse de São João. p. 226.

¹¹⁵ PRIGENT, Pierre. O Apocalipse de São João. p. 382.

De acordo com esta linha de pensamento, uma interpretação alternativa das características do Dragão, diversa da descrição mitológica apresentada acima, parece se alinhar aos objetivos deste estudo. A partir desta interpretação, compreende-se que cada um dos elementos citados encontra eco dentro do próprio Apocalipse, no AT e na tradição judaica. Além disso, concebe-se que esses elementos têm a capacidade de remeter ao contexto de realeza e poder que, quando centrados em uma figura maléfica, revelam a ideia de perseguição e opressão. Nesse sentido, os inimigos mitológicos representam inimigos reais do povo, capazes de movimentar e arregimentar grandes tropas, destruir e conquistar reinos. O cavalo cor de fogo presente em Ap. 6,4 simboliza a guerra, a destruição e a morte por ela causadas. Ao usar o mesmo adjetivo, João mantém seu centro referencial e aponta para o caráter opressor e assassino do Dragão. O mesmo ocorre com a sete cabeças, expressão usada novamente em Ap. 17,3. Estes elementos são utilizados para destacar o poder, a inteligência e a autoridade dos personagens. O simbolismo dos dez chifres, descrito de forma idêntica em Ap. 13,10 e 17,3; remete à ideia de um reino em que o Dragão é o rei (cf. Jo 12,31; 14,30 e 16,11). Por fim, a imagem dos sete diademas, recorrentes pelo livro, parece ter o objetivo de destacar a realeza (cf. Ap 13,1) e exaltar vitória (cf. Ap 19,12)¹¹⁶.

3.2.1.3 Início das hostilidades

A apresentação e o detalhamento da Mulher Envolvida de Sol e do Dragão têm uma função preparatória. Nos versículos iniciais, o autor relaciona diferentes elementos que, no desenrolar do seu texto, ajudam a compreender a mensagem pretendida. Somente em seguida é que ele passa a descrever aquilo que efetivamente é o tema central do capítulo 12. As hostilidades existentes entre o Dragão e a Mulher Envolvida de Sol são o eixo narrativo utilizado por João para escrever este trecho do livro. Em última instância, elas refletem o conflito entre as forças do bem e as forças do mal, entre Deus e Satanás. Além disso, retratam a guerra interna de cada mulher e de cada homem, em sua condição de pecado, assolados diariamente pelas dificuldades e temores. Não obstante a essa

¹¹⁶ IBIDEM. p. 382-383.

dificuldade, vão trilhando o caminho da melhor maneira possível, guiados pela esperança e pela fé e ajudados por Deus.

Assim, é difícil relatar o conflito inicial ou mesmo estabelecer as causas que estão presentes em sua origem. O relato joanino presente no v.4a apresenta o dragão já irado, varrendo estrela do céu. Contudo, com a ajuda da tradição judaica, este quadro primordial deixa entrever traços daquilo que seria o resultado do embate inaugural e permite deduzir suas causas.

Como descrito anteriormente, aquele que seria o anjo perfeito sucumbe ao ciúme e se rebela contra seu Criador. Com isso, arrasta um terço das hostes celestiais ao seu movimento. O texto descreve ainda que o próprio Satanás, com sua calda, é quem lança todos estes anjos à terra, sugerindo a vitória do anjo caído. Entretanto, os versos de 7 a 9 retomam este evento e dão os traços finais.

O desfecho desta guerra ocorrida no céu acarreta consequências diretas: o início das perseguições. Daquele momento em diante Satanás dedicaria seu tempo a afastar toda criatura da presença de Deus. Interno ao texto, a princípio, as hostilidades são direcionadas à Mulher Envolvida de Sol e ao menino varão que está para nascer. Somente em seguida, diante do seu fracasso, o Dragão expulso do céu passa a perseguir a humanidade.

Dois pontos específicos chamam a atenção nesta passagem. Em primeiro lugar, o poder sobrenatural e a capacidade que Satanás possui de envolver, convencer e arrastar para seu projeto. Todos os anjos viviam próximos a Deus, O conheciam e, mesmo assim, decidiram participar da rebelião celeste. Em segundo lugar, sua evidente derrota no céu, evidenciada pelos demais anjos caídos lançados para a Terra, pois não podiam mais estar no céu.

3.2.1.4 A Mulher e o menino sob a proteção de Deus

O v.4b apresenta o quadro em que, após a rebelião e expulsão do céu, o Dragão está parado diante da Mulher esperando que o Filho dela nasça para, após isso, poder devorá-lo. As cenas seguintes retratam seu fracasso: o Menino é levado rumo a Deus e ao seu trono, logo após o nascimento, e a Mulher foge para o deserto com a ajuda de Deus; onde permanece sob os cuidados deste.

3.2.1.4.1 O Dragão ataca a Mulher e o Menino

No evento hostil ocorrido na parte final do versículo 4, o Dragão, sabedor da importância daquele Menino para a história, tem o objetivo primeiro de devorá-lo. A postura do Dragão, postado à espera, presente desde o AT¹¹⁷, neste é retratado que o Dragão pretendia devorar uma criança. Em diversas passagens, ele se colocava à espreita e atacava. Difícil não relacionar esta cena ao massacre dos inocentes promovido por Herodes na cidade de Belém (cf., Mt 2,16). Uma vez que a criança prestes a nascer é o Messias ressuscitado, a cena remete também a outras passagens do NT, como nas passagens em que os fariseus arquitetam planos para prendê-lo e matá-lo (cf. Jo 7,30; 44-48; 8,59s). A história se desenrola em torno destes dois personagens e ações: o Dragão em sua fúria buscando devorar o Menino.

Certamente, o anseio de destruição do Dragão está relacionado à identidade daquela criança. Como já mencionado, ele se trata do Cristo salvador, tão aguardado pelo povo de Deus ao longo dos séculos. Logo no início do versículo cinco, o autor utiliza o termo filho varão; uma expressão tipicamente semita usada para destacar e exaltar a virilidade do menino que será identificado como o Cristo¹¹⁸. Entretanto, essa duplicação utilizada pelo autor para se referir ao filho da Mulher Envolvida de Sol pode ter a função de ampliar a perspectiva. Desse modo, agrega, para além do Messias, todos os cristãos que seguem os mandamentos de Deus¹¹⁹. Interpretações mais contemporâneas, alinhadas à proposta joanina, indicam que a importância que a figura do menino tem para a conclusão da história da salvação de Israel e para os outros povos e nações vai além da relação de filiação que as palavras υἱόν e ἄρσεν (filho e varão) podem expressar¹²⁰.

De fato, a missão futura da criança tem muita importância no plano de salvação divino. De acordo com a citação do livro do Salmo (cf. Sl 2,9), que também ocorre no início do seu livro (cf. Ap 2,27), o menino deverá apascentar

¹¹⁷ Essa ação apresenta um paralelo em Gn. 12,10ss; Ex 1,15; 2Rs 16,3; Ez 16,20; entre outros. O NT também oferece um paralelo quando Mateus relata, em seu evangelho, o massacre das crianças em Belém (cf. Mt 2,16).

¹¹⁸ PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 385

¹¹⁹ CASLEGNO, Alberto. *E o Cordeiro Vencerá (Ap 17,14). Leitura exegético teológica do livro do Apocalipse*. p. 140

¹²⁰ VANNI, Ugo. *L'Apocalisse. Ermeneutica, esegesi, teologia*. p. 246-247.

as nações com cajado de ferro. Este se encontra nas mãos do Cristo, que, usando a espada de sua boca, extermina as nações pagãs (cf. Ap 19,15). O cajado volta a ser citado no combate escatológico do capítulo 19. O segmento final do v.5, ao descrever que a criança foi levada rumo a Deus e seu trono, reforça a interpretação do primeiro segmento. O conceito exposto, de que o menino tem seu lugar no trono, confere-lhe realeza suficiente para apascentar todos os povos e nações. A imagem do Cristo sentado no trono de Deus, de onde sairá para destruir definitivamente o Dragão, é a confirmação da vitória pascal obtida na cruz e glorificação do Cristo junto ao altíssimo. Outra interpretação corrente entende que a igreja será participante deste reinado¹²¹.

Uma análise final deste versículo cinco busca entender a visão que teria levado João a descrever a criança subindo ao céu imediatamente após seu nascimento. Dentre vários entendimentos pouquíssimo satisfatórios, pode-se destacar um comportamento semita peculiar: a atenção é dirigida para o início e o fim dos seres e das coisas ou o processo de redação teria dado ênfase textual somente ao relato do nascimento e ao acontecimento com poder de manifestar a derrota de Satanás; neste caso, a ascensão de Cristo direto a Deus e seu trono¹²².

Considerando que o menino foi levado rumo ao trono de Deus logo após seu nascimento, que consiste em uma vitória. Prigent (2020) assume a convincente interpretação elaborada por Feuillet: “o nascimento messiânico descrito pelo Apocalipse não é, ao menos diretamente, o de Belém, mas o da manhã da Páscoa; quanto as dores do parto, elas correspondem ao calvário”¹²³. Com efeito, encontra lastro no Salmo (cf. Sl 2,7-10) e nas profecias que já anunciavam o nascimento do messias e a sua soberania absoluta. Também no hino entoado que celebra, a princípio, a vontade de Deus que se realiza através da vitória de Cristo e, em seguida, a vitória dos cristãos (cf. Ap 18,10-12). Finalmente, para João, o Cristo ressuscitado é entendido como filho da primeira comunidade cristã, a qual sofre com as dores do parto (cf. Jo 16,19-22), mas se alegra por fazer vir ao mundo o Cristo que habita cada fiel.

¹²¹ OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 520.

¹²² PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 385.

¹²³ IBIDEM. p. 386.

3.2.2 Os eventos ocorridos na terra

No v.6 o céu toca a terra. Se até o v.5 todas as ações tinham o céu como cenário¹²⁴, a perícope de trabalho apresenta, a partir deste ponto de intercessão, as ações ocorrendo também na terra. Elementos como a fuga da Mulher para o deserto, o Dragão lançado do céu para a terra, o rio que tenta afogar a Mulher e, ainda, a terra que engole o rio salvando a Mulher – embora possam soar como simbólicos – inserem a realidade terrestre na narrativa e tornam a mulher e o homem corresponsáveis na história da salvação.

⁶E a mulher fugiu para o deserto, onde tem lá [um] lugar preparado a partir de Deus para que lá alimentassem-na [por] mil duzentos e sessenta dias.

¹³ E quando percebeu o dragão que foi lançado para a terra, perseguiu a mulher que deu à luz o varão.

¹⁴ E foram dadas à mulher as duas asas da águia grande para que voasse para o deserto para o lugar dela onde alimentada lá [um] tempo e tempos e metade do tempo fora da vista da serpente.

¹⁵ E lançou a serpente a partir da boca dela atrás da mulher água como rio para que acontecesse dela ser levada pelo rio.

¹⁶ E ajudou a terra a mulher e abriu a terra a boca dela e engoliu o rio que lançou o dragão a partir da boca dele.

¹⁷ E foi provocado o dragão para cima da mulher e saiu [para] fazer guerra contra os restantes da semente dela os que guardam os mandamentos de Deus e mantem o testemunho de Jesus.

3.2.2.1 A perseguição da Mulher

Tão logo a Mulher deu à luz, sua criança foi levada para junto de Deus e de seu trono. Entretanto, como personificação do povo escolhido por Deus, ela continua sua jornada na terra, ela é a herança do AT convertida em igreja pela passagem do Salvador pela terra, tem a capacidade de cuidar e reconectar a

¹²⁴ Embora o v.4 informe que as estrelas lançadas do céu pelo Dragão em sua rebelião caem na terra, o evento tem o céu como cenário e apenas informa o destino das estrelas caídas. Até o v.6 todas as ações dos personagens envolvidos ocorrem no céu.

mulher e o homem pecadores de volta a Deus¹²⁵. Se Satanás tinha todo tempo para agir sobre as pessoas, podendo levar toda humanidade para a perdição, a partir da ressurreição do Cristo e da inauguração do tempo messiânico, este tempo se torna consideravelmente limitado.

Como não podia ser diferente, a Mulher se transforma em um grande adversário que deve ser atacado com toda violência possível e destruída. Assim, o Dragão, que não foi capaz de atingir o menino ao nascer, volta sua atenção para a Mulher, a qual passa a ser o objeto de sua hostilidade e perseguição. Ainda que não descrito com detalhes, a fuga da Mulher para o Deserto, seguida da imediata intervenção protetora de Deus, oferece todos os indícios de que as investidas têm início no v.6. Aliás, pelo restante desta perícope de estudos, ocorrem intercalações entre as ações do Dragão, as quais são imediatamente repelidas pelo cuidado de Deus.

Adiante, o v.13¹²⁶ dá continuidade ao relato das perseguições desenvolvidas pelo Dragão, mas já o apresenta lançado para a terra¹²⁷. Chama atenção o verbo βάλλω, utilizado por João. A tradução para o português, lançado, não é capaz de expressar o conteúdo do termo completamente, deixando escapar a ênfase que a expressão grega detém. βάλλω retrata o sentido de arremesso poderoso, atirado para longe com toda energia possível, o que parece condizer com o poder imensamente superior demonstrado pelos anjos de Deus, guiados por Miguel durante a batalha contra o dragão. A expressão καὶ ὅτε εἶδεν (e quando percebeu), que inicia este versículo, confirma esse poder quando indica que a guerra foi instantânea ao ponto de o Dragão não ter condições de reagir à queda imposta. Outra interpretação possível, é que o verbo no intransitivo descreve o ato de colocar alguém ou algo em determinado

¹²⁵ Esta visão pode ser entendida como ponto de transição entre o povo de Deus do AT, que gera em seu ventre a Salvação, e sua continuidade no NT, caracterizado por uma nova realidade inaugurada pelo evento Cristo.

¹²⁶ O hiato criado entre os v.6 e 13 é explicado pelo objetivo determinado para este estudo. Importa, nestas páginas, destacar a hostilidade e as perseguições impostas pelo Dragão contra a Mulher, bem como o providencial cuidado de Deus. Entretanto, os trechos suprimidos poderão ser utilizados, quando necessário, para melhor desenvolvimento deste trabalho.

¹²⁷ O trecho suprimido pela Delimitação da Perícope de Estudo (ver item 1.5 deste) descreve, de forma resumida, a guerra travada entre Miguel e seus anjos contra o Dragão e seus anjos (cf. Ap 12,7-9). Logo em seguida, o autor apresenta o hino de celebração da vitória dos anjos de Deus (cf. Ap 12, 10-12).

lugar, numa referência à expulsão do Dragão e todos os seus anjos para a terra; seu lugar determinado, posto que eles não têm mais lugar no céu.

Este versículo, precisamente colocado, busca trazer o leitor de volta ao eixo central da narrativa¹²⁸. Logo após retratar a guerra no céu e o hino da vitória dos santos (cf. Ap 12,7-12), o autor retoma sua descrição da perseguição sofrida pela Mulher¹²⁹. Utilizando o verbo ἐδίωξεν, transmite a ideia de correr rapidamente para pegar alguma coisa, perseguir de maneira hostil. Esta imagem encontra eco no AT, em que o faraó, com suas carruagens, perseguiu o povo de Israel durante a sua saída do cativeiro (cf. Is 51,9 e Sl 73,13). Nesse sentido, convém destacar três pontos deste versículo: em primeiro lugar, João identifica o Dragão com o próprio Satanás; em seguida, a compreensão de que o v.13 faz referência a todo tipo de ataque empreendido contra a Mulher; e, por último, a definição do real motivo para as perseguições: é no seio deste povo escolhido que nasce o Messias esperado¹³⁰.

O v.15 traz a imagem da Serpente, símbolo comum no AT, como agente das hostilidades. Ambas as figuras, Dragão e Serpente, como já foi dito anteriormente¹³¹, têm origem nos monstros mitológicos que, no decorrer dos anos, passaram a representar também os inimigos reais do povo de Deus. Se o quadro em que este animal lança água como um rio, a partir da sua boca, com o objetivo de levar a Mulher não encontra paralelo nos escritos do AT, a imagem isolada da água e a turbulência ameaçadora é muito comum. Amparada por diversos textos (cf. Sl 32,6; 88,8; 124,4; Is 43,2; Os 5,10), ela habitualmente representa as provações humanas ou divinas. Uma terceira alternativa, também suportada pelo AT (cf. Sl 18,5) e que vem se juntar às pretensões malignas, aponta para a ação de Satanás, o qual provoca a turbulência e as ondas da morte¹³² que buscam assolar o povo de Deus, os profetas e os santos.

A imagem de um rio de água capaz de levar a Mulher pode ser comparada a um dilúvio. É válido ressaltar que esta imagem é comum nos escritos do AT.

¹²⁸ Se o v.4 dialoga com o v.7 a 9, o trecho entre os v. 13 até 17 dialoga com o v.6 (OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p. 540). O autor, com a utilização deste recurso literário, conduz o leitor por uma dinâmica de conflitos sempre crescente.

¹²⁹ O trecho que compreende os v. 13 até 17 é visto por alguns comentadores como o momento em que a ira de Satanás se volta contra os santos (OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p. 540)

¹³⁰ PRIGENT. Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 395-396.

¹³¹ Ver item 3.2.1.2 deste.

¹³² PRIGENT. Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 397.

Assumindo seu sentido simbólico, comum a esta obra joanina, a água lançada da boca da Serpente com a intenção de perseguir e arrastar a Mulher seriam as mentiras e trapaças. Os escritos antigos usam a metáfora do dilúvio para representar a perseguição (cf. Sl 18,4; 32,6; 69,2; Is 43,2). O NT relata, em diversos textos, as mentiras e trapaças como uma tentativa de dissuadir os seguidores de Cristo (Mt 24,24; Mc 13,16; Lc 22,31; 2Tes 2,9). Neste sentido, o Apocalipse descreve os sinais realizados pelos falsos profetas (cf. Ap 13,13-15; 16,14) ou é provável que ocorra, neste ponto, uma alusão aos falsos mestres presentes nas igrejas (cf. Ap 2,2; 14; 15; 20-23).

Independente da forma como o Dragão avançou sobre a Mulher, seu objetivo é claro. Ações como arrastar parte das estrelas do céu, tentar destruir o menino, provocar a fuga da Mulher ou mesmo lançar um rio de água para arrastá-la são eventos possíveis somente a alguém muito poderoso. Alguém cuja ira e ânsia de destruição tem origem no curto espaço de tempo que lhe resta, pois sabe que, ao término do período pascal, sua destruição é certa. Portanto, destruir a Mulher Envolvida de Sol, deixando toda mulher e todo homem afastados do poder interventivo que Ela desempenha entre o céu e a terra – poder que os faz ficar um pouco mais diante de Deus –, é questão de honra para do Dragão.

3.2.2.2. O deserto

O conceito bíblico de deserto é ambíguo, pois este lugar é apresentado como refúgio e, não obstante, é também um lugar de duras tentações. Se no deserto a mulher e o homem se encontram com Deus, é também no deserto que eles podem sofrer as investidas mais maléficas. É provável que a alusão joanina tenha sua origem no longo período em que os hebreus passaram caminhando pelo deserto após sua saída do Egito. Estada envolta de muito sofrimento para todo povo, mas também de cuidados da parte de Deus, que alimentou seus filhos (cf. Ex 16). Outros versículos deste capítulo 12 também fazem referência ao êxodo do Egito: as asas da grande águia, dadas à mulher para fugir; as águas do rio lançado pela serpente para afogar a Mulher ou a terra que engole o rio são exemplos de passagens presentes no AT. Estas foram utilizadas por João, a fim de ilustrar, de forma acessível para suas comunidades, as visões.

A Mulher que surge como um sinal no céu, majestosa e envolta em realeza passa a ser descrita em um novo cenário. Esta nova realidade só encontra sentido quando o deserto é entendido como um lugar preparado pelo próprio Deus. Um local onde as tribulações e tentação, ainda que sobrevenham aos fiéis, serão momentâneas. Neste sentido, o deserto será sempre um local de proteção preparado por Deus, para a mulher e o homem. A garantia de que o sofrimento será breve tem origem na descrição de João, ainda que o tempo de 1260 dias e seus similares: tempo, tempos e meio tempo (cf. Ap 12,6; 14) indiquem um período de perseguição ao qual a fase final da história humana está sujeita, é este o período pós-pascal, transitório, efêmero que está sob o controle de Deus. Disso decorre o entendimento de que Satanás não poderá nada além de matar o corpo. A Mulher está no tempo, ela faz parte da história, é passível de todas as dificuldades e transtornos; em contrapartida, ela é cuidada e preservada pelo próprio Deus.

Trabalhar o conceito de deserto em duas diferentes passagens do capítulo 12, v.6 e v.14, é uma reação contrária à interpretação judaica da história da salvação. A escolha do povo hebreu e seu êxodo das terras do faraó era tida como um evento absoluto, tanto no sentido material e temporal, dimensões estas onde tudo deveria ocorrer, quanto na compreensão de ser o povo eleito exclusivo destinatário de qualquer ação divina. João tem outros olhos para este evento; ele entende que somente através da luz do Cristo é possível à mulher e ao homem a salvação definitiva¹³³. Desta forma, sem excluir as dificuldades que assolam a permanência, sua descrição confere ao deserto um sentido positivo. A narrativa ainda coloca o leitor diante de uma tradição do judaísmo tardio e cristianismo nascente acerca da escatologia. Segundo essa compreensão, a redenção final deveria reproduzir a redenção da primeira Páscoa, inclusive, com a passagem pelo deserto, para somente assim poder cumpri-la efetivamente¹³⁴.

3.2.2.3 A proteção de Deus

Se a perseguição do Dragão é insistente, a providência divina não é diferente. Dentro deste esquema de intercalação elaborado pelo autor, cada

¹³³ CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João*. p. 233.

¹³⁴ PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 388-389

investida de Satanás contra a Mulher Envolvida de Sol tem uma ação correspondente a partir de Deus para preservá-la e protegê-la de todas as hostilidades.

O v.14 volta a tratar da fuga empreendida pela Mulher para o deserto. O evento já citado no v.6 ganha aqui mais informações e detalhes que permitem sua localização numa sequência lógica e teológica. Esse acréscimo tem início com αἱ δύο πτέρυγες τοῦ ἀετοῦ τοῦ μεγάλου (as duas asas da grande águia) que a Mulher recebe para voar para o deserto. A imagem fantástica¹³⁵ de salvamento oferecida por João está enraizada no pensamento judaico e encontra seu paralelo bíblico em Isaías, com a promessa de receber do Senhor asas de águia para se erguer acima das tribulações e renovar as forças (cf. Is 40,31)¹³⁶. Ainda nos escritos no AT, esta temática é abordada no Êxodo, quando Javé recorda seu povo de que os resgatou do Egito, sobre suas asas de águia (cf. Ex 19,4). Javé também recorda que, no Cântico de Moisés em que a águia que vela por seu ninho revoa sobre seus filhotes, estende suas asas e os carrega sobre suas penas (cf. Dt 32,10-11). Em todos os textos apresentados as asas são intervenção de Iahweh em favor do povo, para resgatar e libertar o cativo e renovar as forças daqueles que sofrem com as perseguições e tribulações neste mundo. João adota esta mesma interpretação, mas, a partir da experiência do Cristo, atualiza a compreensão e a Mulher recebe as asas para poder se salvar¹³⁷.

O v.14 informa também que, em seu refúgio no deserto, a Mulher é alimentada. Este tema, presente no v.6, é abordado pelo autor neste versículo. Mais uma vez é necessário voltar ao AT para encontrar as possíveis referências adotadas por João. Em sua passagem pelo deserto, após a saída do Egito, o povo de Israel foi milagrosamente alimentado com o maná para satisfazer sua necessidade física de comer (cf. Ex. 16). Neste ponto, novamente, João toma para seu texto a ideia central do evento, mas o descreve à luz da paixão, morte e ressurreição de Cristo. O alimento aqui aludido não é mais o maná, mas sim a eucaristia, que permite à Mulher e a todos os seus descendentes a subsistência

¹³⁵ Na imagem fantástica descrita a Mulher não recebe auxílio de uma grande águia para fugir. Antes, ela recebe as duas asas da grande águia e pode salvar a si mesma.

¹³⁶ OSBORNE, Grant. 'Apocalipse: Comentário exegético', p. 541.

¹³⁷ Ainda que necessitando de mais aprofundamento, o texto joanino parece indicar que a mulher e o homem são corresponsáveis ao Cristo na história da sua própria salvação.

espiritual durante o tempo de sua estada no Deserto. O pão eucarístico não alimenta o corpo, mas sim o espírito; fazendo com que este se mantenha forte diante das investidas do Dragão. Em Apocalipse, o maná/eucaristia pode ser entendido como o Sacramento ou ainda como uma recompensa aos vitoriosos que resistirem às tentações (cf. Ap 2,17). Ainda no ambiente joanino, o evangelho de João trata o maná do deserto como um tipo de eucaristia, relatando que aqueles que comeram o alimento do AT vieram a perecer, mas todo aquele que comer do pão vivo descido do céu, viverá eternamente (cf. Jo 6,58). Paulo, ao escrever a igreja de Coríntios, fala do alimento e da bebida espiritual obtidos a partir da rocha espiritual, que era o Cristo (cf. 1Cor 10,3-4). Em todos os exemplos o maná assume uma função simbólica, representando a eucaristia comum no cristianismo primitivo¹³⁸.

O final do v.14 indica que Deus, além de socorrer a Mulher, a ajuda a fugir e a se alimentar em sua permanência no Deserto. Ele também a mantém fora da vista da serpente e das suas estratégias. A ação e a providência de Deus são completas.

Ainda que a imagem de uma Serpente lançando água pela boca não seja comum ao pensamento semítico, a imagem de um dilúvio pode ajudar a explicar o versículo¹³⁹ e a origem da intervenção divina. As mentiras e trapaças de Satanás avançam sobre a Mulher, o qual pretende arrastá-la e afogá-la. Todavia, o v.16 informa que a terra vem em auxílio da Mulher e engole o rio, em um claro contraste entre as forças turbulentas e ameaçadoras que as águas possuem diante da estabilidade e segurança da terra firme.

As características desta passagem a classificam como um tema exodal, oferecendo, inevitavelmente, diversos os paralelos com o AT. A análise do Genesis (cf. Gn 3-4) descreve a terra engolindo todo sangue de Abel, morto por seu irmão Caim, no primeiro ato de hostilidade causado pela influência de Satanás. Desta forma, a terra engole a água lançada pela Serpente para arrastar a Mulher. Esta, salvando sua vida, teria a função de reestruturar a criação e restituir os valores.

¹³⁸ PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 181; 396.

¹³⁹ Ver item 3.2.2.1 deste estudo

Um ponto de contato mais evidente pode ser observado no relato da rebelião de Coré, Datã e Abiram; inclusive com a utilização das mesmas expressões. Ele e os seus, cheios de orgulho, se voltaram contra Moisés, questionando sua autoridade. Como castigo, a terra abriu sua boca e engoliu todos e tudo o que a eles pertencia (cf. Num 16,30; 2; Dt 11,6). A cena reflete o juízo contra aqueles que afrontam Iahweh e seus preceitos; ao mesmo tempo, demonstra cuidado com aqueles que escutam a Sua palavra. Como última referência ao AT, o cântico da vitória, entoado por Moisés e os filhos de Israel (cf. Ex 15,12), celebra a ação de Deus, que fez a terra engolir o exército do faraó.

3.2.2.3.1 A derrota do Dragão

A fracassada tentativa de rebelião no céu custou caro a Satanás. Além de ser derrotado por Miguel e seus anjos, perdeu seu lugar no céu e foi lançado para a terra. Uma vez na terra, a lista de seus infortúnios aumenta ainda mais com a frustrada tentativa de devorar a criança. Seus repetidos ataques à Mulher, de maneira idêntica, não têm sucesso, pois são sempre atrapalhados pela proteção divina.

Com o Menino e a Mulher fora do seu alcance e restando a alternativa única de atacar a descendência dela, o Dragão se estabelece na praia e, tendo elaborado seu novo plano de ataque, aguarda pelas duas Bestas¹⁴⁰ diante do mar (cf. Ap 13). Devido a sua instabilidade e força, o mar desempenha papel importante no pensamento semita, representando as forças agressivas e hostis, capazes de afogar quem se aventura diante dele. No século I, os povos do oriente médio viam no mar o único elemento que os separava de Roma. A opção imagética utilizada por João remete aos escritos de Esdras, em que uma águia voava triunfante a partir do mar. Essas visões representavam as vitórias do Império Romano, simbolizado pela ave. Ao oferecer, nesta altura da sua trama, a descrição das duas bestas arregimentadas pelo Dragão para pôr seu plano em

¹⁴⁰ É comum conceber o poder político e o poder religioso, cerne do poder absoluto no conceito joanino, como sendo as duas Bestas aliadas ao Dragão, a fim de atacar a humanidade. PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 400 a 402; CORSINI, Eugênio. *O apocalipse de São João*. p. 231; e, OSBORNE, Grant. 'Apocalipse: Comentário exegético', p 569.

prática, João coloca em evidência o império opressor e idolatra que vai perseguir a descendência da Mulher pelos séculos à frente¹⁴¹.

A primeira Besta que surge recebe seu poder do Dragão e pode, de forma violenta, coagir, perseguir e até matar, o que enganosamente representa a vitória. Já a segunda Besta, capaz de realizar sinais e prodígios, desempenha um papel subalterno sempre a serviço e exercendo o poder da primeira. O poder por ambas exercido tem o objetivo bem definido, iludir e levar a humanidade à adoração de falsos deuses. Entretanto, o próprio texto do capítulo 12 já antecipa o resultado destas investidas futuras. Para o autor, no momento crucial da história da salvação, o Dragão – o acusador – foi derrotado e agora, no período pós pascal que segue, ele só pode ser entendido como uma figura que rasteja furioso na tentativa de afastar os cristãos de Deus. Os seus atos, ou de seus auxiliares, devem ser interpretado sob a perspectiva de um ser arrasado que vê seu tempo se esgotando e sua destruição próxima. Muito em breve, todos os inimigos de Deus, responsáveis pela queda de diversos fiéis serão destruídos e, por fim, Satanás será acorrentado e aprisionado no abismo (cf. Ap 20,1-3).

3.2.2.4 Perseguição da humanidade

Mesmo derrotado em todas as suas investidas anteriores, o Dragão não enfraquece, ao contrário, sua ira parece não ter fim e agora suas ações se concentram em ποιῆσαι πόλεμον μετὰ τῶν λοιπῶν τοῦ σπέρματος αὐτῆς (fazer guerra contra o restante da semente dela – a Mulher). Esta guerra se desenrola na terra, no mundo material. O Dragão não tem domínio sobre o mundo espiritual, por isso, age no mundo físico, tentando levar a mulher e o homem à nova queda. Todavia, Satanás pode até matar os santos, mas jamais poderá derrotá-los.

Para a compreensão deste v.17 importa, de forma especial, explicar dois pontos: quem é a descendência da Mulher que é atacada pelo Dragão e qual é a importância que cada uma das pessoas tem no grande quadro pincelado por João.

¹⁴¹ PRIGENT. Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 398.

Não existe consenso entre os autores sobre a descendência da Mulher. Dentre as diversas posições, se destaca a ideia de “um contraste entre a mulher como a ‘igreja ideal’ de uma perspectiva celestial e os ‘filhos’ como a igreja terrena em sua totalidade”¹⁴². Enquanto filhos da igreja (cf. Gl 4,26) e irmãos em Cristo (cf. Rm 8,29), os cristãos formam uma única família com o próprio João, com os diversos santos e mártires ao longo da história. Dessa forma, são capazes de se manter de pé mesmo diante das perseguições e, eventualmente, da morte. Portanto, os cristãos do v.17 e aqueles representados pela Mulher nos versículos anteriores devem ser vistos como um único grupo, harmônico ao crucificado¹⁴³.

O simbolismo presente faz considerar de imediato a profecia contida em Genesis, no qual é visto que Deus amaldiçoa a Serpente colocando ódio entre ela e a descendência de Eva (cf. Gn 3,15). Ainda que a igreja primitiva, lendo na carta aos Romanos, “o Deus da paz em breve esmagara Satanás sob seus pés” (cf. Rm 16,20), considere esta promessa cumprida em si mesma, o autor joanino entende que toda humanidade é importante nesta batalha e que é chegado o tempo em que toda mulher e homem, conformados ao Cristo, devem enfrentar as hostilidades impostas pelo Dragão¹⁴⁴. Este enfrentamento seguramente trará muito sofrimento, levará ao martírio e poderá custar a própria vida. Entretanto, amparado pela ressurreição do Cristo, a vitória final é garantida.

Ao descrever a perseguição ao Menino, à Mulher e, enfim, à descendência dela, o autor demonstra que, em qualquer momento da história e em qualquer lugar, aqueles que guardarem os mandamentos de Deus e mantiverem o testemunho de Cristo serão perseguidos pelo Dragão e tentados a esmorecer em sua fidelidade.

¹⁴² Esta posição encontra amparo no texto em que João descreve a visão da Mulher no céu (cf. Ap 12.1-2) e de Sião (mãe), gerando seus filhos (cf. Is 66,7-8). OSBORNE, Grant. *‘Apocalipse: Comentário exegético’*, p 544.

¹⁴³ PRIGENT. Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 397-398.

¹⁴⁴ IBIDEM. p. 397.

3.3 A Grande Prostituta

Descrita com atributos conferidos somente às rainhas, a figura da Grande Prostitua é bastante conhecida entre as comunidades fundadas por João, da mesma forma que nas Sagradas Escrituras, em especial no AT. Ainda que suas características e comportamento imoral tenham assumido diversas identidades e se atualizado ao longo da história, sua ganância e idolatria se mantiveram inalteradas; assim como a opressão imposta contra aqueles que lutaram por sua liberdade e se negaram a seguir os preceitos malignos. Entre suas vítimas principais estão aqueles que seguem o Deus verdadeiro e o Cristo. Em uma palavra, essa figura comum nas exortações proféticas representa tudo aquilo que desagrada a Deus.

Para João é muito importante a clara compreensão desta personagem, tanto que dedica a ela os capítulos 17 e 18. No capítulo 17 é apresentado um esboço desta Mulher; sua individualidade e particularidades. Já o capítulo 18, relevante para este estudo, concentra-se na sentença divina e posterior destruição da grande cidade. Para essa exposição repleta de elementos simbólicos ocorrem versículos de sentença, nos quais o anjo profere o veredito divino, ou seja, versículos de juízo que relatam os pecados cometidos pela Grande Prostituta/Babilônia; e versículos a partir dos quais é possível perceber que a sentença é executada. Tudo dentro de uma dinâmica que envolve o anúncio presente da condenação, seguido da execução da pena que, mesmo num tempo futuro, é acompanhada da certeza de ser irrevogável a ação de Deus em favor de todos aqueles que são subjugados pelo sistema. A Grande Prostituta será destruída.

3.3.1 Prostituta, conceito e ocorrência social e bíblica

A imagem da prostituta é representação recorrente entre os autores dos mais variados segmentos, culturas e estilos literários. Enquanto fenômeno social, é entendida e tratada das mais variadas formas ao longo da história. Roberts (1998) afirma que as sociedades pré-históricas eram essencialmente matriarcais; as mulheres ocupavam posições de destaque na sociedade, eram livres social e sexualmente. Como a sexualidade era intimamente relacionada à

vida religiosa, “as sacerdotisas xamânicas lideravam rituais de sexo grupal em que toda comunidade participava”¹⁴⁵. O conceito da prostituição sagrada então formado teve maior visibilidade a partir do ano 2.000 a.C., em centros como Mesopotâmia e Egito, onde a deusa era cultuada. Na Babilônia¹⁴⁶, as prostitutas ocupavam diversas funções e cargos no templo, eram cantoras, dançarinas, instrumentistas e, sob controle dos sacerdotes, representavam a deusa Ishtar. Ainda que trabalhassem fora do templo, onde cobravam por seus serviços, eram consideradas sagradas.

As prostitutas, no mundo grego, podiam ser divididas em pelo menos quatro grupos distintos. O primeiro deles, similar ao descrito anteriormente, tinha na cidade de Corinto um dos vários templos dedicados a Afrodite. Este templo abrigava mais de mil prostitutas vistas como sagradas por serem consideradas encarnações de Afrodite. Desse modo, elas gozavam do respeito de todas as camadas da sociedade. A elite das prostitutas morava na ilha de Chipre; eram mulheres livres, inteligentes e belas. Mantinham relacionamentos com homens ricos e poderosos; em geral, estadistas, mercadores e artistas. Também transitavam livremente, podendo participar de eventos sociais e públicos.

Existiam também os bordeis controlados pelo estado, onde as mulheres eram, em sua maioria, prisioneiras de guerra compradas junto a mercadores. Além de péssimas condições de vida e moradia, a sociedade não lhes dedicava nenhum tipo de respeito. O quarto grupo era formado por prostitutas que exerciam sua atividade de forma independente, normalmente organizados por uma prostitua mais experiente. A prostituição não era discriminada na Grécia. A sociedade convivia com as prostitutas, que pagavam os tributos ao Estado, deviam – obrigatoriamente – se vestir de forma diferente, mas sua presença não causava nenhum constrangimento social.

A Roma antiga, à mesma maneira dos gregos, lidava bem com a prostituição e suas profissionais eram aceitas socialmente sem nenhum embaraço. Elas tinham liberdade para transitar pelas cidades a qualquer horário. Não haviam os bordeis administrados pelo Estado, todos eram privados. Entretanto, aquelas consideradas pobres deviam se registrar junto ao governo romano. Outra obrigação imposta era o uso de trajes que as destacassem das

¹⁴⁵ ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. p.21.

¹⁴⁶ IBIDEM. p 22.

demais mulheres. Sua origem era variada: consistiam em escravas, prisioneiras de guerra ou criadas que fugiam por serem abusadas sexualmente por seus donos. Para os romanos, a prostituição e a religião não estão interligadas. Ainda assim os templos dedicados à deusa Vênus dispunham de atividades de orientação sexual, onde as sacerdotisas ensinavam o caminho sexual e o tambor espiritual¹⁴⁷.

Como não poderia ser diferente, no universo bíblico, a prostituta é figura presente tanto no Antigo (cf. Dt 23,18; Ez 16;32; Lv 19,29; etc.), quanto no Novo Testamento (cf. Mt 21,31; Lc 7,36-50; Cor 6,16; etc.). Em determinadas passagens das Sagradas Escrituras ela¹⁴⁸ é apresentada em seu sentido cultural e se torna portadora de uma carga de significados. Em especial, é dedicada a representar a deusa da fertilidade e, portanto, a idolatria. Quando é descrita em seu sentido literal, a prostitua secular assume importância ainda maior ao se tornar representante de um grande grupo social oprimido e marginalizado pelo sistema ao longo de muitos séculos. A correta interpretação da personagem, distinguindo seu sentido literal ou simbólico – secular ou cultural –, é determinante para compreender a mensagem contida no texto.

3.3.1.1 Sentido Secular

Como relatado, a prostituição secular está presente nas sociedades desde os tempos mais remotos. Caracterizada como uma transação comercial envolvendo sempre um objeto sexual, a atividade utiliza o modelo em que o prazer dispensado é de alguma forma recompensado, sendo que, na maioria das vezes, esta relação envolve dinheiro. Ao longo da história, a prostituição secular não encontrou problemas para subsistir nas sociedades, desde que desenvolvida exclusivamente por mulheres.

Determinar a origem da prostitua secular é uma tarefa espinhosa. Muitas delas eram abandonadas à própria sorte ainda em sua infância. Elas podiam ser filhas de uma família sem nenhuma condição social, incapaz de cuidar da

¹⁴⁷ IBIDEM. p.67

¹⁴⁸ Segundo Brenner, a prostituição, em seu sentido cultural, não era necessariamente desenvolvida por mulheres, mas pessoas de ambos os sexos (BRENNER Athalya. *A mulher israelita. Papel social e modelo literário na narrativa bíblica*. p. 133).

criança; podiam também ser a segunda ou terceira filha das famílias mais simples, sem condição de oferecer ao marido o dote no momento do seu casamento. Ou ainda podiam ser compradas como escravas e obrigadas a se prostituir. Importa que, independentemente de sua origem, restava a elas viver uma vida que não tinham escolhido.

O confronto desta dura realidade com a proposta de Jesus encontra no evangelho de Lucas¹⁴⁹ uma particularidade que oferece luz à imagem da prostituta secular e reflete a dimensão e o alcance do amor que Ele oferece. O relato lucano apresenta Jesus durante a refeição na casa do fariseu Simão, quando, em certo momento, uma mulher pecadora¹⁵⁰ entra no recinto e, em um momento de grande intimidade, unge os pés de Jesus com alabastro. Aquele encontro, inconveniente para os padrões da época, é marcado pela expressão de fé daquela mulher que, ciente dos seus erros, ignora a tradição social, afronta a todos os presentes e se entrega em lágrimas na certeza de poder se unir a seu Senhor. Sua ação é acolhida carinhosamente.

A reação de perdão que parte de Jesus e vai ao encontro daqueles que sofrem, que são subjugados e oprimidos pela sociedade ao longo dos séculos e que têm sua vida e seus direitos reduzidos, encontra na prostituta um modelo sempre atual. Para além do perdão, sabedor do pesado fardo social que recai sobre aquela mulher, que a impede de viver a vida de maneira diferente, Ele não faz qualquer exigência; simplesmente acolhe a fé que salva aquela mulher pecadora, a abençoa e, em seguida, a despede.

3.3.1.2 O sentido cultural

A percepção e a aceitação da prostituição cultural ou sagrada foram se transformando com o passar dos séculos e nos diferentes contextos sociorreligiosos. A princípio, o estigma envolvendo a figura da prostituta cultural teve início entre os anos de 1300 e 1200 a.C., quando as tribos dos hebreus

¹⁴⁹ Ainda que consideradas as especificidades que marcam a literatura lucana e a joanina, levando a apresentação de diferentes perspectivas dos passos de Jesus, ambas fazem parte do ambiente cristão, amplo, múltiplo e plural, mas sobretudo, descrevem o amor divino.

¹⁵⁰ Bovon entende que, ao utilizar a expressão ἐν τῇ πόλει (na cidade), Lucas procura indicar a ocorrência de um pecado social. Para o autor, a pecadora em cena é uma prostituta (BOVON, François. *El Evangelio Según San Lucas*. Lc 1,1 – 9,50. p. 551).

conquistaram as terras de Canaã. Rapidamente, os sacerdotes associaram o culto a Astartéia, deusa da fertilidade, à prostituição. Uma vez que as cerimônias eram dirigidas pelas prostitutas sagradas, a prática religiosa local – com todos seus ritos sexuais – passou a ser entendida como pecado e uma afronta ao Deus único por eles professado. Com os ritos proibidos, as sacerdotisas foram consideradas pecadoras e impedidas de exercer suas funções. As prostitutas, até então eminentes participantes das celebrações, passaram a ser vistas como a própria personificação do mal, sempre dispostas a levar o povo à idolatria. Pesava ainda sobre elas o julgo de Yahweh, um Deus vingativo e inclemente com a prostituição e a idolatria.

A postura de Jesus, diante de um caso de prostituição, mesmo a cultural, é sempre de amor e perdão. Entretanto, este passo à frente exige que o transgressor também adote um comportamento semelhante: ele deve abandonar sua condição de pecador, redirecionar seus passos e viver uma vida nova. Todos aqueles que fazem esta opção, Cristo perdoa os pecados, despede em paz, mas acrescenta, não peques mais.

3.3.1.3 A prostituta no Apocalipse de João

Não há dúvida que a utilização do termo prostituta por João não está relacionada prostituição secular. Mas aponta de forma crítica para o comportamento deliberado que leva mulheres e homens a seguir um outro deus e a prestar culto a ele. A crítica joanina aponta diretamente para a idolatria que a Babilônia promove fazendo uso de todos os seus encantos (sua feitiçaria). A partir do seu poder de sedução ela embriaga a muitos e destrói outros tantos. João dá traços femininos, formosos e luxuosos, para uma cidade, representante de um sistema que corrompe a todos aqueles que dela se aproximam.

A utilização da figura feminina, em especial a prostituta, representando uma cidade é bastante comum no AT. Como pode ser verificado na censura a Jerusalém (cf. Is 1,21; Ez 16,15 e 23,1), Tiro (cf. Is 23,16) e Ninive (cf. Hab 3,4), esta alternativa literária retrata a forte ligação existentes entre a obra joanina e

os escritos do AT, onde a figura da prostituta aparece frequentemente em textos proféticos como símbolos da infidelidade ao Deus único e verdadeiro¹⁵¹.

3.3.2 A destruição da Grande Prostituta

O juízo de Deus está próximo. A Grande Prostituta, aquela que seduz, engana e leva a perdição mulheres e homens se aproxima da sua destruição. Deste momento em diante a perícopes de trabalho pode ser dividida em dois blocos. O primeiro deles, marcado pelo surgimento de um anjo de grande autoridade, o anúncio e a descrição dos crimes cometidos compõem a sentença divina que determina a queda da Babilônia. Ao passo que o segundo bloco, coloca novamente em cena o anjo poderoso que irá lançar a Babilônia ao mar e apagar tudo de ruim e de bom que nela podia existir. Deus age na história em favor dos seus filhos.

Os capítulos 17 e 18 que descrevem a Grande Prostituta e a Babilônia, não podem ser entendidos de maneira isolada, eles são uma sequência. No primeiro, João se inspira na queda de Tiro narrada por Jeremias (cf. Jr 51) para apresentar a Grande Prostituta, destacar seus pecados e seus parceiros em seu projeto de corrupção. Já o capítulo 18, inspirado nos textos em que o profeta Ezequiel descreve a queda da Babilônia (cf. Ez 28s), o autor narra a sentença divina contra a cidade e sua execução. Muito embora a perícopes de trabalho tenha sido extraída deste último capítulo, mais alinhado aos objetivos do estudo, muitas das informações e justificativas podem ser apresentadas e reapresentadas nos dois trechos.

3.3.2.1 A identificação da Grande Prostituta

Um dos personagens mais controversos de todo livro é a Grande Prostituta apresentada pelo autor a partir dos escritos do AT como uma metáfora destinada a exortar os erros cometidos contra Deus e a enriquecer sua mensagem. Figura bastante conhecida na época de João, a prostituta era

¹⁵¹ PRIGENT, Pierre. O Apocalipse. p. 300.

frequentemente utilizada para destacar a infidelidade a lahweh. O profeta Isaías lamenta por Jerusalém que deixou de ser fiel a Deus e passou a habitar assassinos (cf. Is 1,21). Em outra passagem o mesmo profeta fala sobre Tiro que, devido a sua prostituição, será esquecida por 70 anos (cf. Is 23,16); Naum sentencia a formosa Nínive por usar a prostituição e a magia com os povos e nações (cf. Na 3,4). Como último entre vários exemplos possíveis, Oséias recrimina Efrain e Israel pelo espírito de prostituição que os dominava (cf. Os 5,3).

Segundo o relato, a Grande Prostituta está assentada sobre muitas águas, texto que ecoa Jeremias (cf. Jr 51,13) e faz referência a sua localização geográfica vizinha aos rios Tigre e Eufrates e aos vários canais de interligação e irrigação existentes. Porém, o destaque das águas indica sua relação com muitos povos e nações que ela conquistou e reina soberana¹⁵² (cf. Ap 17,15). Disso depreende que sua ação no mundo não é individual, ao contrário, ela tem junto a si a presença dos reis da terra, que se prostituíram e se embriagaram, e ainda levaram todos os seus súditos para o mesmo destino. A relação entre todos estes atores é de convivência, todos participam espontaneamente das imoralidades e por isso todos pagarão o mesmo preço¹⁵³.

Os detalhes que descrevem a Grande Prostituta chamam a atenção por dois fatores detestáveis para Deus, seu luxo desenfreado e imoralidade. As vestes que ela traja dão o tom da sua extravagância, a cor púrpura representando a realeza e a vermelha caracterizando a riqueza eram usados somente por personagens reais, políticos ou pessoas muito ricas, com condições financeiras de adquirir tecidos preparados com tinturas de valores exorbitantes. Seus adornos, ouro, pedras preciosas e pérolas, são artigos conquistados junto aos amantes que compartilharam sua imoralidade ou através da exploração econômica daqueles que tem quase nada a oferecer. Ambas as fontes configuram uma repulsa a Deus. Da mesma forma, a depravação moral é outra abominação. Se no AT Jeremias descreve a Babilônia como a taça de ouro na

¹⁵² Estar assentado sobre um determinado povo ou nação, representa dizer que aquela pátria foi conquistada e continua sob controle. OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 681.

¹⁵³ A participação das nações na idolatria, a embriaguez pelo vinho e outros temas importantes serão tratados nos próximos tópicos deste capítulo.

mão de lahweh que embriagava toda terra (cf. Jr 51,7), no Apocalipse, a depravação e a imoralidade da Grande Prostituta, são o conteúdo da taça, que embriaga todos os povos da terra e invoca contra si a ira de Deus¹⁵⁴.

Depois de descrever as características, João nomeia sua personagem, ela é a Babilônia¹⁵⁵, a mãe das prostituições e abominações da terra. Ao iniciar sua narração o autor informar que o nome está escrito na testa da mulher. Esse dado remete a um costume do mundo romano antigo, em que as prostitutas, em especial as de luxo, tinham o hábito de usar faixas com seu nome na testa. Este ornamento tinha a função de tornar pública sua atividade. Interno ao texto do Apocalipse, a imagem do nome escrito na testa é bastante utilizado pelo autor, em quatro passagens ela se refere a marca daqueles que seguem a Deus (cf. Ap 7,3; 9,4; 14,1 e 22,4). Nesta passagem a faixa utilizada remete ao conceito da marca daqueles que seguem a Besta (cf. Ap 13,16; 14,9; 17,5 e 20,4) e perfaz mais das tentativas de imitar o Cristo. Ainda, era costume do mundo antigo, dar nome de acordo com as expectativas para o futuro da criança¹⁵⁶, assim batizar aquela mulher com nome de uma cidade penalizada pela ira de Deus, prediz sua ruína.

Seu epíteto, mãe das prostituições e abominações da terra, também remete aos costumes do mundo antigo. No NT ser chamada de 'mãe de', além de caracterizar um indivíduo, implica que determinadas características foram replicadas em outra pessoa, grupo ou nações inteiras. Assim ao dizer que a Babilônia é a mãe que se prostitui (cf. Os 2,2-7 e Is 50,1) indica que ela é a praticante primeira de todos os atos abjetos a Deus para em seguida seduzir e levar a prostituição e outras abominações¹⁵⁷.

Um dos grandes atributos da revelação joanina foi conseguir conciliar no mesmo texto a tradição do AT com a realidade da sua época. As referências proféticas foram colocadas lado a lado com eventos contemporâneos,

¹⁵⁴ OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 683-684.

¹⁵⁵ O nome da Babilônia é precedido pelo termo μυστήριον (mistério). João usa esta expressão em duas outras passagens do seu texto (cf. Ap 1,20; 10,7), em ambas tem o sentido de verdades divinas que estão sendo reveladas agora, final dos tempos. Outra interpretação, menos corrente, entende como parte do nome da grande cidade. OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 685.

¹⁵⁶ OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 685.

¹⁵⁷ IBIDEM.

conhecidos pelos fiéis das sete igrejas, reunindo em um único escrito a força da história e o frescor do presente. Isso se traduz na imagem da Grande Prostitua, a Babilônia do AT, que é a Roma dos tempos de João. As duas possuem diversas características que as aproxima, a citar: ambas são tratadas pelo título de grande, possuem capitais orgulhosas de seu vasto império, são sempre hostis a Deus e aos seus, além das perseguições a estes últimos¹⁵⁸, ocorridas em situações e regiões específicas.

O próprio texto do Apocalipse nos ajuda no entendimento desta denominação. O capítulo 17 em seu v.3 apresenta a imagem de uma mulher assentada sobre uma Besta escarlate com sete cabeças e dez chifres. A tentativa de estabelecer uma interpretação histórica desta imagem e determinar uma relação de imperadores romanos que possa harmonizar com a sequência de detalhes apresentadas no relato joanino é tão tentadora quanto difícil. Com isso ganha força uma alternativa mais simples e que seria entendida de forma imediata pelas igrejas do século I, as sete cabeças são uma clara referência as sete colinas de Roma. Uma expressão no mundo antigo que identificaria a construção da cidade sobre sete monte confirmaria essa tese. Ademais, essa interpretação é aceita pela imensa maioria dos comentadores. Outro aspecto da imagem são os dez chifres que a Besta possui. Partindo da divisão de todo império romano em 10 províncias, é razoável supor que cada chifre represente um rei vassalo responsável pela administração da região. Função de grande prestígio dentro do império, o título honorário de rei vassalo era superior ao de tetrarca e, também, de governador¹⁵⁹. O desenvolvimento de todas as atividades e seus resultados era sempre reportado a Roma.

Outra característica da Grande Prostituta que deixa o autor maravilhado é a embriaguez causada pelo sangue dos santos e das testemunhas de Jesus. Embora o AT ofereça metáforas sobre a embriaguez de sangue, é possível que o autor queira condenar a alegria com que os soldados romanos, durante suas missões, matavam sem piedades famílias indefesas e soldados inimigos já

¹⁵⁸ PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 445-446

¹⁵⁹ ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel D. *O Apocalipse. A força da esperança. Estudo, leitura e comentários*. p. 235-240; OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 682-695; e, PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 490-500.

capturados. Contudo, as vítimas aqui são os santos e as testemunhas de Cristo que permanecem fiéis em sua causa, certos de sua vitória sobre Satanás que os agride. Assim, mesmo diante da morte, eles não amaram a própria vida¹⁶⁰. De maneira idêntica ao denunciado pelos profetas contra a Babilônia, o texto do Apocalipse demonstra que Roma é o império em que reina a Besta, responsável por conquistar o povo de Israel, destruir seu templo, oprimir aqueles que se opuseram ao sistema, impor práticas imorais aos cidadãos, entre tantos outros crimes contra o povo de Deus¹⁶¹ (cf. Ap 14,8; 16,19; 17,5; 18,2; 18,10 e 18,21).

As próprias cores que a Grande Prostituta e a Besta vestem, remetem ao poderoso império romano indicando sua prosperidade comercial e luxo impressionantes. A relação dos produtos comercializados por Roma, entre outros, metais e pedras preciosas, tecidos finos, especiarias, vinho, alimentos, animais, escravos e vidas humanas, expressam seu poder comercial (cf. Ap 18,12s). A grande cidade se tornou uma vitrine para o mundo, um escrito do século II descreve que aquilo que não é encontrado em Roma provavelmente não deve existir. A relação de domínio exercida com reis e nações da terra tornam a capital uma potência econômica, sendo ela proprietária de nove das dez partes de riquezas existentes no mundo¹⁶².

Toda sua riqueza tem origem em um sistema de controle social que cobra pesados impostos em todas as grandes cidades, pequenas vilas e povoados do império, explorando o trabalho suado do pequeno comerciante local, do camponês e do pescador. Da imposição da prestação de culto ao imperador para aqueles que pretendem desenvolver algum tipo de atividade comercial. O total desprezo pela vida humana como demonstra a existência de uma rede de comércio em que mulheres e homens, prisioneiros e escravos, são comprados e vendidos para atender a necessidade de mão de obra pesada, jogos das arenas e coliseu, a prostituição. Estes e outros exemplo revelam a arrogância de

¹⁶⁰ Este versículo (Ap 17,5) oferece importante contribuição para interpretação da Grande Prostituta como Roma, afinal as vítimas aqui relacionadas são os santos e as testemunhas de Jesus. Diferente daquilo que ocorre no versículo de juízo que inclui também o sangue dos não cristãos derramados sobre a terra (cf. Ap 18,24).

¹⁶¹ OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 682-695; e, PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 490-500

¹⁶² ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel D. *O Apocalipse. A força da esperança. Estudo, leitura e comentários*. p, 244.

um sistema desumano que olha para o restante do mundo como mercadoria cuja serventia se resume ao seu próprio deleite¹⁶³. Tudo com o objetivo de realizar os caprichos e atender ao consumo exagerado dos poderosos.

Não obstante todo poder de Roma, a aspiração de seus imperadores a divindade, todo desenvolvimento militar, comercial, cultura, entre outros, Roma não é nada além de uma prostituta cujo destino é se tornar uma terra árida como o deserto, abandonada e que em breve vai se transformar em morada de demônios. Os muitos pecados da capital do império chegam ao céu e pedem por juízo; o sangue dos santos, profetas e de todos os demais derramado na terra clama por justiça. Deus vem em seu socorro para não *não* mais permitir que tais atrocidades voltem a ocorrer.

3.3.2.2 O anúncio da destruição da grande cidade

A sentença de Deus está definida. Em seu papel, o anjo que ilumina a terra anuncia e a Babilônia cai. O primeiro bloco de versículos desta perícopa de trabalho, a dimensão da destruição é prenunciada pela voz forte do anjo. O veredito divino vai lançar a cidade famosa em todo mundo por sua opulência, seu luxo desenfreado e idolatria a caminho do abandono, se tornando uma total desolação. Os crimes são conhecidos, é chegado o momento de pagar por cada um deles.

¹ Depois disso vi [um] outro anjo descendo do céu, tendo autoridade grande e a terra foi iluminada [a partir] do esplendor dele

² e gritou com forte voz dizendo: caiu, caiu Babilônia a grande e veio a ser morada de demônios e prisão de todo espírito impuro e prisão de todo pássaro impuro e prisão de toda fera impura e detestável.

³ Pois a partir do vinho da ira da imoralidade dela beberam todos os povos e os reis da terra com ela idolatraram também (e) os mercadores da terra a partir da força da opulência dela enriqueceram.

¹⁶³ IBIDEM.

3.3.2.2.1 Um anjo com grande autoridade

O versículo de abertura desta nova seção retrata o aparecimento de um outro anjo que desce do céu. Nesta apresentação o autor se preocupa em dar a ele ares de distinção diante dos demais seres angelicais já descritos até aqui¹⁶⁴. Segundo as palavras de João, ele tem ἐξουσίαν μεγάλην (grande autoridade) e καὶ ἡ γῆ ἐφωτίσθη τῆς δόξης αὐτοῦ (a terra foi iluminada [a partir] do esplendor dele). Esta imagem, provavelmente, se trata de um contraponto a imagem da Besta que sobe do abismo (cf. Ap 17,8), à autoridade que ela recebe do Dragão (cf. Ap 13,2) e de Deus (cf. Ap 13,5) e, por fim, o esplendor pretendido, mas jamais alcançada, pelo Dragão e seus seguidores¹⁶⁵. Com descrição semelhante, ocorre durante a narrativa da sexta trombeta onde João apresenta um anjo forte que desce do céu vestido com as nuvens, tendo o arco-íris sobre sua cabeça e o rosto como o sol (cf. Ap 10,1). Essas diversas características tem a função de manifestar a autoridade e o esplendor de Deus, que o ser celestial dispõe temporariamente. Contudo, mesmo nestas circunstâncias elas não são suficientes para iluminar a terra.

Uma vez posicionada a figura do anjo e todo esplendor que ele detém no contexto teológico do livro do Apocalipse, o AT fornece outras referências a tamanha glória, porém, todas elas estão relacionadas as aparições do próprio Deus. O livro de Ezequiel descreve que, após a restauração do templo, a glória de Deus volta ao templo com ruído de muitas águas e fazendo resplandecer a terra inteira (cf. Ez 43,1s). Outro importante ponto de contato entre os dois textos, mas que certamente trará efeitos para o restante deste capítulo e do livro, associa a presença gloriosa de Deus ao tema do juízo que se aproxima. Se o povo de Israel é advertido pelo profeta sobre seus erros e, mesmo assim, persiste em seu pecado, será julgamento em breve (cf. Ez 40-48). A sentença

¹⁶⁴ Os comentadores se dedicam a diferenciar este outro anjo do anjo intérprete apresentado no capítulo 17 e dos demais. Ele não é o anjo forte (Ap 5,2; 10,1 e 18,21) mas seus atributos pedem destaque. PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 507; OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 709.

¹⁶⁵ OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 709.

divina e seu sequente cumprimento fazem nascer uma nova criação em meio a qual Deus irá habitar.

De fato, este anjo é bastante distinto. Tamanho esplendor capaz de iluminar a terra é um atributo até então não conferido a nenhum dos personagens¹⁶⁶. É plausível assumir que o anjo, em movimento de descida do céu, estava até aquele momento na presença de Deus e tenha saído, investido de tamanho poder, para anunciar a destruição da grande cidade. O destino da Grande Prostituta está traçado.

3.3.2.2.2 O anúncio do anjo

O anjo, que iluminou a terra com seu esplendor, cumpre sua missão anunciando a sentença divina. A proclamação presente no v.2a não é diferentes de outras executadas por seres celestiais ao longo do livro (cf. Ap 5,2; 10,3; 16,1). Mesmo o conteúdo da mensagem já fora antecipada (cf. Ap 14,8). O que realmente muda aqui é a autoridade do anjo, recebida direto de Deus, assim a mensagem que fora prenunciada se transforma agora, sem se esgotar, em uma realidade consumada.

A oração “Caiu, caiu, Babilônia a grande”¹⁶⁷ tem uma formação morfossintática interessante. O verbo ἔπεσεν (cair) está no aoristo, aspecto verbal que indica a essência da ação verbal, sem nenhum contorno ou limite. Com isso a tradução para o português, habitualmente no passado ou presente, não consegue expressar plenamente seu sentido e se vê às voltas com um evento a acontecer. A solução deste impasse passa pelo entendimento de que o anúncio feito pelo anjo é um passado profético, possível graças ao caráter irrevogável da decisão tomada por Deus¹⁶⁸. A decisão será cumprida, a Babilônia será destruída.

¹⁶⁶ Em Ap 10, 1, João apresenta um anjo forte que desce do céu vestido com diversas características que refletem a autoridade e o esplendor de Deus, mas elas não são suficientes para iluminar a terra.

¹⁶⁷ Ver sobre a identidade da Babilônia no item 3.3.2.1 deste.

¹⁶⁸ Por todo livro pode ser verificado o emprego dos tempos passado e futuro simultaneamente. O uso deste recurso deve ser entendido como fundamental certeza de que o futuro escatológico é conatural ao presente da vida cristã. PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 504.

O verbo ἔπεσεν, pode também ser entendido como a queda de um estado de prosperidade para o estado de iniquidade. Condição em que a Babilônia seria facilmente enquadrada, um esforço desnecessário tendo em vista que o próprio texto apresenta inúmera evidências de que a situação vivida pela grande Prostituta já é uma realidade presente. Considerada esta possibilidade, a opção adotada para o verbo é ‘cair’ em ruínas. Esta escolha não só é alinhada aos objetivos deste estudo como também indica, de maneira clara, a sina daqueles que se permitem iludir.

3.3.2.2.3 A decadência anunciada

A complementação do v.2 informa o que se tornará a Babilônia depois da sua queda. Comum ao povo de Israel e especialmente utilizada pelos profetas, a sentença que recai sobre a Babilônia era utilizada contra uma cidade condenada a destruição e ao abandono¹⁶⁹. Em breve, ela vai estar devastada e deserta e, como proposto pelos escritos bíblicos (cf. Is 34,14; Tb 8,3 e Mt 12,43), vai se transformar em reduto de demônios, animais selvagens, impuros e detestáveis. Esta mesma mensagem pode ser encontrada em outras passagens ao longo do AT: como o profeta Isaías anunciando o veredito contra a Babilônia (cf. Ap 13, 21s) e contra Edom (cf. Is 34,11-14); Sofonias proclamando a destruição da Assíria (cf. Sf 2,13s); e, Jeremias declarando lahweh como redentor de Israel (cf. Jr 50,39) ou, ainda, a vingança contra a Babilônia (cf. Jr 51,37)¹⁷⁰.

A sentença divina anunciada pelo ‘outro anjo’ atinge a Babilônia e a capital imperial se torna uma κατοικητήριον δαιμονίων (morada de demônios). Em cada uma das três demais frases finais deste versículo, João utiliza o substantivo φυλακή (prisão) para indicar que a sedutora cidade, vestida de púrpura e enfeitada com pedra preciosas e ouro, capaz de enriquecer mercadores e comerciantes, em uma só hora, se tornou um local de detenção de cativos. Com a ampliação do campo semântico, Babilônia se torna também prisão para todo

¹⁶⁹ PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p. 507.

¹⁷⁰ OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 711.

espírito impuro, designação judaica para toda criatura detestável; para todo pássaro impuro, a longa lista no livro do Deuteronômio destaca as aves de rapinas (cf. Dt 14,12-19) - pouco adiante elas receberão um convite angelical para o banquete onde serão servidas as carnes das nações pagãs¹⁷¹ (cf. Ap 19,17-21); e, enfim, toda fera impura e detestável, relacionadas no oráculo de Isaías contra as nações pagãs (cf. Is 13, 21s).

O termo κατοικητήριον (morada) ocorre somente duas vezes em todo NT. A primeira delas está na epistola enviada por Paulo aos Efésios. Nela o apóstolo afirma que a mulher e o homem são co-edificados sobre o Cristo para se tornarem moradas de Deus (cf. Ef 2,22). É presumível que João tenha pensado em criar um contraste entre os dois usos desta palavra com o objetivo de indicar as características da habitação que agrada a Deus.

O mesmo ensinamento está presente em diversos textos do AT e neste versículo do Apocalipse numa clara sinalização ao duro castigo que é aplicado a todos os povos que deixam de seguir os preceitos de Deus. Ou, mesmo quando a mulher e o homem, diante do acúmulo de riqueza e poder, se esquecem que a glória e o esplendor divino são muito maiores, se tornam vazios e desertos e passam a viver uma vida de luxo desenfreado e idolatria.

3.3.2.2.4 As razões do juízo divino

A relação dos erros cometidos pela grade Prostituta é grande. Seguindo um costume dos tribunais da época que faziam a leitura do crime cometido durante a execução da sentença, o anjo vai posicionando as passagens que explicam as razões do juízo divino contra a Grande Prostituta ao longo de todo capítulo 18 (cf. Ap 18,3; 5; 7b; 23b; 24). O v.3, primeiro destes versículos de juízo, volta a condenar a grande cidade por fazer com que todos os povos e nações bebam do vinho da ira da sua imoralidade, tema já iniciado anteriormente em Ap 14,8. Em seguida introduz os personagens que irão lamentar a destruição da grande cidade (cf. Ap 18, 9-10) – são eles os reis da terra que, através de

¹⁷¹ IBIDEM.

suas ações, levaram seu povo à prática da idolatria e os mercadores da terra por seu materialismo e luxo excessivos¹⁷².

O trecho “*a partir do vinho da ira da imoralidade dela beberam todos os povos*” forma um mosaico em que cada uma das peças deve ser interpretada separadamente para que o sentido da imagem possa emergir. A começar por Jeremias que descreve a Babilônia com uma taça de ouro nas mãos do Senhor, cujo vinho que ela carrega faz com que todas as nações se embriaguem após beber (cf. Jr 51,7). Entretanto, a temática do vinho derramado tem um sentido diferente no AT, normalmente ela faz referência a ira de Deus, que entontece aqueles que serão castigados (cf. Jr 25,15; Is 51,17; entre outras). A aproximação destas duas imagens serve para denunciar que a idolatria é como vinho que inebria e seduz. Mas João faz questão de alertar que ela também desperta a ira de Deus¹⁷³. Agora que a Babilônia está destruída todas as nações que participaram da sua corrupção encontrarão a mesma sorte.

A frase seguinte é praticamente uma extensão da crítica acima, com as mesmas implicações e passível do mesmo juízo. Nela os reis da terra não só participaram das depravações da grande cidade como também levaram todo seu povo a idolatria. Ocorre aqui uma possível alusão a condenação presente no oráculo de Isaías contra Tiro por se vender como prostituta a todos os reinos¹⁷⁴ (cf. Is 23,17).

Por fim, o v.3 termina condenando “os mercadores da terra a partir da opulência dela enriqueceram”. Uma provável referência a lamentação descrita por Ezequiel sobre a queda de Tiro, cidade prospera e abundante em todos os bens que atraía muitos comerciantes. Além desta, outras três passagens neste capítulo (Cf. Ap 18,11; 15 e 23) destacam a atividade dos mercadores que acumularam riqueza negociando com Roma e todo seu império. Neste cenário, João ataca a o sistema imperial pervertido, em que os poderosos mantinham

¹⁷² Dois aspectos da sociedade romana se interlaçam e são duramente criticados por João, o econômico e o religioso. KRAYBILL, J. Nelson. *Culto e comércio imperiais no Apocalipse de São João*. p 32-38.

¹⁷³ OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 602-604 e 712. PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p 446-447 e 507-508.

¹⁷⁴ Embora o entendimento de uma demanda comercial possa sobrevir, no AT o termo prostituta remete a metáfora sobre Israel como esposa infiel de Javé. OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 602-604 e 712.

controle sobre a maioria dos produtos agrícolas e comerciais com objetivos definidos, satisfazer a necessidade das elites, sustentar a organização burocrática do império e garantir a manutenção da estrutura de poder estabelecido. Na outra extremidade, o cidadão comum e o camponês mal podiam sustentar suas famílias¹⁷⁵. Outro problema relacionado aos mercadores que foi esquadrihado por João é a influência crescente que o culto ao imperador assume sobre as relações comerciais. As setes igrejas a quem o João escreve estavam localizadas numa importante região industrial e comercial. Os mercadores e demais cristãos daquela região poderiam ser afetados diretamente¹⁷⁶ e não mais comprar ou vender se não tivessem a marca da besta (cf. Ap 13,17).

A perícope de estudo contém ainda outros dois versículos de juízo¹⁷⁷. O v.23b abriga as mesmas ideias centrais analisadas no v.3, crítica a feitiçaria que conduz todos os povos a idolatria e os mercadores que se afastam de Deus à medida que seus lucros aumentam. E o v.24 que denuncia a violência do império, em todos os sentidos e não nutre nenhum respeito pela vida humana.

O v.23 volta a criticar as peças que compõem o sistema comercial do império cujos ἔμποροί σου ἦσαν οἱ μεγιστᾶνες τῆς γῆς (mercadores eram os grandes da terra). O texto, autoexplicativo, encontra eco no oráculo contra Tiro, onde Isaias descreve os mercadores como príncipes e os negociantes com os nobres do mundo (cf. Is 23,8). O v.3 descreve que ἔμποροι τῆς γῆς ἐκ τῆς δυνάμεως τοῦ στρήνους αὐτῆς ἐπλούτησαν (os mercadores da terra a partir da força da opulência dela enriqueceram), focando sua crítica ao sistema comercial imperial tão poderoso quanto idolatra. Já o v.23 critica o posicionamento comercial, frente ao sistema imperial, destes que são considerados os maiores da terra, capazes de conquistar o mundo. A administração do seu negócio tem visado unicamente o maior lucro possível e o acúmulo de riqueza, ao passo que a soberania de Deus tem sido ignorada. João os exorta a não se tornarem cúmplices dos pecados.

¹⁷⁵ OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 713.

¹⁷⁶ KRAYBILL, J. Nelson. *Culto e comércio imperiais no Apocalipse de São João*. p 33.

¹⁷⁷ Os outros 2 versículos de juízos, v. 5 e 7b, não serão analisados neste estudo devido aos objetivos determinados na Delimitação da perícope de estudo, ver item 2.1 deste.

Para finalizar, no v.23 João escreve que τῇ φαρμακείᾳ σου ἐπλανήθησαν πάντα τὰ ἔθνη (na tua feitiçaria foram seduzidos todos os povos). Relatado em outras passagens do livro (cf. Ap 9,21; 21,8 e 22,15), o crime agora imputado tem sentido metafórico e serve para indicar que todos os povos estão sendo seduzidos pela Grande Prostitua. O engano aqui apontado não é comercial ou mesmo pessoal, mas a ação que ilude e leva as pessoas a acreditarem e aceitarem as artimanhas demoníacas e a cultuar falsos deuses. Dentro do universo bíblico a sedução, prostituição, a imoralidade e outros, fazem parte do campo semântico da idolatria e remetem a atuação do demônio¹⁷⁸ (cf. Dt 32,16s; Sl 106,35-37 e 1Cor 10,20).

É chegado o momento em que a Grande Prostitua será julgada por todo sangue que ela derramou sobre a terra. Aparentemente inspirado no profeta Jeremias que descreve a vingança de Iahweh contra a Babilônia por ter derrubado os filhos de Israel e de toda terra (cf. Jr 51,47) e tê-los deixados expostos em praça pública, o v.24 encontra paralelos em outras diversas passagens do Apocalipse joanino (cf. Ap 6,9-11; 13,7; 17,6; entre outros). Os dois grupos de maior destaque προφητῶν (profetas) e ἁγίων (santos) ganham a companhia de um terceiro, bastante abrangente πάντων τῶν ἐσφαγμένων ἐπὶ τῆς γῆς (todos aqueles que foram mortos sobre a terra) que parece incluir não somente os cristãos, mas todos aqueles que foram mortos pelo império. Duas opções gramaticais adotadas pelo autor destacam a importância que vida de cada mulher e de cada homem tem para Deus. Este versículo sugere a criação de um ambiente de excepcionalidade onde ocorre um julgamento a parte pela gravidade dos crimes. Em primeiro lugar, a conjunção subordinada ὅτι (porque) que inicia as demais orações de juízo, aqui é omitida. E, também, o texto dos versículos 22 e 23, narrados na segunda pessoa, aqui voltam para terceira pessoa. O contraste estabelecido apresenta um Deus que zela por sua criação, sejam eles santos, profetas, crentes ou mesmo descrentes. Ao mesmo tempo, o império romano, habituado a conquistas e domínio, a posse de escravos, a desvalorização e opressão da mão de obra, a perseguição e morte daqueles que se opõem, entre outros, entende a vida como como uma

¹⁷⁸ OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 736.

ferramenta destinada a manutenção do seu bem-estar e luxo desenfreado¹⁷⁹. Mas é chegado o momento em que os assassínios da grande cidade encontrarão justiça e ela, que destrói a terra, agora será destruída.

Evidentemente que estas passagens não conformam uma proibição aos cristãos que desenvolvem algum tipo de atividade comercial em Roma ou em algum lugar do vasto império, o próprio texto demonstra que muitos deles eram abastados e poderosos (cf. Ap 3,17). Aqueles que são de Cristo e tem suas fortunas a partir da relação com Roma ou mesmo aqueles que tiram da cidade seu sustento diário não podem compactuar com os seus pecados, não devem beber do vinho de sua taça de ouro. João quer alertar estes cristãos para que eles não se percam em meio a um sistema comercial cada vez mais submisso ao culto imperial e ouçam a voz vinda do céu. Mesmo que a recusa lhes custe a própria vida (cf. Ap 6,9-11; 20,4). O juízo divino é irrevogável, todos aqueles que se embriagam com o vinho da imoralidade fatalmente terão beber do vinho da ira de Deus.

3.3.2.3 A destruição da Babilônia

Uma vez anunciada a sentença da Babilônia/Roma e descritos seus crimes, o autor passa a narrar sua destruição. O relato tem início no v.21 com o seu afogamento no mar, local de turbulência e instabilidade em que ela será destruída. Mas não somente ela será destruída. O sistema imperial idólatra é duramente golpeado quando o anjo faz desaparecer elementos fundamentais da vida social e familiar para não *não* mais serem encontrados. Esse é o momento em que Deus faz justiça a todos aqueles que tem seu sangue derramado pela terra por manter sua fé no Deus único.

²¹ E ergueu um anjo forte [uma] pedra como [um] moinho grande e jogou em direção ao mar dizendo: Assim, com violência, será lançada Babilônia a grande cidade E não não deverá ser encontrada em ti mais.

¹⁷⁹ ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel D. *O Apocalipse. A força da esperança. Estudo, leitura e comentários*. p 244-245.

²² E o som dos citaristas e dos músicos e dos flautistas e dos trombetistas não *não será* ouvido em ti mais. E todo artífice de toda arte não *não será* encontrado em ti mais. E o som de moinho não *não será* ouvido em ti mais.

²³ E a luz de candelabro não *aparecerá* em ti mais. E a voz de noivo e noiva não *não será* ouvida em ti mais. Porque os teus comerciantes eram os grandes da terra. Porque na tua feitiçaria foram seduzidos todos os povos.

²⁴ E nela Sangue dos profetas e santos foi encontrado. E todos aqueles que foram mortos sobre a terra.

3.3.2.3.1 Um anjo forte

O v.21 abre uma importante etapa do capítulo 18 e do restante do livro, a iminência da realização do plano Deus com a destruição da Babilônia. Na passagem que possivelmente inspirou o autor, o mensageiro proclama a destruição da Babilônia escrita em um rolo por Jeremias, ao final amarra o rolo numa pedra e o atira no rio Eufrates para que afunde, assim como também irá acontecer com a cidade (cf. Jr. 51,64). Não obstante, esta passagem também apresenta ecos do evangelho de Marcos quando este fala sobre a pedra de moinho, tão grande que precisa ser movida por jumentos (cf. Mc 9,42). Esta pedra será presa ao pescoço de todo aquele que escandalizar os pequenos de Deus e será lançada ao mar.

Presente em momentos solenes, a imagem do ἄγγελος ἰσχυρὸς (anjo forte) é utilizada pela terceira vez. Se nas aparições anteriores ele é o anunciador e portador do livro contendo a sentença, agora ele é o responsável por executá-la (cf. Ap 5,2; 10,1s). A tarefa não é simples, a começar pela λίθον ὡς μύλινον μέγαν (pedra como [um] moinho grande). Muito além daquilo que as mulheres podiam movimentar em sua lida diária, seu tamanho e peso exigiam que o trabalho fosse realizado por um jumento, como referenciado no evangelho marcano já citado.

João é fiel ao seu texto e, ainda que inspirado por outros autores sagrados, relata o cumprimento da sentença imposta a Babilônia com seus traços e tons característicos. Com isso, βληθήσεται Βαβυλὼν ἡ μεγάλη πόλις

(será lançada Babilônia a grande cidade) para afundar no mar e não mais no rio Eufrates. Como já descrito anteriormente, o mar é símbolo de instabilidade e problemas, representa as forças do mal, exatamente o mesmo ambiente em que surge a primeira Besta (cf. Ap 13,1) e que representa todos os seus súditos. Da mesma forma, o anjo age ὀρμήματι (com violência), num movimento rápido e repentino que culminará com a destruição definitiva da cidade, como informa a frase final do versículo e os dois seguintes¹⁸⁰. Ao lançar a pedra moinho amarrada ao pescoço da grande cidade, responsável por escandalizar e fazer cair os pequenos, o anjo cumpre a sentença de Deus. A presença neste versículo das palavras ἤρην (ergueu) e ἔβαλεν (lançou) no tempo passado e de βληθήσεται (será lançada) no futuro só podem ser harmonizada quando considerado que a determinação divina é definitiva, a tal ponto de ser considerada como consumada¹⁸¹.

A ação violenta do anjo põe fim na grande cidade e toda a influência nefasta exercida sobre o comércio, política e religião. Faz afundar seu sistema opressor e idólatra. O juízo de Deus contra o império se cumpre, todo luxo e poder que tanto orgulhavam a Grande Prostituta não foram suficientes para deter o anjo forte em sua missão.

3.3.2.3.2 Nem tudo é condenável na grande cidade

Em meio a tantas condenações e destruição, anjos proclamando a justiça de Deus, João deixa de lado o tom agressivo e discriminatório usado até então para salientar, possivelmente até lamentar, as diversas coisas boas que a grande cidade possui e serão destruídas. Durante os versículos 22 e 23a, João tira o acento da sua voz e com ares de poesia enumera facetas ternas e acolhedoras que a vida comunitária e particular dos cidadãos tem¹⁸².

Os elementos culturais são os primeiros a serem mencionados. O autor começa falando das músicas e seus intérpretes, citaristas, flautistas,

¹⁸⁰ PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p 518.

¹⁸¹ OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 734.

¹⁸² PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. p 518.

trombetistas e demais músicos, responsáveis por alegrar as comemorações, tanto públicas quanto as domésticas. Em seguida são citados os artífices de todas as artes. Aqui são incluídos artesãos, carpinteiros, escultores, entre outros, cabendo destaque especial para os atores de teatro, responsáveis por encenar peças cômicas e trágicas, dois gêneros especialmente admirados pelos romanos. O som moinho é rico em referências, ele lembra o artesão que trabalhou na sua construção; remete a ocupação doméstica de moer os diversos grãos, trabalho normalmente realizado pelas mulheres; e, como não poderia deixar de ser, lembra também da produção do pão que alimentava os habitantes da grande cidade. Grande parcela do trabalho necessário para produzir pão é realizado na madrugada, a iluminação artificial que permitia essa atividade era feita por candelabros. Era também o candelabro responsável pela iluminação doméstica, necessária as atividades e reunião familiar noturna¹⁸³. Decerto a reflexão joanina sobre a luz do candelabro não pretende fazer referência a iluminação pública utilizada para as festas realizadas pelo império, sempre regada a muita bebida e onde a devassidão e as orgias sexuais, que atravessavam a noite e a madrugada, ditando o ritmo¹⁸⁴. Por fim, a intimidade pessoal é representa através da voz do noivo e da noiva. Uma menção direta a vida em família e a renovação que um casamento com filhos representa para a sociedade como um todo.

É possível que João tenha pretendido aqui criar um modelo rico em amenidades que possa servir de contraponto a toda feitiçaria idolatra e ânsia comercial que os grandes mercadores da terra representam. Mas, infelizmente são poucas flores em meio a um campo cultivado de injustiças e iniquidades. A destruição da grande cidade é certa e resta somente a João endossar o convite feito pelo anjo a todos aqueles que podem ouvir a voz vinda do céu, “Sai dela, ó meu povo” (cf. Ap18,4), enquanto ainda há tempo.

¹⁸³ CASALEGNO, Alberto. *E o Cordeiro os vencerá (Ap 17,14). Uma leitura exegético-teológico do livro do Apocalipse*. p 183.

¹⁸⁴ ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel D. *O Apocalipse. A força da esperança. Estudo, leitura e comentários*. p 242.

3.3.2.3.3 Não Não mais em ti

Após o violento lançamento da pedra moinho que afunda e leva amarrada para as profundezas do mar a Babilônia, o autor utiliza a expressão καὶ οὐ μὴ εὕρεθῃ ἔτι (e não *não* deverá ser encontrada mais). O uso seguido das partículas negativas οὐ μὴ (não *não*) tem um efeito retórico que visa enfatizar e, ao mesmo tempo, informar que a ação desenvolvida é definitiva e jamais voltará a ocorrer. A repetição do modelo criado nas cinco frases seguintes, que compreendem os versículos 22 e 23b, é outro efeito retórico bastante comum utilizado em textos antigos, não somente os bíblicos, para auxiliar na memorização do conteúdo¹⁸⁵.

A estrutura formada pode ser comparada com uma lista, como a que relaciona os produtos luxuosos comercializados por Roma (cf. Ap 18,12s). O paralelo entre estas listas é ainda mais estreito quando constatado que lá também ocorre o uso das partículas negativas οὐ μὴ para informar que as λιπαρὰ (coisas luxuosas) e λαμπρὰ (esplendidas) não *não* mais serão encontradas (cf. Ap 18,14). Entretanto, ainda que nada vá permanecer, importa observar que, além do tom ameno utilizado aqui pelo autor, bastante diferente da primeira lista, a relação elaborada agora evoca elementos da vida urbana comum, sóbria e despojada¹⁸⁶.

Cada uma das frases pode ser tomada como representante de um determinado grupo de atividades cotidianas, tratadas de maneira específica pelo autor. João continua fiel ao seu estilo, ele toma para si os escritos dos profetas como fonte de inspiração e o reescreve as atividades regulares à luz da realidade idolatra imposta pelo império romano.

Os primeiros a comporem esta lista são os μουσικῶν (músicos), representados pelos κιθαρῳδῶν (citaristas), αὐλητῶν (flautistas) e σαλπιστῶν (trombetistas). O trecho é construído a partir de duas passagens do AT, Isaías que lamenta o silêncio dos tambores, das pessoas e das alegres cítaras na

¹⁸⁵ Este efeito era habitualmente utilizado pela tradição oral que, devido às limitações para os registros escritos, utilizava estruturas capazes de preservar na memória o conteúdo da mensagem. Fonte: anotações de aula.

¹⁸⁶ PRIGENT. Pierre. *O Apocalipse de São João*. p 519.

cidade destruída pelo julgamento de lahweh (cf. Is 24,8) e o fim dos cantos e as cítaras emudecidas descritas por Ezequiel (cf. Ez 26,13). Os músicos em sua atividade são responsáveis por levar alegria as festas e cerimônias tornando a vida mais alegre¹⁸⁷. Entretanto, a partir do aspecto econômico que o profissional demanda, elas se tornam frequentes nas classes ricas e aliadas ao sistema imperial.

Logo em seguida é relacionado o τεχνίτης πάσης τέχνης (artífice de toda arte). Aqui estão inclusos os profissionais das mais variadas áreas de atuação destinados a suprir a necessidade de serviços artesanais dos moradores da cidade: pequenos mercadores, artesãos, padeiros, tecelões, oleiros, padeiros, entre outros. João traça um paralelo conceitual em que vincula a forma como as cidades eram divididas, sendo cada parte era controlada por uma associação de profissionais (cf. Ap 2,18-29)¹⁸⁸, com sua importância para o sistema estabelecido. Remover os artífices, importante peça desta engrenagem, causaria um colapso na organização e, certamente, seu desolamento.

O silêncio do φωνή μύλου (som do moinho) é outro duro golpe no modelo de vida instituído pela grande cidade. Inspirado no oráculo de lahweh contra a Babilônia, Jeremias avisa que o barulho do moinho irá cessar (cf. Jr 25,10). Em outro paralelo conceitual o autor interfere em uma atividade sensível da cidade, seja do ponto de vista econômico ou mesmo familiar. A análise pode ser realizada a partir da ótica familiar, em que a atividade feminina era responsável por moer os grãos (cf. Mt 24,41) destinados a alimentação e preparo do pão domésticos. Entretanto, considerando a atenção que os demais versículos deste capítulo dedicam ao aspecto econômico e seu efeito maldito, é provável que o autor tivesse em mente o impacto que o desaparecimento de um grande moinho teria para as finanças do império¹⁸⁹, além dos seus desdobramentos. Sem os

¹⁸⁷ OSBORNE, Grant. *Apocalypse: Comentário exegético*, p 735-736.

¹⁸⁸ A cidade de Tiatira foi fundada como um posto militar no século 3 a.C., sua posição estratégica fez dela alvo de diversas invasões e ataques. A situação só ganhou estabilidade com o domínio romano por volta de 190 a.C. que instalou ali uma guarnição dos seus exércitos. Muito bem localizada nas rotas comerciais, duas características destacavam a cidade, o vigoroso comércio de produtos manufaturados e as associações de profissionais que controlavam e dividiam a cidade. Movidas pela devoção ao deus padroeiro de cada profissão, essas associações tinham grande influência sobre a vida religiosa e pressionavam os cristãos a participarem dos cultos e festas idolatras. OSBORNE, Grant. *Apocalypse: Comentário exegético*, p. 167-168.

¹⁸⁹ OSBORNE, Grant. *Apocalypse: Comentário exegético*, p 736.

moinhos, as produções de grãos destinadas a alimentação dos cidadãos não poderiam ser moídos, resultado: fome, a desordem, revolta, enfim, a calamidade pública.

Os três casos acima analisados interferem diretamente na rotina da grande cidade. É uma crítica coletiva desenvolvida a partir da remoção dos dois grupos de profissionais - músicos e artesãos - e do moinho. A ausência destas peças, que não mais seriam supridas, causaria interrupção de atividades essenciais a cadeia produtiva, levando a sociedade e a economia romana ao colapso. A escassez e a fome rapidamente assolaria a população menos favorecida e, não muito mais tarde, atingiria os poderosos. Por fim, a Grande Prostituta, acostumada a abundância e ostentação, estaria diante da escassez e da miséria, como prometeu a palavra do anjo “pagai-lhe em dobro, conforme suas obras” (cf. Ap 18,6).

As frases anteriores destacam nuances da sociedade romana demonstrando o ajuste fino que fez dela a vitrine do mundo. Em contrapartida, expõe toda sua fragilidade. Já a próxima frase analisada traz a imagem da φως λύχνου (luz do candelabro) e muda a direção das críticas joaninas. A partir de agora a crítica é individual, dirigida a cada mulher e homem dentro do seu contexto familiar, local onde o candelabro ilumina¹⁹⁰. A cena utilizada tem origem no livro do profeta Jeremias quando Iahweh castiga a Babilônia apagando a luz do candelabro que jamais voltará a brilhar (cf. Jr 25,10). O decreto de Deus é definitivo, da mesma forma que a Babilônia, Roma não mais verá a luz do candelabro.

Para encerrar a lista, será calada a φωνὴ νυμφίου καὶ νύμφης (voz do noivo e da noiva). A celebração de um casamento era um dos eventos mais alegres e festejados daquela época, apagar esta alegria é uma ação muito dura. A imagem também tem seu paralelo no castigo imposto por Deus a Babilônia narrado por Jeremias (cf. Jr 25,10). Aqui ocorre mais um dos vários contrastes apresentados pelo autor ao longo do seu escrito, Roma jamais voltará a presenciar um casamento, a voz do noivo e da noiva não será ouvida

¹⁹⁰ As ruas e vias públicas eram mantidas iluminadas por tochas garantindo tráfego dos grupos de viajantes. OSBORNE, Grant. *Apocalipse: Comentário exegético*, p 736.

novamente¹⁹¹. Ao passo que, em muito breve, a Mulher Envolvida de Sol será desposada pelo Cordeiro (cf. Ap. 21,9).

João condena a sociedade e o sistema corruptos e idolatras sobre os quais se sustenta o império romano. Sua ganância e empenho para se manter no poder é simultaneamente a razão do seu sucesso e a fonte de sua própria destruição. Os três primeiros grupos ou frases demonstram isso. Mas o sistema não é autônomo, ao contrário, ele é alimentado por mulheres e homens seduzidos pelo luxo, pelo poder e pelas oportunidades. A destruição não cairá somente sobre a cidade, não será somente o sistema penalizado por seus erros. Cada profissão mencionada é exercida por uma pessoa, o moinho é construído e manuseado por alguém. A destruição anunciada destruirá a cidade, mas também cairá sobre cada mulher e cada homem que participa dos pecados da meretriz.

Estes versículos tornam evidente o posicionamento do autor ante a vida cotidiana da grande cidade. Ele é solidário, entende as muitas coisas boas presentes, conhece as pessoas e sua fragilidade diante do poder da Grande Prostituta. Seu feitiço, o luxo desenfreado que ela ostenta e as oportunidades oferecidas pelo sistema são sedutores e corrompem. A ruína de Roma e de todos que ficarem nela é inevitável.

¹⁹¹ OSBORNE, Grant. *Apocalypse: Comentário exegético*, p 736.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminada a elaboração dos três capítulos que compõem este estudo sobre os contrastes existentes entre a Mulher Envolvida de Sol e a Grande Prostituta, é inevitável redigir as considerações finais em duas direções que não se excluem, ao contrário, são complementares.

A primeira delas estabelece que as diferenças existentes entre estas duas personagens são imensas e irreconciliáveis. A segunda é a constatação lamentável de que a realidade atual tenha assumido uma forma mais velada e disfarçada, sem que quase nada tenha mudado efetivamente desde que João escreveu seu livro.

A lista dos contrastes existentes entre ambas as mulheres não é pequena. Elas tratam, desde pequenos detalhes, como as vestes; até dados importantes, como a realeza pretendida e a conquistada. A comparação a seguir destaca os pontos mais importantes elencados neste estudo.

A Mulher Envolvida de Sol é apresentada como um sinal, pois remete a algo muito maior que ela. Quando os olhares se voltam para sua imagem no céu, ela está apontando para um Alguém superior. Essa leitura cristológica pode ser aplicada tanto à igreja edificada quanto a Maria, afinal ambas encaminham os fiéis a Cristo e, através Dele, ao Pai. De maneira oposta, a Grande Prostitua é apresentada sob o estigma do mistério, que também gera espanto e admiração. Ela representa as forças do mal no decorrer da história, bem como seu poder de atração, que seduz mulheres e homens com suas ofertas. Entretanto, o correto entendimento da sua identidade deve colocar cada peça no seu devido lugar, transformando a atração em aversão. A primeira é vista no céu, ambiente reservado a Deus e aos seus anjos. A segunda é apresentada sobre as águas, elemento que representa a instabilidade e as dificuldades.

Os trajes e adornos que cada uma ostenta demonstram tanto a origem quanto o destino das duas mulheres. A Mulher Envolvida de Sol tem – nas vestes brilhantes, comparáveis ao brilho das aparições de Deus; nas 12 estrelas que a coroam e na lua sob seus pés – uma demonstração dos atributos divinos que a cercam. Sua caminhada terrena inclui sofrimento (cf. Ap. 12,2), indicando que ela avança a cada dia em direção à plenitude com Deus. Estabelecida pelo Cristo, ela é a representante terrena da aliança entre a mulher/homem o seu

Criador. A Grande Prostituta, por outro lado, veste as roupas mais caras que o dinheiro pode comprar, as joias e pedras preciosas de maior valor; todos conquistados através da sua imoralidade. Ela se sente como uma rainha que jamais será acometida pela tristeza. Tal qual sua imagem mundana, seu ofício é levar a mulher/homem aos falsos deuses que ela adora.

Até mesmo o deserto tem sentidos diferentes para cada uma delas. A Mulher Envolvida de Sol é vista no céu como divina, entretanto, seu lugar habitual se torna o deserto, descrito de forma positiva como lugar de provação que leva, ao final, ao encontro com Deus. Já a Grande Prostituta, inicialmente, assentada sobre a Besta às margens das águas copiosas, lugar de turbulência para o povo da bíblia. Sua estadia no deserto tem sentido negativo, para ela este é um lugar de desolação, abandono e sem vida, tal qual a morada de demônios (cf. Is 13,21; Tb 8,3) que ela em breve se tornará.

Inimiga de Satanás, a Mulher Envolvida de Sol é perseguida, mas recebe da providência divina as asas da grande águia, a fim de poder voar para o deserto e chegar a um lugar preparado por Deus, de modo que se salva e fica protegida da face do seu perseguidor. Em outro momento, ela é socorrida pela terra, que engole o rio de água vomitado pelo Dragão e a salva das turbulências.

Situação diferente ocorre com a Grande Prostituta, amiga da Besta e serviçal do Dragão, que sempre viveu em meio ao luxo e à prostituição. Ao primeiro sinal de dificuldade, ela é atacada e destruída pelo próprio sistema. Abandonada e despojada de seus bens, é totalmente aniquilada. Este comportamento assassino contra a Grande Prostituta só torna evidente a cólera que Satanás nutre contra seus seguidores, pois seu objetivo é usar, impor sofrimento, torturar e, por fim, destruir. Os parceiros de prostituição da mulher – mercadores, navegantes e reis da terra – observam seu desterro a uma distância segura, sem se envolver, e não lamentam a destruição; antes eles lamentam a perda de seus benefícios comerciais. Da mesma forma que ocorreu com a queda da Babilônia e Tiro, terão de procurar uma nova cúmplice para suas imoralidades.

Se os contrastes verificados entre as duas mulheres não são poucos, os desdobramentos e questionamentos para a vida da mulher/homem contemporâneo não poderiam ser diferentes.

João evita nominar as personagens e, quando o faz, dá nome simbólico. Isso acaba fazendo com que cada um de nós, mulheres e homens, sejamos um pouco a Mulher Envolvida de Sol e, simultaneamente, a Grande Prostituta. Em um momento, nossa fidelidade a Deus, a confiança em seu projeto e sua proteção nos envolve de sol; estamos pisando sobre a lua e coroados com 12 estrelas. Contudo, logo em seguida, a fragilidade nos alcança e ficamos amedrontados pelos sentimentos, assentados junto às águas turbulentas; impotentes diante da instabilidade, sempre à espreita. Somos a esposa amada e infiel de Javé. A perfeita metáfora do comportamento humano.

O mergulho em um universo distante 20 séculos no tempo realçou inúmeras mazelas que podiam afligir comunidades joaninas da Asia Menor, identificar algumas das dificuldades que assolavam o cristianismo nascente e constatar o valor nulo que a vida humana tinha diante do sistema. Entretanto, digno de admiração é notar que, apesar da roupagem típica de cada período histórico, a humanidade continua sofrendo atualmente com os mesmos problemas. Se, por um lado, a mulher e o homem têm mais informações e oportunidade de entender os mecanismos que os envolvem e domina, por outro o sistema também encontrou formas alternativas para manter seu controle. Os grandes impérios da terra, atualmente batizados de potências mundiais, continuam seu processo de imposição cultural, social e comercial. A opressão imperial continua tão viva quanto no século I da era cristã.

O comércio tão poderoso da grande cidade mudou de endereço e atualmente ocupa os maiores centros comerciais das grandes metrópoles. Esses locais estão com as portas abertas exclusivamente para os abastados, camada social com capacidade financeira para comprar produtos ali comercializados e, assim, dar continuidade ao luxo desenfreado praticado pela Grande Prostituta. Do outro lado desta realidade, a maioria da população sequer consegue se alimentar adequadamente todos os dias ou mesmo ter um local descente para abrigar suas famílias. Os produtos valiosos são outros, os poderosos também são outros, mas tudo ainda segue a mesma lógica excludente dos tempos de João. A mão de obra escrava continua sendo usada para a fabricação dos produtos de luxo ao menor custo possível, a exploração dos pequenos comerciantes e produtores do campo ainda segue o manual romano de controle

social. Quem trabalha mais e produz mais tem pouco ou quase nada para sua sobrevivência.

A idolatria também mudou de nome, de forma e se multiplicou. Na época do Apocalipse, a imposição de costumes, crenças e adoção do culto ao imperador como requisito para realizar negócios em qualquer parte do imenso império era um problema bem definido e visível aos olhos dos cristãos. Nos dias atuais, a quantidade de falsos deuses misturados à sociedade confunde a visão e, muitas vezes, os fiéis são arrastados em meio aos pecados da Babilônia. Se o César romano exigia ser adorado como deus, hoje, diversos produtos ou artistas e status de vida são tão desejados que atingem esse patamar de devoção. Um bom exemplo disso é a marca de smartphones¹⁹² mais vendida do mundo. Possuir um aparelho desta marca é estar inserido em um grupo social e ser aceito por ele. Sua eficiente campanha de marketing cria em seus clientes a necessidade de seguir tendência e adquirir o aparelho mais recente apresentado a cada ano. Seu preço exorbitante é maior do que o valor que grande parcela da sociedade tem disponível para se alimentar durante um ano inteiro. O lançamento de um novo modelo toma de ansiedade muitas pessoas. Em outro exemplo, é fácil perceber o impacto das redes sociais na vida cotidiana; as pessoas se tornam escravas, dependentes da falsa sensação de interação promovida. Além disso, uma ferramenta que deveria aproximar as pessoas dividiu famílias em seus momentos domésticos, oferecendo espaço suficiente para mentiras, difamação e desrespeito. Além disso, proporciona o anonimato necessário para ações desumanas e agressões de todos os tipos. A corrupção moral oferece, assim, uma longa lista de atos.

Estes exemplos demonstram que a idolatria toma forma quando o desejo de participar de uma celebração eucarística é pequeno diante da ansiedade por um novo aparelho ou da fascinação por um artista. Essa premissa também é válida para quando o tempo reservado à convivência em família é menor que aquele gasto nas redes sociais; quando o valor das pessoas é medido a partir dos equipamentos que elas carregam e de suas posses. Estes pequenos detalhes ganham importância por demonstrarem que a mulher e homem do

¹⁹² A opção pelo exemplo do smartphone é aleatória. A lista de produtos que ocupam este espaço na vida das pessoas é grande.

século 21 não somente são coniventes com as investidas do Dragão, mas aderem de maneira voluntária.

Apesar disso, a denúncia joanina é consideravelmente objetiva, desde os tempos passados: o centro do mundo não é mais a mulher e o homem, e sim a idolatria e economia acompanhadas de todas as ilusões que elas podem proporcionar. Nesta perspectiva, sob os cuidados de um deus raivoso, ter é mais importante do que ser, ou seja, importa acumular e jamais partilhar. Qualquer tipo de barbárie é aceitável, inclusive, ou talvez principalmente, dispor dos semelhantes.

Decerto o trabalho dá a cada pessoa o direito de gastar seus recebimentos da forma que melhor lhe aprouver. Da mesma maneira, cada pessoa é livre para escolher o produto que melhor caiba no seu bolso ou o artista que o encanta. Entretanto, interessa avaliar e considerar a necessidade da maioria da população e a diferença que uma pequena doação poderia fazer. Importa também comparar o espaço que o deus smartphone, exemplo dado anteriormente, ocupa; e analisar a importância que cada usuário do equipamento tem para estes pretensos deuses. É válido destacar que não se trata de ignorar as melhores marcas do mercado, tampouco a tecnologia e facilidades disponíveis; não se trata de se isolar do mundo ou deixar de admirar o talento que muitos têm. Trata-se da forma com que cada pessoa se relaciona com esta realidade, o quanto esta realidade leva ao crescimento espiritual e a realização pessoal. Ao menor sinal de dependência ou controle, é melhor ouvir a voz do anjo e sair dessa realidade (cf. Ap 18,4).

A destruição da Grande Prostitua ocorre quando ela é lançada ao mar. A governante dos povos do mundo, assentada sobre muitas águas, encontra-se exatamente nas águas sua destruição. João demonstra com clareza o valor que cada uma das peças tem para a Besta. Esse preço está ligado a sua utilidade momentânea, a tudo que tem para oferecer, e quando estão esgotadas são substituídas. É um sistema que encontra coesão no ódio que a besta sente pela mulher e pelo homem, imagens de Deus. Se a humanidade sofre, Aquele que a criou sofre também. Esta é uma existência muito diferente da realidade que circunda a Mulher Envolvida de Sol, bem como de todos aqueles amam a Deus e seguem os ensinamentos do seu Cristo. Eles encontram socorro, recebem

ajuda em seus momentos de dificuldade, têm sempre um abrigo preparado por Deus, onde são alimentados.

Dentre os diversos assuntos abordados, este certamente é o maior dos contrastes existente entre estas duas personagens e um dos grandes ensinamentos do Apocalipse de João. A Mulher Envolvida de Sol é guardada e preservada por Deus. Em contrapartida, a Grande Prostituta é destruída.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. L. de. Apocalipse de João como chave de leitura da realidade. *In*: GRENZER, M.; IWASHITA, P. K. (org.). Teologia e Cultura. A fé cristã no mundo. São Paulo: Paulinas, 2012.

ARENS, E.; MATEOS, M. D. O Apocalipse, a força da Esperança. Estudo, Leitura e comentário. São Paulo: Edições Loyolas, 2004.

BARRERA, J. T. A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1995.

BEALE, G. K. O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e suas implicações hermenêuticas. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

BLOMBERG, C. L. Introdução de Atos a Apocalipse. Uma pesquisa abrangente de Pentecostes a Patmos. São Paulo: Edições Vida Nova, 2019.

BRENNER, A. A mulher israelita. Papel Social e modelo literário na narrativa bíblica. São Paulo: Paulinas, 2001.

CARSON, D. A. Os perigos da interpretação bíblica. A exegese e suas falácias. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

CASALEGNO, A. E o Cordeiro os vencerá (Ap 17,14). Uma leitura exegético-teológico do livro do Apocalipse. São Paulo: Edições Loyolas, 2017.

CHARLIER, J. P. Compreender el Apocalipsis. v. I e II. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 1993.

COLLINS, J. J. A imaginação apocalíptica. Uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 2010.

DOGLIO, C. Literatura joanina. Petrópolis: Vozes, 2018.

EGGER, W. Metodologia do novo Testamento. Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. 3. ed. São Paulo: Edições Loyolas, 2015.

FITZMYER, J. A. A interpretação das Escrituras. Em defesa do método histórico-crítico. São Paulo: Edições Loyolas, 2011.

ORMAN, M. J. Introdução à exegese bíblica. Rio de Janeiro: Thomas Edson Brasil, 2017.

KEENER, C. S. Comentário histórico-cultural da bíblia. Novo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2017.

KLEIN, W. W.; HUBBARD JR., R. L.; BLOMBERG, C. L. Introdução à interpretação bíblica. Rio de Janeiro: Thomas Edson Brasil, 2017.

LIMA, M. L. C. Exegese Bíblica. Teoria e Prática. São Paulo: Paulinas, 2017.

MURACHCO, H. Língua Grega. Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional. v. I. Teoria. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

NESTLE-ALAND. Novum testamentum graece. Edição com margens. Introdução em português. 28. ed. Revisada. Stuttgart: Bibelgesellschaft, 2012.

OLIVEIRA, R. P. de. Apocalipse sem Judaísmo. Disponível em: https://www.academia.edu/9607218/APOCALIPSE_SEM_JUDAISMO-2012?email_work_card=view-paper. Acesso em 25 nov. 2020.

OMANSON, R. L. Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

OSBORNE, G. R. Apocalipse: Comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014.

OSBORNE, G. R. A Espiral Hermenêutica. Uma nova abordagem a interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PRIOTTO, M. Introdução geral às Escrituras. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

PRINGENT, P. O Apocalipse. São Paulo: Edições Loyolas, 2002.

OSBORNE, G. R. O Apocalipse de São João. São Paulo: Edições Loyolas, 2020.

PROENÇA, E. (org.). Apócrifos e Pseudo-epígrafos da bíblia. São Paulo: Templus Editorial, 2005.

REGA, L. S.; BERGMANN, J. Noções do grego bíblico. Gramática fundamental. 3. ed. Edição Revisada. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

ROBERTS, N. As prostitutas na história. Rio de Janeiro: Record Rosa dos Tempos, 1998.

ROWLEY, H. H. A importância da literatura apocalíptica. São Paulo: Paulinas, 1980.

STENGER, W. Los Métodos de La Exégesis Bíblica. Barcelona: Editorial Herder, 1990.

SCHNELLE, U. Introdução à exegese do novo testamento. 5. ed. São Paulo: Edições Loyolas, 2004.

SCOTT JR., J J. Origens judaicas do novo testamento. Um estudo do judaísmo intertestamentário. São Paulo: Shedd Publicações, 2017.

STEFANOVIC, R. Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation. Berrien Springs: Andrews University Press, 2002.

SILVA, C. M. D. da. (com a colaboração de especialistas). Metodologia de exegese bíblica. São Paulo: Paulinas, 2018.

SIMIAN-YOFRE, H. (org.). Metodologia do Antigo Testamento. São Paulo: Edições Loyolas, 2015.

SOUZA, N. de. História da igreja. Notas introdutórias. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

VANNI, U. Apocalipsis. Culmen de la revelación. Bilbao: Ediciones Mensajero, 2011.

VANNI, U. L'Apocalisse. Ermeneutica, esegesi, teologia. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 1997.

Léxicos e dicionários

GINGRINCH, F. W. Léxico do novo testamento. Grego/Português. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.

MURACHCO, H. Língua Grega. Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional. v I. Teoria. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

RUSCONI, C. Dicionário do grego do novo testamento. São Paulo: Paulus, 2003.

Artigos acadêmicos

BARR, D. L. The Apocalypse of John as Oral Enactment. Interpretation. 1986;40(3):243-256. doi:10.1177/002096438604000303. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002096438604000303>. Acesso em 13 mar. 2021.

CARVALHO, J. C. A mulher hebraica do Apocalipse. doi10.34632/humanisticaeteologia.2005.26.1. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/2927/1/A%20mulher%20hebraica%20do%20Apocalipse.pdf>. Acesso em 10 mar. 2020

Teses e dissertações acadêmicas

SILVA, C. S. Apocalipse 12: uma leitura paradigmática do peregrinar Cristão. 256f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://www.faculdadejesuita.edu.br/teses-teologia-227/apocalipse-12-uma-leitura-paradigmatica-do-peregrinar-cristao-14062018-093902>. Acesso em 2 jun. 2020.

Documentos do Magistério

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. A interpretação da bíblia na igreja. Roma, 1993. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html#top. Acesso em 20 nov. 2019.

Software para análise bíblica

Bible Hub - www.biblehub.com/

Bible Work - www.bibleworks.com/

APÊNDICE – ANÁLISE MORFOLÓGICA

Forma original	Classe gramatical	Categoria	Flexão verbal				Flexão nominal				Forma léxica	Tradução
			Modo	Aspecto	Tempo	Voz	Pessoa	Gênero	Caso	Número		
ἐξήκοντα	adjetivo	cardinal						feminino	acusativo	plural	ἐξήκοντα	sessenta
ποιῆσαι	verbo	transitivo	infinitivo	aoristo		ativa					ποιέω	fazer
στόμα	substantivo	comum						neutro	acusativo	singular	στόμα	boca
ἄετοῦ	substantivo	comum						masculino	genitivo	singular	ἄετός	águia
αἱ	artigo	definido						feminino	nominativo	plural	οἱ	as
ἄλλο	adjetivo	indefinido						neutro	nominativo	singular	ἄλλος	outro
ἀπῆλθεν	verbo	intransitivo	indicativo	aoristo		ativa	3a S				ἀπέρχομαι	saiu
ἀπὸ	preposição	regência genitiva									ἀπὸ	a partir de
ἄρσεν	adjetivo	comum						neutro	acusativo	singular	ἄρσιν	menino
ἄρσενά	adjetivo							masculino	acusativo	singular	ἄρσιν	varão
ἀστέρων	substantivo	comum						masculino	genitivo	plural	ἀστήρ	estrelas
αὐτήν	pronome	peçoal						feminino	acusativo	singular	αὐτός	ela
αὐτῆς	pronome	peçoal						feminino	genitivo	singular	αὐτός	dela
αὐτοῦ	pronome	peçoal						masculino	genitivo	singular	αὐτός	dele
αὐτοῦς	pronome	peçoal						masculino	acusativo	plural	αὐτός	as
βασανιζομένη	verbo	intransitivo	particípio	imperfeito	presente	média		feminino	nominativo	singular	βασανίζω	atormetada
γαστήρ	substantivo	comum						feminino	dativo	singular	γαστήρ	ventre
γῆ	substantivo	comum						feminino	nominativo	singular	γῆ	terra
γῆν	substantivo	comum						feminino	acusativo	singular	γῆ	terra
γυναῖκα	substantivo	comum						feminino	acusativo	singular	γυνή	mulher
γυναικί	substantivo	comum						feminino	dativo	singular	γυνή	mulher
γυναικός	substantivo	comum						feminino	genitivo	singular	γυνή	mulher
γυνή	substantivo	comum						feminino	nominativo	singular	γυνή	mulher
δέκα	adjetivo	numeral						neutro	acusativo	plural	δέκα	dez
διαδήματα	substantivo	comum						neutro	acusativo	plural	διάδημα	diademas
διακοσίας	adjetivo	cardinal						feminino	acusativo	plural	διακόσιοι	duzentos
δράκων	substantivo	comum						masculino	nominativo	singular	δράκων	dragão
δύο	adjetivo	cardinal						feminino	nominativo	plural	δύο	duas
δώδεκα	adjetivo	numeral cardinal									δώδεκα	doze
ἔβαλεν	verbo	transitivo	indicativo	aoristo		ativa	3aS				βάλλω	lançou
ἐβλήθη	verbo		indicativo	aoristo		passiva	3a S				βάλλω	lançado
ἐβοήθησεν	verbo	transitivo	indicativo	aoristo		ativa	3a S				βοηθέω	ajudou

ἐδίδωξεν	verbo		indicativo	aoristo		ativa	3a S				διδώκω	perseguiu
ἐδόθησαν	verbo	transitivo	indicativo	aoristo		passiva	3a P				δίδωμι	foram dadas
ἔθνη	substantivo	comum						neutro	acusativo	plural	ἔθνος	povos
εἶδεν	verbo		indicativo	aoristo		ativa	3a S				εἶδον	percebeu
εἰς	preposição	regência acusativa									εἰς	para
ἐκ	preposição	regência genitiva									ἐκ	a partir de
ἐκεῖ	advérbio	de lugar									ἐκεῖ	lá
ἐν	preposição	locativa									ἐν	com
ἐντολάς	substantivo	comum						feminino	acusativo	plural	ἐντολή	mandamentos
ἐνώπιον	preposição	regência genitivo									ἐνώπιον	diante de
ἐπὶ	preposição	regência acusativo									ἐπὶ	sobre
ἐπὶ	preposição	regência genitivo									ἐπὶ	sobre
ἐπὶ	preposição	regência dativo									ἐπὶ	sobre
ἐπτὰ	adjetivo	numeral						feminino	acusativo	plural	ἐπτὰ	sete
ἐρημον	substantivo	comum						feminino	acusativo	singular	ἐρημος	deserto
ἔστηκεν	verbo	transitivo	indicativo	perfeito	presente	ativa	3a S				ἵστημι	parou
ἔτεκεν	verbo	transitivo	indicativo	aoristo		ativa	3a S				τίκτω	deu à luz
ἔφυγεν	verbo	intransitivo	indicativo	aoristo		ativa	3a S				φεύγω	fugiu
ἔχει	verbo	transitivo	indicativo	imperfeito	presente	ativa	3a S				ἔχω	tem
ἐχόντων	verbo	transitivo	particípio	imperfeito	presente	ativa		masculino	genitivo	plural	ἔχω	mantém
ἔχουσα	verbo	transitivo	particípio	imperfeito	presente	ativa		feminino	nominativo	singular	ἔχω	tendo
ἔχων	verbo	transitivo	particípio	imperfeito	presente	ativa		masculino	nominativo	singular	ἔχω	tendo
ἡ	artigo	definido						feminino	nominativo	singular	ὁ	a
ἥλιον	substantivo	comum						masculino	acusativo	singular	ἥλιον	sol
ἡμέρας	substantivo	comum						feminino	acusativo	plural	ἡμέρα	dias
ἡμισυ	adjetivo							neutro	acusativo	singular	ἡμισυς	metade
ἦνοιξεν	verbo	transitivo	indicativo	aoristo		ativa	3a S				ἀνοίγω	abriu
ἡρπάσθη	verbo	transitivo	indicativo	aoristo		passivo	3a S				ἁρπάζω	foi carregada
ἧτις	pronome	relativo						feminino	nominativo	singular	ὅστις	que
ἡτοιμασμένον	verbo	intransitivo	particípio	perfeito	presente	passiva		masculino	acusativo	singular	ἐτοιμάζω	preparado
θεόν	substantivo	comum						masculino	acusativo	singular	θεός	Deus
θεοῦ	substantivo	comum						masculino	genitivo	singular	θεός	Deus
θρόνον	substantivo	comum						masculino	acusativo	singular	θρόνος	trono
ἰδοῦ	verbo	interjeição demonstrativa	infinitivo	aoristo		ativa	2a S				ἰδοῦ	eis

Ἰησοῦ.	substantivo	próprio						masculino	genitivo	singular	Ἰησοῦς.	Jesus
ἵνα	conjunção	de causa									ἵνα	para que
καὶ	conjunção	aditiva									καί	e
καιρὸν	substantivo	comum						masculino	acusativo	singular	καιρός	tempo
καιροῦ	substantivo	comum						masculino	genitivo	singular	καιρός	tempo
καιροὺς	substantivo	comum						masculino	acusativo	plural	καιρός	tempos
καταφάγη	verbo	transitivo	subjuntivo	aoristo		ativa	3a S				κατεσθίω	devorasse
κατέπιεν	verbo	transitivo	indicativo	aoristo		ativa	3a S				καταπίνω	engoliu
κέρατα	substantivo	comum						neutro	acusativo	plural	κέρας	chifres
κεφαλὰς	substantivo	comum						feminino	acusativo	plural	κεφαλή	cabeças
κεφαλῆς	substantivo	comum						feminino	genitivo	singular	κεφαλή	cabeça
κράζει	verbo		indicativo		presente	ativa	3a s				κράζω	gritava
λοιπῶν	adjetivo							masculino	genitivo	plural	λοιπός	restantes
μαρτυρίαν	substantivo	comum						feminino	acusativo	singular	μαρτυρία	testemunho
μέγα	adjetivo							neutro	nominativo	singular	μέγας	grande
μεγάλου,	adjetivo	normal						masculino	genitivo	singular	μέγας	grande
μέλλει	verbo	locução verbal	indicativo	imperfeito	presente	ativa	3a S				μέλλω	prestes a
μελλούσης	verbo	intransitivo	particípio	imperfeito	presente	ativa		feminino	genitivo	singular	μέλλω	prestes
μετὰ	preposição	regência genitiva									μετὰ	contra
ὁ	artigo	definido						masculino	nominativo	singular	ὁ	o
ὄν	pronome	relativo						masculino	acusativo	singular	ὅς	que
ὀπίσω	preposição	regência genitiva									ὀπίσω	atrás de
ὅπου	conjunção	lugar									ὅπου	onde
ὅς	pronome	relativo						masculino	nominativo	singular	ὅς	que
ὅταν	conjunção	de tempo									ὅταν	quando
ὅτε	conjunção	de tempo									ὅτε	quando
ὅτι	conjunção	explicativa									ὅτι	que
οὐρά	substantivo	comum						feminino	nominativo	singular	οὐρά	calda
οὐρανῷ	substantivo	comum						masculino	dativo	singular	οὐρανός	céu
ὄφως.	substantivo	comum						masculino	genitivo	singular	ὄφις	serpente
ὄφιος	substantivo	comum						masculino	nominativo	singular	ὄφις	serpente
πάντα	adjetivo	indefinido						neutro	acusativo	plural	πᾶς	todos
περιβεβλημένη	verbo		particípio	perfeito		passivo		feminino	nominativo	singular	περιβάλλω	envolvida
πέτῃται	verbo	transitivo	subjuntivo	imperfeito	presente	média	3a S				πέτομαι	voasse
ποδῶν	substantivo	comum						masculino	genitivo	plural	πούς	pés
ποιήση.	verbo	intransitivo	subjuntivo	aoristo		ativa	3a S				ποιέω	criado
ποιμαίνειν	verbo	locução verbal	infinitivo	imperfeito	presente	ativo					ποιμαίνω	apascentar

πόλεμον	substantivo	comum						masculino	acusativo	singular	πόλεμος	guerra
ποταμόν	substantivo	comum						masculino	acusativo	singular	ποταμός	rio
ποταμοφόρητον	adjetivo							feminino	acusativo	singular	ποταμοφόρητος	levada pelo
πρὸς	preposição	regência acusativa									πρός	rumo a
προσώπου	substantivo	comum						neutro	genitivo	singular	πρόσωπον	vista
πτέρυγες	substantivo	comum						feminino	nominativo	plural	πτέρυξ	asas
πυρρὸς	adjetivo	relativo a 'fogo'						masculino	nominativo	singular	πυρός	de fogo
ράβδω	substantivo	comum						feminino	dativo	singular	ράβδω	cajado
σελήνη	substantivo	comum						feminino	nominativo	singular	σελήνη	lua
σημεῖον	substantivo	comum						neutro	nominativo	singular	σημεῖον	sinal
σιδηρᾷ	adjetivo							feminino	dativo	singular	σιδηροῦς	de ferro
σπέρματος	substantivo	comum						neutro	genitivo	singular	σπέρμα	semente
στέφανος	substantivo							masculino	nominativo	singular	στέφανος	coroa
στόματος	substantivo	comum						neutro	genitivo	singular	στόμα	boca
σύρει	verbo	transitivo	indicativo	imperfeito	presente	ativo	3a S				σύρω	varria
τὰ	artigo	definido						neutro	acusativo	plural	ὁ	os
τάς	artigo	definido						feminino	acusativo	plural	ὁ	as
τεκεῖν	verbo	intransitivo	infinitivo	aoristo		ativa					τίκτω	dar à luz
τέκη	verbo	intransitivo	subjuntivo	aoristo		ativa	3a S				τίκτω	desse à luz
τέκνον	substantivo	comum						neutro	acusativo	singular	τέκνον	criança
τῇ	artigo	definido						feminino	dativo	singular	ὁ	a
τὴν	artigo	definido						feminino	acusativo	singular	ὁ	o
τηρούντων	verbo	transitivo	particípio	imperfeito	presente	ativa		masculino	genitivo	plural	τηρέω	guardam
τῆς	artigo	definido									ὁ	a
τὸ	artigo	definido						neutro	acusativo	singular	ὁ	a
τὸν	artigo	definido						masculino	acusativo	singular	ὁ	o
τόπον	substantivo	comum						masculino	acusativo	singular	τόπος	lugar
τοῦ	artigo	definido						masculino	genitivo	singular	ὁ	do
τρέφεται	verbo	intransitivo	indicativo	imperfeito	presente	passiva	3a S				τρέφω	alimentada
τρέφωσιν	verbo		subjuntivo	imperfeito	presente	ativa	3a P				τρέφω	alimentassem na
τρίτον	adjetivo	numeral						neutro	acusativo	singular	τρίτος	terço
τῷ	artigo	definido						masculino	dativo	singular	ὁ	o
τῶν	artigo	definido						masculino	genitivo	plural	ὁ	das
ὔδωρ	substantivo	comum						neutro	acusativo	singular	ὔδωρ	água
υἱὸν	substantivo	comum						masculino	acusativo	singular	υἱός	filho
ὑποκάτω	preposição	regência genitivo									ὑποκάτω	debaixo
χίλιας	adjetivo	cardinal						feminino	acusativo	plural	χίλιοι	mil

ᾠδίνουσα	verbo		particípio		presente	ativa		feminino	nominativo	singular	ᾠδίνω	dores de parto
ᾠργίσθη	verbo	transitivo	indicativo	aoristo		passiva	3a S				ὀργίζομαι	foi provocado
ὥς	conjunção	de modo									ὥς	como
ᾠφθη	verbo	transitivo	indicativo	aoristo		passivo	3aS				ὀράω	foi visto
ποταμόν	substantivo	comum						masculino	acusativo	singular	ποταμός	rio